



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**TAIWAN E O SEU PAPEL NO CONTEXTO DA RELAÇÃO
DE PODERES NA REGIÃO ÁSIA-PACÍFICO**

António Francisco Alves Rosa

Cor Eng Mat

Trabalho de Investigação Individual/ Grupo do CPOG

IESM 2007



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**TAIWAN E O SEU PAPEL NO CONTEXTO DA RELAÇÃO
DE PODERES NA REGIÃO ÁSIA-PACÍFICO**

António Francisco Alves Rosa

Cor Eng Mat

Trabalho de Investigação Individual/ Grupo do CPOG

Orientador: Major General António Pereira Noé Agostinho

IESM 2007

Agradecimentos

Aos meus Pais pelos ensinamentos e exemplo que tenho podido colher, materializados na sua conduta serena, frontal e dinâmica, que lhes tem permitido ultrapassar muitos escolhos da sua longa caminhada na vida.

Às minhas filhas pelo seu sorriso, alegria, esperança de um mundo melhor e precioso auxílio prestado na elaboração deste trabalho, em particular à Helena pela sua paciência e empenho.

Ao senhor Major General Agostinho pela disponibilidade e orientação transmitida, mas acima de tudo pela camaradagem demonstrada.

Ao senhor Cor Tir Eng Costa pelo apoio prestado sempre que solicitado, sendo um privilégio beneficiar da sua camaradagem.

Ao senhor General Loureiro dos Santos pela gentileza e inestimável contributo, da entrevista.

Ao senhor Cor Eng SMAT Castro Gonçalves pela sua meticulosa revisão do texto e pertinência de sugestões.

Ao senhor TenCor Dias Martins pela permanente disponibilidade no esclarecimento de conceitos e dúvidas apresentadas.

Aos camaradas que de alguma forma me apoiaram e muito me ensinaram.

Índice

Índice	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Palavras-chave	vii
Abreviaturas e Acrónimos	viii
Introdução	1
1. O contexto geopolítico e geoestratégico da região Ásia-Pacífico	5
a. Região Noroeste	5
b. Região Sudoeste	8
c. Região Sul	9
d. Estados Unidos da América.....	9
e. Índia.....	10
f. Litígios fronteiriços e reivindicações territoriais.....	11
g. Síntese conclusiva	12
2. Análise geopolítica e geoestratégica de Taiwan	13
a. Factor físico.....	13
(1) <i>Potencialidades</i>	13
(2) <i>Vulnerabilidades</i>	13
b. Factor humano.....	14
(1) <i>Potencialidades</i>	14
(2) <i>Vulnerabilidades</i>	14
c. Factor recursos	14
(1) <i>Potencialidades</i>	14
(2) <i>Vulnerabilidades</i>	14
d. Factor circulação	15
(1) <i>Potencialidades</i>	15
(2) <i>Vulnerabilidades</i>	15
e. Factor científico-tecnológico.....	15
f. Factor estruturas	16
(1) <i>Potencialidades</i>	16
(2) <i>Vulnerabilidades</i>	17
g. Síntese Conclusiva	18

3. Importância de Taiwan para a China.....	19
a. Relações políticas entre Taiwan e a China.....	19
b. Parâmetros para a importância de Taiwan.....	20
(1) <i>Nacionalismo</i>	21
(2) <i>A modernização do Exército Popular de Libertação</i>	21
(3) <i>As suas ambições regionais e internacionais</i>	21
c. Aspectos do factor militar chinês conjugados com a realidade de Taiwan.....	22
d. Aspectos do factor económico chinês conjugados com a realidade de Taiwan.....	23
e. Síntese conclusiva.....	24
4. Importância de Taiwan na estratégia americana para a região.....	25
a. Estratégia americana na região.....	26
b. A relação entre Taiwan e Estados Unidos da América.....	27
c. Síntese Conclusiva.....	30
5. Cenários prospectivos de evolução na relação Taiwan / China / EUA.....	31
Conclusões.....	38
Bibliografia.....	41
<i>Apêndice 1 - Corpo de Conceitos.....</i>	<i>48</i>
<i>Apêndice 2 - Comando Militar Regional Americano da Ásia - Pacífico (PACOM).....</i>	<i>51</i>
<i>Apêndice 3 - Breve resenha histórica de Taiwan.....</i>	<i>52</i>
<i>Apêndice 4 - Factores geopolíticos e geoestratégicos sobre Taiwan.....</i>	<i>55</i>
<i>Apêndice 5 - Crises entre Taiwan e China.....</i>	<i>73</i>
Anexo A - Região Ásia-Pacífico.....	78
Anexo B - Região Noroeste da Ásia-Pacífico.....	79
Anexo C - Região Sudoeste da Ásia-Pacífico.....	81
Anexo D - Região Sul da Ásia-Pacífico.....	82
Anexo E - Alguns dados sobre os EUA e a Índia.....	83
Anexo F - Asia Pacific Economic Corporation (APEC).....	84
Anexo G - Disputas territoriais.....	85
Anexo H - Identidade taiwanesa / chinesa (1995-2006).....	86
Anexo I - Sondagem de opinião Pública.....	87
Anexo J - Estimativa do Orçamento de Defesa Chinesa.....	88
Anexo K - Venda de equipamento militar da Rússia à China.....	89
Anexo L - Potencial de mísseis balísticos da China.....	90
Anexo M - Equilíbrio militar quantitativo convencional das Forças em 2005.....	91
Anexo N - Transacções comerciais entre Taiwan e a China.....	92
Anexo O - Principais parceiros comerciais de Taiwan.....	93

Resumo

Taiwan é um território, com um sistema político democrático, de grande poder económico, e que participa em vários *fora* internacionais que não requerem relações formais entre Estados. A sua situação geográfica no eixo de rotas marítimas que contornam o mar do Sul da China, conferem-lhe uma importância estratégica para o comércio e poder militar na região.

A China por razões históricas e geográficas reivindica, em última instância pela força, a reunificação desta ilha ao Continente. Poder-se-á pensar que à medida que o seu poder aumenta, tudo fará para que essa união seja o seu objectivo principal.

Por seu lado os EUA reconhecem que os chineses que vivem de ambos os lados do Estreito de Taiwan pertencem apenas a uma China. Desde 1971 todas as Administrações têm actuado de acordo com um quadro político de “uma China”, desde que tal aconteça sem o uso da força.

É neste contexto que se insere o trabalho, procurando-se fazer a interpretação geoestratégica das dinâmicas regionais que permite identificar os actores, as suas intenções e focos de conflitualidade. Esta conflitualidade é moderada pela presença dos Estados Unidos, o principal actor externo da região. Tentamos identificar os aspectos relevantes de interesse para a política chinesa, bem como, para a estratégia americana na região, de modo a podermos estabelecer uma relação entre a possível atitude que a China, os EUA e Taiwan adoptarão, projectando potenciais consequências daí decorrentes.

No final deste trabalho apresentamos um conjunto de cenários prospectivos de evolução na relação Taiwan-China-EUA, procurando destacar as repercussões que teriam na região Ásia-Pacífico.

Abstract

Taiwan is a territory that has a democratic political system, with great economic power and that takes part in several international *fora* that do not require formal relationships among states. Its geographical situation, in the axis of maritime routes that outline China's Southern Sea, grants it a strategic importance for the trade and military power in the region.

China, for historical and geographical reasons, claims, in last resort by force, the reunification of this island with the continent. It may be reasonable to think that, as its power increases, it will do everything in order to place this union as its main purpose.

On the other hand, the USA recognize that chinese people that live on both sides of the Strait of Taiwan belong to "one only China". Since 1971, all the Administrations have acted according to a political scenario of "one only China", as long as such happens without the use of force.

It is in this context that is inserted this study, where it is attempted the geostrategic interpretation of the regional dynamics, which allows to identify actors, their intentions and belligerence surges. This belligerence is moderate because of the presence of the United States, the main external actor in the region. We try to identify the important aspects of interest for chinese politics, as well as for the American strategy in the region, with the purpose of establishing a relationship between the possible position, which China, the USA and Taiwan can adopt, envisioning potential effects that may result from it.

At the end of this study, we present a series of evolution prospective scenarios in the relationship Taiwan-China-USA, trying to highlight the repercussions that they would have in the Asia-Pacific region.

Palavras-chave

Taiwan; China; Estados Unidos da América; Disputa territorial; Reunificação; Ásia Pacífico; Estratégia; Geoestratégia; Conflito.

Abreviaturas e Acrónimos

ABM	Anti-Ballistic Missile
ANZUS	Tratado de segurança entre Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos
APEC	Asia Pacific Economic Corporation
ARF	ASEAN Regional Forum
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
ASEM	Asia-Europe Meeting
C4ISR	Command, Control, Communications, Computer, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance
ELINT	Electronic Intelligence
EPL	Exército Popular de Libertação
EUA	Estados Unidos da América
FA	Forças Armadas
FMI	Fundo Monetário Internacional
FPDA	Five-Power Defence Arrangements
ICFTU	International Confederation of Free Trade Union
Km	Kilómetro
KMT	Kuomintang ou Partido Nacionalista
MDN	Ministério de Defesa Nacional
NBQ	Nuclear Biológica Química
NMD	National Missile Defense
NSA	National Security Agency
NSB	National Security Bureau
OCDE	Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMC	Organização Mundial do Comércio, sigla em inglês WTO
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PDP	Partido Democrático Progressista
PIB	Produto Interno Bruto
PIF	Pacific Island Forum
PN	Partido Novo
PPP	Partido Primeiro o Povo

RC	República da China
RPC	República Popular da China
SIGINT	Signals Intelligence
TMD	Theater Missile Defense
TRA	Taiwan Relations Act
UE	União Europeia
USD	Dólar americano
USNP	União Solidariedade dos Não Partidários
UST	União Solidariedade de Taiwan

Introdução

O Pacífico, como conceito geopolítico, não deverá ser entendido como a soma dos países banhados pelo vasto oceano. Se ao Oceano Pacífico juntarmos a Ásia, que lhe é ribeirinha, estamos perante uma possível designação da região Ásia-Pacífico, que abrange uma imensa extensão territorial e marítima com elevada massa humana.

A diversidade política é grande, coexistindo democracias, monarquias e Estados Totalitários. As diferenças de cultura, religião e língua são manifestas, não existindo elementos de coesão regional. A situação geopolítica é marcada por grandes crescimentos económicos, contrastando com elevados níveis de pobreza e por melhoria significativa das relações entre países, mas também por uma rápida modernização militar e crescente concorrência entre potências. *“Mesmo que cooperem em muitos aspectos económicos, as nações asiáticas não deixam de se considerar rivais estratégicos”* (Kissinger, 2003: 101).

O desenvolvimento proporciona uma maior prosperidade, tornando os povos mais confiantes e ambiciosos, o que para além de outras implicações, possibilita o aumento dos potenciais militares e conseqüentemente instabilidade no equilíbrio de forças. Resulta assim uma região muito estratificada, onde as iniciativas de segurança não ultrapassam o quadro da cooperação bilateral. Embora os países desta área desenvolvam uma política assertiva a situação é de tensão, sendo incerta, volátil e imprevisível. Numerosas fontes de conflito podem ser objecto de exploração demagógica e então tornar-se explosivas, como o caso de Taiwan, que com a sua vitalidade económica alcançou uma influência mundial, susceptível de pretender o seu reconhecimento enquanto “entidade política”.

Já Friedrich Ratzel, um dos teorizadores do poder nacional do século XX, afirmou que o Oceano Pacífico seria o oceano do futuro e as Nações que o rodeiam, tornar-se-iam potências mundiais. Relewa-se que nesta área coabitam três grandes potências: Rússia, China, Japão e a superpotência dominante Estados Unidos da América (EUA). Pela situação geográfica ao Sul do continente asiático, a sua demografia, a sua expansão pacífica e influência no Sudeste asiático, a Índia é uma potência que não pode ser ignorada.

A configuração geopolítica da região associa, por um lado, a supremacia daquela que é considerada a potência global¹, os EUA, e por outro as grandes potências regionais² como a China, Rússia, Japão e Índia, também determinantes para a configuração do poder regional e para a resolução das grandes questões internacionais.

¹ Ver Apêndice 1 - Corpo de Conceitos

² Idem

A China, graças ao seu grande desenvolvimento económico, encorajado pelos investimentos vindos de todo o mundo, está a constituir-se como uma potência militar sem igual na região. A sua determinação em assegurar recursos energéticos leva-a a adoptar um relacionamento estreito com um conjunto de Estados marginalizados pelos EUA. Por outro lado, mantém uma conflitualidade com os EUA a propósito de Taiwan, considerada por si, como parte integrante do seu território e que os americanos aceitam ser pretensa geográfica da China, mas pretendendo que a reunificação se faça de forma pacífica.

Taiwan é um território de grande poder económico, com um sistema político democrático, situado geograficamente no eixo das rotas marítimas que contornam o mar do Sul da China e sobem em direcção ao Japão, conferindo-lhe uma importância estratégica crucial para o comércio e poder militar na região. A protecção americana continua a ser vital para dissuadir uma eventual reunificação, através da força, promovida pela República Popular da China (RPC). Esta, na sua óptica, entende que os EUA favorecem uma política de “duas China” o que constitui uma ingerência interna.

É neste contexto, com a afirmação militar e económica chinesa e a continuada intenção de promover a integração da ilha nacionalista, com os americanos procurando manter o actual *statu quo* entre a ilha e o continente, que a situação de Taiwan se torna importante não só pela instabilidade que gera na região, como pelo contencioso que provoca entre os EUA e a China. É possível assim dizer que o tema proposto **“Taiwan e o seu papel no contexto das relações de poderes na região Ásia-Pacífico”** se reveste de grande importância, quer pela sua actualidade, quer pelas implicações directas que poderá ter na segurança da região Ásia-Pacífico.

O quadro descrito anteriormente permitirá então estabelecer uma relação entre a possível atitude que a China, os EUA e Taiwan adoptarão e as consequências que daí podem advir. A maior interdependência e crescente complexidade das relações internacionais, conjugadas com a globalização de informação, comunicação e economia, levam a que qualquer desequilíbrio de poderes se repercute a nível Mundial. É neste âmbito que se assume como objectivo da investigação a interpretação geoestratégica das dinâmicas regionais que permitem identificar os seus actores, suas intenções e focos de conflitualidade. Considera-se também importante fazer um exercício prospectivo, procurando elencar os cenários de evolução de Taiwan e respectivos impactos estratégicos que deles decorrerão, e as suas possíveis implicações no equilíbrio de poderes na região Ásia-Pacífico.

Importa desde já efectuar uma delimitação a dois níveis: temporal e de conteúdo. No âmbito do nível temporal, sem desprezar determinadas referências históricas que consideramos pertinentes, a abordagem centra-se fundamentalmente nos acontecimentos ocorridos desde o final da Guerra-Fria até aos nossos dias. Para permitir a compilação deste trabalho, considerámos como limite de referência a data de 15 de Fevereiro de 2007. Relativamente ao nível do conteúdo entendeu-se por bem considerar a região Ásia-Pacífico como o espaço geográfico³ composto pelo Oceano Pacífico Ocidental, as costas orientais do Continente asiático e a Oceânia. Importa ainda referir, que não vamos falar de todos os países presentes ou confinantes com o Pacífico, ou com interesse na região. Não o faremos por critérios constantes na importância efectiva ou percebida de cada país na região, e mais concretamente para o tema em assunto, independentemente de ele ser sobranceiro ao Oceano. Perante a vastidão de questões que o tema suscita no âmbito das relações internacionais e de poder em perspectiva na Ásia-Pacífico, procurou-se circunscrevê-las ao campo político-estratégico e económico.

Na realização deste estudo considerou-se como metodologia de investigação, o método científico com recurso, essencialmente, ao método dedutivo através de pesquisa documental e bibliográfica, complementado com entrevista exploratória a personalidade de mérito reconhecido nesta matéria. Procedeu-se ainda a uma permanente monitorização da região Ásia-Pacífico, recorrendo sobretudo a fontes abertas, como órgãos de comunicação social e Internet. Para desenvolvimento do trabalho definimos a seguinte questão central: **“Que relevância tem Taiwan na relação de poderes na região Ásia-Pacífico?”**

Da necessidade de enformar um percurso metodológico, lógico e coerente, levantámos a partir desta questão central, as seguintes questões derivadas:

1. Qual a actual configuração geopolítica e geoestratégica da região Ásia-Pacífico?
2. Quais as potencialidades e vulnerabilidades geoestratégicas de Taiwan?
3. Quais as implicações geoestratégicas no relacionamento entre Taiwan e a China?
4. De que forma Taiwan influencia a estratégia Americana para a região?
5. Que perspectivas, para a evolução da questão de Taiwan e das estratégias dos EUA e China para a região?

³ Anexo A - Região Ásia-Pacífico

As questões elencadas deram origem à formulação das seguintes hipóteses:

1. A região Ásia-Pacífico conjuga uma dinâmica económica extraordinária com uma incerteza política crescente.
2. A China manter-se-á como uma ameaça à segurança de Taiwan.
3. Os EUA continuarão a ser, a curto e médio prazo, a potência regional dominante, considerando Taiwan importante para a sua política na região e essencial no seu equilíbrio geopolítico e geoestratégico.
4. A actual conjuntura reserva um papel importante para Taiwan no desencadear e prevenção de algum conflito, necessitando esta atitude de apoio externo e de libertação de algumas dissensões internas.

O trabalho estruturado em cinco capítulos, inicia-se com a presente **Introdução**, que representa uma primeira aproximação ao tema, com explanação do objectivo que se pretende alcançar. Um primeiro capítulo denominado, **O contexto geopolítico e geoestratégico da região Ásia-Pacífico**, em que se efectua uma abordagem no sentido de determinar quais as dinâmicas dos diferentes actores na região e interesses em presença. Constituiu-se um segundo capítulo, **Análise geopolítica e geoestratégica de Taiwan**, onde se pretende identificar os factores de poder e vulnerabilidades que permitam entender a importância de Taiwan no contexto da região. Um terceiro capítulo intitulado, **A importância de Taiwan para a China**, em que se procura identificar os aspectos relevantes considerados, na visão chinesa, como essenciais para a continuação da sua afirmação na cena internacional. **A importância de Taiwan na estratégia americana para a região**, constituiu o quarto capítulo no qual se caracteriza o interesse americano na ilha, com o objectivo de limitar a ascensão da China e impedir a redistribuição do poder na região. Um quinto capítulo denominado **Cenários prospectivos de evolução na relação Taiwan-China-EUA**, onde são levantados alguns cenários prospectivos, procurando destacar as repercussões que teriam na região Ásia-Pacífico. No final, conjugando parte da informação e análise apresentadas anteriormente, expomos como **Conclusões** os resultados obtidos para, de forma sistematizada, dar resposta à questão central considerada, dando assim por terminado o trabalho.

1. O contexto geopolítico e geoestratégico da região Ásia-Pacífico

Neste capítulo contextualizámos, de forma necessariamente sucinta, a região Ásia-Pacífico segundo uma perspectiva geopolítica e geoestratégica. Assim analisámos o factor físico, uma vez que estamos na presença de alguns dos países com maior extensão, a nível mundial. Também se revestiu de especial interesse determinar os recursos naturais existentes. Tornou-se igualmente essencial analisar o factor humano e económico por serem multiplicadores do potencial. Finalmente o factor militar também foi analisado já que traduz uma componente importante do poder.

O espaço geográfico que estamos a considerar compreende uma imensa extensão territorial e marítima, elevada demografia e uma economia florescente, com um conjunto de actores que vêm adquirindo um protagonismo muito relevante ao nível político, estratégico, económico, social, cultural e ambiental. Abordámos a análise dos actores mais importantes, por região, tendo por centro o Pacífico, e destacámos outros que pelo seu potencial estratégico, de alguma forma, podem influenciar o actual equilíbrio de poderes, designadamente, os EUA e a Índia.

a. Região Noroeste

Nesta região⁴ estão identificados diversos mares (Bering, Okhotsk, Japão, China Oriental e Meridional), com um grande conjunto de ilhas que originam muitos estreitos, alguns de conflitualidade fronteiriça de que se destacam, o de Pérouse que separa a Rússia (ilhas Sacalina) do Japão; o da Coreia entre a Coreia do Sul e o Japão; o de Taiwan que divide a RPC de Taiwan e liga o Mar da China Oriental ao Meridional.

A Rússia, Estado mais extenso do mundo, faz fronteira a Sul com a China e a Sudeste com a Coreia do Norte. A sua localização não favorece o controle das principais rotas marítimas, sendo exíguas as suas saídas para águas navegáveis⁵. A sua população tem uma média de idades relativamente baixa, aproximadamente 38 anos, e uma taxa de crescimento negativa. Apresenta uma uniformidade étnica dado que 81% da população é Russa, professando maioritariamente a religião ortodoxa. É um dos líderes mundiais na produção de carvão, petróleo, e gás natural, sendo o seu escoamento dificultado pelas extensas linhas de comunicação necessárias. Em termos económicos o crescimento estimando de 2006 foi de 6,6%. No aspecto militar é detentora de Forças Armadas (FA) com capacidade nuclear.

⁴ Anexo B – Região Noroeste da Ásia-Pacífico

⁵ Posição já defendida pelos teorizadores clássicos, da geopolítica, Haldorf Mackinder e Alfred Mahan

A despesa com a defesa⁶ em 2005 representou 2,6% do Produto Interno Bruto (PIB). Aprofunda relações com a China e Índia, através da exportação de armamento e de recursos energéticos. Procura recuperar a sua posição e voltar a ter relevância nas relações de poder à escala mundial.

A Coreia do Norte faz fronteira a Norte com a China. A sua população apresenta fraca taxa de crescimento. É rica em recursos minerais e combustíveis, como o carvão e o urânio. O seu crescimento económico foi de 1% em 2006, figurando entre os 30 países mais pobres do mundo. Continua a desenvolver o seu programa nuclear, tendo efectuado, em Outubro de 2006, dois ensaios que provocaram forte contestação da comunidade internacional e especialmente da Coreia do Sul, Japão, Taiwan e EUA. As FA norte coreanas dispõem de capacidade operacional reduzida. A despesa com a Defesa corresponde a 25% do PIB.

A Coreia do Sul, situada na parte Sul da península da Coreia, apresenta uma baixa taxa de natalidade e elevada densidade populacional. Possui um grande desenvolvimento na indústria automóvel e electrónica, sendo o seu crescimento económico em 2006 de 4% com uma inflação prevista de 3,6%. Tem vindo a aumentar a sua capacidade militar com um investimento que representa 2,8% de PIB. Através de uma política estratégica de reunificação, centrando o seu esforço na redução do atraso económico em que se encontra a Coreia do Norte, tem vindo a admitir-lhe quase tudo de modo a não melindrar os “irmãos” do Norte, evitando prejudicar o relacionamento entre ambos.

O Japão não tem fronteiras terrestres, caracterizando-se pela sua descontinuidade territorial e por ter uma posição insular de grande interesse estratégico, uma vez que a sua localização limita o acesso a mar aberto a Estados poderosos como a Rússia, as Coreias e China. A população tem uma esperança média de vida, à nascença, de 81,25 anos (CIA, 2006) e uma natalidade de 0,02%. Análises prospectivas avançam para uma diminuição da população em 2025 (Country Ranks, 2006). Esta crise de envelhecimento poderá travar a sua recuperação económica num prazo mais alargado. A escassez de recursos naturais torna-o muito dependente do comércio externo, especialmente de recursos energéticos e alimentares. O domínio de altas tecnologias faz da economia japonesa uma das maiores do mundo, ocupando o segundo lugar na lista de países com o PIB mais elevado (CIA, 2006). É um dos principais aliados dos americanos, embora hoje em dia o mercado chinês também já seja um grande parceiro. É, ainda, a potência económica dominante na região.

⁶ <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/mo-budget.htm> (01 Dezembro 06)

Protegido pelos EUA, a sua política de Defesa apresenta um carácter eminentemente defensivo. Conta com a presença de 40.000 militares norte americanos colocados em diversas bases existentes no seu território. As suas FA estão organizadas em Forças de Auto Defesa Terrestre, Aérea e Marítima (CIA, 2006). Em 2006 disponibilizou para a Defesa cerca de 44,31 mil milhões de USD (IISS, 2005), correspondendo a 1% do seu PIB (CIA, 2006). No entanto, a sua anterior postura pacifista dá mostras de se encontrar já em vias de transformação, estando a remodelar as suas Forças com Unidades Especiais de combate ao terrorismo. Em matéria de Segurança a sua política é a de manter uma capacidade de defesa (FRS, 2006) de modo a: adaptar-se aos desafios regionais e internacionais actuais; aliar-se com os EUA; cooperar com a comunidade internacional. O seu livro branco de Defesa considera a China como uma ameaça.

A China, o quarto maior Estado do mundo em território, cuja fronteira terrestre confina com 14 Estados, é o mais populoso. Encontra-se entre os países com maior taxa de envelhecimento. Embora com heterogeneidade cultural marcada e lutas étnicas graves, “*O seu factor de união é a sua escrita ideográfica*” (Lacoste, 2006: 166). O seu crescimento económico anual é da ordem dos 9%. O fulgor do seu desenvolvimento económico já se repercutiu no plano mundial (triplicou o preço do aço, aumentou a procura de minerais e de petróleo). Em termo de PIB é a terceira potência económica mundial. Apresenta um excedente comercial de 102 milhões de USD com os EUA e 70 milhões USD com União Europeia (UE). É o quarto maior exportador mundial⁷. O Segundo Corpo de Artilharia constitui-se como uma Força estratégica que tem como missão o controlo de mísseis balísticos, tanto em terra como em plataformas aéreas e navais. Esta Força possui mísseis com alcances até 13.000km.⁸ A sua capacidade nuclear firma-se como um factor de poder. Embora aceite a transferência tecnológica e os métodos de gestão americanos, considera a presença da superpotência como um agente de destabilização que pretende impor os seus valores e modo de vida ocidental pouco compatíveis com as tradições e costumes locais.

Taiwan é uma ilha com 36.000Km², incluindo os arquipélagos de Pescadores, Quemoy e Matsu. Dista cerca de 160km da costa Sudeste da China. O chamado estreito de Taiwan separa-o do continente, sendo uma zona de grande interesse estratégico uma vez que, por ali passam cerca de 80% dos abastecimentos para Norte. Mantêm um diferendo de soberania com a China⁹.

⁷Disponível em http://www.photius.com/rankings/economy/exports_2006_0.html (01 Dezembro 06)

⁸Disponível em www.defenselink.mil/pubs/prolif97/nc_asia (01 Dezembro 06)

⁹ Este assunto pela sua importância no contexto geoestratégico actual será aprofundado nos capítulos 2 e 3

É uma das principais Nações comerciais da Ásia, sendo considerada 16ª do mundo (OMC, 2006). A população estimada é de 23 milhões de habitantes.

b. Região Sudoeste

Nesta zona¹⁰ importam referir: o mar das Filipinas, do Coral, da Tasmânia, dos Céleres, de Timor e Arafura que interpenetram Estados como as Filipinas e Indonésia.

Aí encontram-se países como a Tailândia, Malásia e Indonésia, nações onde o investimento estrangeiro tem aumentado de forma notável. Apresentam taxas de crescimento médio anual de 5% com uma base industrial centrada em produtos têxteis e eléctricos. É de salientar a importância que o estreito de Malaca tem para os diferentes países da região, ligando o oceano Índico ao Mar da China e constituindo uma passagem vital aos transportes marítimos entre a Europa, Médio Oriente e Ásia. Actualmente esta área está sujeita a intenso patrulhamento por parte das Marinhas americana e indiana, e pela presença militar chinesa.

A Indonésia com uma população de religião muçulmana constitui-se o maior arquipélago do mundo. Estabeleceu uma cooperação especial com a Índia através da instalação de uma estação de satélites. Mantém uma estreita relação com os EUA. É um dos grandes produtores de petróleo e gás natural. O orçamento da defesa é de 3% do PIB.

Singapura o maior centro comercial e financeiro da Ásia, a seguir ao Japão, despendeu com a Defesa 5% do PIB. Em parceria com a Malásia estão ligados através de um mecanismo de segurança multilateral Five-Power Defence Arrangements (FPDA), cujos signatários para além destes são o Reino Unido, a Austrália e a Nova Zelândia.

Deste conjunto, as Filipinas, constituem um dos Estados que apresenta uma menor capacidade económica, afectando à Defesa apenas de 1% do PIB.

Os países da região encontram-se reunidos numa organização com o objectivo de promover a cooperação económica, a Association of Southeast Asian Nations¹¹ (ASEAN, 2006). Estes Estados caracterizam-se pela sua grande capacidade de adaptação às tecnologias modernas, sendo ainda membros do ASEAN Regional Fórum (ARF) que privilegia assuntos de Segurança regional. Realça-se que da verba disponível para a Defesa destes países, a grande percentagem é destinada aos meios navais.

A diáspora chinesa na região é de cerca de 25 milhões.

¹⁰ Anexo C – Região sudoeste da Ásia - Pacífico

¹¹ Singapura, Tailândia, Indonésia, Malásia, Brunei, Filipinas, Camboja, Laos, Vietname e Myanmar

c. Região Sul

Zona onde existe uma variedade de ilhas¹² de insofismável importância geopolítica. Algumas independentes, outras “protectorados” permitem a determinadas potências marcar presença na dinâmica da região. A este conjunto de ilhas, que genericamente constituem a Melanésia e a Polinésia, acrescentamos o colosso australiano e a Nova Zelândia.

A Austrália apresenta uma invejável economia, marcada por um crescimento quase ininterrupto desde há 15 anos. Participa em diversas Organizações Internacionais¹³ de cariz económico, político, humanitário e militar. Grande detentora de recursos minerais, é auto-suficiente em energia eléctrica e em gás natural. Na Ásia é um mediador estratégico junto da China, sendo ainda o seu fornecedor de urânio. Faz um pouco o papel de “polícia” na tentativa de garantir segurança a pequenos países da zona através do seu patrulhamento marítimo. Embora forte aliado americano procura uma melhoria das relações com os países asiáticos em expansão. As suas FA desenvolvem um grande programa de reequipamento das capacidades de Defesa com um investimento de 2,7% do PIB.

A Nova Zelândia encontra-se a Sudeste da Austrália. É possuidora de significativos recursos minerais e energéticos, sendo auto-suficiente em energia eléctrica e gás natural. Apresenta uma forte relação com a Austrália formalizada no tratado ANZUS. Detém relações bilaterais com os EUA em assuntos relacionados com bancos pesqueiros da Antártida e do Pacífico e é um grande parceiro comercial do Japão. Em termos militares baseia a sua segurança numa parceria para a Defesa com a Austrália.

d. Estados Unidos da América

Os EUA¹⁴ encontram-se localizados no Continente Norte-americano, sendo a sua fronteira a Oeste o Oceano Pacífico. Uma rede insular permite-lhes projectar o seu poderio geopolítico até à costa asiática, servindo ainda de estações de projecção em direcção ao Oceano Índico e Médio Oriente. Em termos étnicos evidencia uma grande diversidade etnográfica, uma enorme miscigenação de raças e elevado grau de literacia 82,6% (Badie; e at, 2006: 398). São detentores de diversos recursos minerais e energéticos, sendo um dos países tecnologicamente mais desenvolvidos. Com forte cultura empresarial, é considerado o grande motor da economia mundial, produz 20,9% do PIB mundial (FMI, 2006).

¹² Anexo D - Região Sul da Ásia-Pacífico

¹³ Realça-se as ANZUS, APEC, ASEAN, ICFTU, OCDE, PIF, ONU

¹⁴ Anexo E - Alguns dados sobre os EUA e a Índia

Na região da Ásia-Pacífico funcionam como consumidor principal, absorvendo uma parte significativa das exportações de diversas economias emergentes na região. Acumulam défices comerciais elevados, principalmente com a China e Japão e são membro influente da organização APEC¹⁵. A sua estratégia de Defesa reside no modo de detectar como a ameaça se manifesta e quais as capacidades que são necessárias para a prevenir e enfrentar. As suas FA estão a evoluir para meios militares mais ágeis, flexíveis e projectáveis. O seu efectivo é de 1.433.600 militares, existindo um Comando próprio na área do Pacífico¹⁶. As despesas com a Defesa foram de 4,06 % do PIB em 2006, sendo o país que, no mundo, mais despende neste campo. Consideram esta região de interesse vital para a sua estratégia global, percebendo-a como uma ameaça¹⁷ à sua hegemonia, sobretudo devido à China. O seu papel é fundamental para dar resposta à questão de Taiwan, que influencia o contexto geoestratégico desta Região¹⁸.

e. Índia

A Índia¹⁹ situada a sul do continente asiático e a Norte do oceano Índico, com o qual se interpenetra, é o segundo país mais povoado do mundo. É considerada a democracia mais populosa do mundo. No entanto prospecta-se que em 2025 esteja em igualdade demográfica com a China com quem faz fronteira a Norte. A unidade da União Indiana é formada por um conjunto de povos que falam diversas línguas, grande variedade cultural, mas com a civilização hindu como aglutinadora. “ (...) *cette Union qui rassemble dès peuples linguistiquement si différents traduit la puissance de leur dénominateur commun: une civilisation commune, la civilisation hindoue, que procède de la religion hindouiste*” (Lacoste, 2006: 193). A sua economia, quinta a nível mundial, é sustentada numa política de privatização que se encontra em franco crescimento. Possui um sistema fiscal moderno e um sistema financeiro avançado. A taxa média de crescimento anual do PIB é da ordem dos 7%. Ao adoptar uma política de aposta nos seus recursos humanos, tornou-se no maior exportador de serviços e trabalhadores de software, ainda que três quintos da população se dediquem à agricultura. Como recursos minerais detém a quarta maior reserva de carvão, mas as reservas de petróleo e gás natural são diminutas, importando cerca de 70% das suas necessidades de hidrocarbonetos. A energia nuclear constitui um apoio indispensável ao seu desenvolvimento.

¹⁵ Anexo F - APEC

¹⁶ Apêndice 2 - Comando Militar Regional Americano da Ásia-Pacífico (PACOM)

¹⁷ Apêndice 1 - Corpo de conceito

¹⁸ Este assunto pela sua importância no contexto geoestratégico actual será mais aprofundado no capítulo 4

¹⁹ Anexo E - Alguns dados sobre os EUA e a China

As FA são compostas por quatro Ramos: Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Costeira, sendo a Rússia um dos principais fornecedores de armamento. Em 2005 foram gastos 19,04 mil milhões de USD em despesas militares correspondentes a 2,5% do PIB (CIA, 2006). Procura no âmbito internacional um conjunto alargado de relações e alianças, constituindo-se um elemento essencial na política americana de neutralização da China. O controlo de importantes rotas de tráfego marítimo do Oceano Índico com destino ao Pacífico coloca-a numa situação de vantagem estratégica. Debate-se com problemas internos na gestão energética e de cursos de água com consequências graves para a degradação do meio ambiente. Mantém com o Paquistão uma tensão permanente centrada na região de Caxemira, com confrontações esporádicas. Paralelamente vão ocorrendo demonstrações de força de parte a parte através de ensaios nucleares.

f. Litígios fronteiriços e reivindicações territoriais

As relações na Ásia são extremamente fluidas e de natureza imprevisível. Existem, com efeito, na zona vários tipos de conflitos, uns mais antigos, outros mais recentes. A China e o Japão para além dos aspectos económicos, de segurança e de posicionamento na cena internacional disputam as ilhas Diaoyu/Senkaku por recursos enérgicos (gás natural).

O Japão disputa com a Rússia as ilhas Kouriles situadas a norte da ilha Hokkaido, e litiga com a Coreia do Sul as ilhas Takeshima/Tokado.

A China reivindica uma forte extensão do limite das suas águas territoriais²⁰ em oposição ao Vietname, Filipinas, Malásia, Indonésia, pela posse de várias ilhas (Parecel, Spratly, Natuna). A China e a Rússia embora tenham estabelecido um acordo ao longo dos 3645 km de fronteira, têm muitas demarcações contestadas. Existem também movimentos insurreccionistas ou secessionistas na China (Tibete e Xinjiang), na Indonésia (Aceh, Irian Java e Molucas), nas Filipinas (Mindanau) e no sul da Tailândia.

A questão da Região de Caxemira, a nordeste da Índia, actualmente sob Administração da China, Paquistão e Índia, não tem solução à vista. A Índia e o Paquistão mantêm uma relação complexa que se traduz num conflito permanente entre nações com potencial estratégico desigual, mas ambas com poder nuclear.

O conflito entre as duas Coreias e a questão de Estreito de Taiwan constituem situações de maior equidade pelas repercussões que poderão tomar.

²⁰ Anexo G – Disputas territoriais

g. Síntese conclusiva

A região Ásia-Pacífico é um complexo xadrez de poderes regionais que se podem sintetizar do seguinte modo: a Rússia rodeada a Sul pela China, com o Japão e os EUA a Este; a China envolvida pela Rússia a Norte, o Japão, a Este e os países de ASEAN a Sul; o Japão, uma ilha cercada a Oeste pela China e Coreias, a Este pelos EUA, a Rússia a Norte e a Sul Taiwan e os países de ASEAN; a Austrália como “o procurador” dos EUA na região²¹. A Indonésia, o país muçulmano mais povoado do mundo, exerce o seu controlo estratégico sobre a via de circulação internacional entre o Médio Oriente e o Nordeste asiático através do Estreito de Malaca. Os EUA com uma posição geopolítica privilegiada têm os seus competidores ao largo das suas margens a Oeste. Economicamente o poder é representado pelos EUA e o Japão. O crescimento da China é uma realidade, entrando em concorrência directa com as anteriores superpotências económicas citadas e também com forte iniciativa para reforçar as suas FA. Pretende crescer sob todas as formas e consolidar-se como pólo de poder. Não deve ignorar-se a ascensão da Índia, com estatuto de parceiro estratégico dos EUA, a sua crescente demografia e evolução tecnológica. O domínio das águas territoriais e das rotas oceânicas parece ser prioritário na dinâmica geopolítica da região. Alguns Estados são detentores de capacidade nuclear e outros têm capacidade para tal, sendo o verdadeiro perigo a sua perda de controlo. *“Muitos dos países a desenvolverem armas nucleares têm um registo histórico instável originado por golpes e exércitos que se desintegram”* (Nye, Jr, 2002: 272).

Vários conflitos estão latentes tendo por pano de fundo o controlo de recursos energéticos e alimentares. A obtenção de hidrocarbonetos e gás origina alianças e conflitos que, de algum modo, são contraditórios com compromissos económicos e de segurança já assumidos. Por razões de ordem política, os conflitos entre Taiwan e China e entre as Coreias apresentam-se como os de maior complexidade. O programa nuclear da Coreia do Norte aparece como elemento perturbador do equilíbrio geopolítico de toda a região. Por outro lado assistimos a certas parcerias impensáveis há alguns anos atrás. A Rússia e a China fomentaram relações, com esta a abastecer-se de armas, petróleo e gás natural. A Índia com a China no sentido de regularizarem pacificamente as suas fronteiras e aumentar o comércio bilateral. O contexto geopolítico e a geoestratégia da Região Ásia-Pacífico caracteriza-se por uma dinâmica económica extraordinária, mas com uma incerteza política crescente. Considera-se assim validada a Hipótese 1.

²¹ General Loureiro dos Santos – Palestra IESM 06 Dezembro 2006

2. Análise geopolítica e geoestratégica de Taiwan

Neste capítulo são analisadas as dinâmicas geoestratégicas e geopolíticas de Taiwan com o propósito de determinar quais as que contribuem para definir o seu poder.

Taiwan²² foi proclamada em 1949 República da China (RC) sob domínio de Chiang Kai-shek, data a partir da qual passou a ter uma relação conturbada com o Continente. Governada pelo Koumintang (KMT) que sustentou, entre 1949-91, a política de “uma China”, segundo o princípio de que a RC era o único governo legítimo de toda a China. Teve assento na ONU como representante da China até 1971, sendo então substituída pela RPC. À luz do direito internacional “*não é um Estado, é um governo rebelde*”²³, reconhecido oficialmente por um número reduzido de países. Esta ilha²⁴ é actualmente uma das principais Nações comerciais da Ásia, sendo das mais dinâmicas e industrializadas do mundo.

a. Factor físico

(1) Potencialidades

A ilha é predominantemente montanhosa, apresentando na sua vertente oriental falésias abruptas. A sua insularidade e o ambiente natural envolvente proporcionam-lhe um elevado valor defensivo, constituindo-se como um elemento dissuasor face a um possível ataque, dada a sua capacidade de desgaste e amortecimento. O clima marítimo e de monção torna a navegação e tráfego aéreo muito turbulento no mau tempo, sendo limitador do lançamento de grandes operações de invasão. É uma zona de confluência das linhas de comunicação do Oeste do Pacífico, por onde passa a maior parte do tráfego marítimo com recursos energéticos e alimentares, constituindo um espaço de controlo de grande parte dessas rotas. Não tendo fronteiras terrestres, é pouco sujeita a atitudes expansionistas por parte de povos vizinhos.

(2) Vulnerabilidades

A sua descontinuidade territorial pode não favorecer a coesão política e a facilidade de circulação. A área do solo arável, restringe-se às planícies litorais do Oeste e Norte da ilha, representando um quarto do território. A proximidade da China pode trazer algumas dificuldades sobre o ponto de vista estratégico. A sua insularidade é propícia a qualquer bloqueio naval que dificultará toda a economia. Situa-se numa zona de elevada actividade sísmica devido à sua localização na cintura sísmica do Pacífico.

²² Apêndice 3 - Breve resenha histórica de Taiwan

²³ Miranda, Jorge. Lição IESM 6 de Dezembro 2006

²⁴ Apêndice 4 - Factores geopolíticos e geoestratégicos sobre Taiwan

Face ao seu isolamento do Continente, a população apresenta um certo sentimento de conformação psicológica perante as adversidades da natureza.

b. Factor humano

(1) Potencialidades

É um território de alta densidade demográfica, sendo um dos países com maior concentração de habitantes por km². Apresenta uma taxa de natalidade com parâmetros dentro dos chamados países desenvolvidos. Exibe uma estrutura de idades com a maioria da população em idade produtiva e uma esperança média de vida de 77 anos. A população é maioritariamente denominada “povo Han”. Grande parte do povo fala o Mandarim chinês, língua oficial. Existe liberdade de escolha religiosa, embora a maior parte da população se identifique com o Budismo e o Taoismo. O nível de formação é elevado, onde 30% possui estudos universitários, e a iliteracia é de cerca de 3%. A liberdade de imprensa permite a proliferação de meios de comunicação e uma indústria livreira forte, sendo o terceiro país, a nível mundial, em títulos publicados *per capita*.

(2) Vulnerabilidades

Como resultado da nova imigração, iniciada nos anos 90 do século XX, grandemente constituída por mulheres vindas da China, Vietname, Indonésia e Tailândia, um em cada cinco casamentos é com imigrantes e as crianças nascidas destes matrimónios representam 13% dos recém-nascidos. A população está fortemente concentrada nas grandes áreas metropolitanas de Taipé, Taichung e Kaohsiung. Embora tenuemente, começa a verificar-se uma diminuição do número de habitantes e um aumento de idosos, situação que tenderá a crescer no futuro. Os emigrantes taiwaneses na China representam já cerca de um décimo da população de Taiwan.

c. Factor recursos

(1) Potencialidades

A sua indústria transformadora é altamente evoluída em vários domínios, sendo o segundo produtor mundial de fibra sintética. Possui centrais nucleares para produção de energia eléctrica.

(2) Vulnerabilidades

Não é detentora de nenhum recurso natural significativo, sendo os que possui insuficientes para as suas necessidades. A agricultura representa 1,68% do PIB, ainda que deficitária para a procura. A indústria de pesca está em expansão, mas exígua para o mercado interno.

d. Factor circulação

(1) Potencialidades

No sentido de responder ao desenvolvimento económico e integração numa economia global, foi criando uma rede de estradas que atinge já cerca de 35.000 km, de pavimento betuminoso, com ligações em todas as direcções, destacando-se ainda 1.800 km de via rápida, que possibilitam ganhos de tempo de percurso, significativos.

Possui um moderno sistema ferroviário com ligação à maioria das cidades. Apresenta ainda uma linha de alta velocidade, na costa ocidental, com 345 km.

O transporte marítimo é vital para a economia taiwanesa, sendo detentora de uma vasta frota de navios. A sua estrutura portuária dispõe de sete portos internacionais, destacando-se o de Kaohsiung, como o sexto maior terminal do mundo em movimento de contentores e funcionando como distribuidor de mercadorias para a Ásia oriental.

O transporte aéreo é servido por dois aeroportos internacionais e 16 regionais. Operam em Taiwan 49 companhias aéreas, sendo 46 estrangeiras.

No âmbito das telecomunicações tem vindo a privatizar a rede fixa de telefones, havendo 13 milhões de subscritores. A rede móvel está em forte expansão com 22 milhões de assinantes, ou seja, uma penetração de 97%, apresentado a última tecnologia de comunicação. A Internet está em implantação através de uma política de liberalização das comunicações, existindo cerca de 4 milhões de subscritores e 13 milhões de utilizadores.

(2) Vulnerabilidades

Todos os factores anteriormente enumerados constituem-se como elementos de acção política no desenvolvimento e testemunham uma independência e liberdade de acção. Contudo, alguns deles poderão constituir-se como elementos de desagregação ao possibilitar a introdução de novas ideias e possibilidades.

e. Factor científico-tecnológico

O elevado nível de formação, particularmente, nas áreas das tecnologias de informação, comunicação e electrónica, permite-lhe o domínio de técnicas modernas. É um dos principais fabricantes de componentes para computadores e hoje é, também, um produtor importante de software. A indústria de opto-electrónica apresenta um elevado crescimento, do mesmo modo que as áreas da biotecnologia e indústria farmacêutica se encontram em forte expansão. As actividades de investigação e desenvolvimento representam já cerca de 3% do PIB.

Faz uma forte aposta na formação de novos especialistas, através de parcerias entre a universidade e a indústria, no sentido de incentivar a pesquisa em áreas de tecnologia industrial, como sejam a electrónica, a nanoelectrónica, a robótica e a indústria espacial. É o terceiro detentor de patentes a nível mundial concedidas pelos EUA.

Possui vários pólos industriais de alta tecnologia, onde o mais importante é “Hsinchu Science Park”, com uma estreita ligação a centros de pesquisa americanos e composto por 400 empresas que empregam cerca 110 mil pessoas. Desenvolve tecnologia que permite avançar na indústria espacial, estando já no terceiro programa de lançamento de satélites.

f. Factor estruturas

(1) Potencialidades

O sistema político no seu conjunto é estável, democrático, consensual e aceite internacionalmente. O desenvolvimento económico do país, o elevado nível educacional, a emergência duma classe média e uma tolerância de formações políticas de oposição são factores determinantes do apoio que tem a nível internacional.

É um país rico e desenvolvido, sendo a décima sexta potência comercial mundial e a quarta da Ásia. Adopta políticas para a melhoria da protecção ambiental e desenvolvimento humano sustentado, tentando ainda transformar a Nação numa “praça de negócios” para a Ásia. A economia continua em crescimento, com forte interdependência com os EUA e Japão, sendo a área de serviços responsável por 73% do PIB, pertencendo à indústria 25% e cabendo à agricultura 2%, rácios similares às das Nações mais avançadas. Apresenta uma balança de transacções correntes positiva e possui uma reserva de divisa por habitante das mais importantes do mundo. É considerado dos melhores territórios para investimento, ou seja, daqueles que menor risco tem, oferecendo uma boa garantia económica para os investidores. É detentora de uma forte indústria transformadora nas áreas da petroquímica, naval, metalúrgica, têxtil e automóvel. Prospera em importantes domínios como a actividade portuária. Apresenta uma taxa de desemprego baixa.

O quadro conceptual estratégico das suas FA está definido no seu Livro Branco sobre a Defesa. Assiste-se a uma profunda reforma, favorável à profissionalização progressiva do pessoal e a uma reestruturação da organização militar, com o objectivo de simplificar a cadeia de comando e facilitar a interoperabilidade entre Ramos. Foram introduzidos incentivos, no sentido cativar homens e mulheres com maiores qualificações a ingressarem nas FA.

Face à diminuição do tempo de permanência nas fileiras dos conscritos, assiste-se a um esforço acrescido de mobilização de reservistas, possibilitando uma forte ligação da instituição militar à sociedade. A Administração adoptou uma política de desenvolvimento de “defesa civil” com vista à consciencialização nacional da segurança e aproximação da sociedade civil à militar. No plano técnico decorrem acções destinadas à melhoria da formação, com o apoio de especialistas dos EUA seu principal aliado e fornecedor de material militar. Estão equipados com material moderno, especialmente ao nível Command, Control, Communications, Computer, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance (C4ISR).

(2) Vulnerabilidades

A Constituição, que já sofreu seis alterações, entre 1990 e 2000, apresenta algumas lacunas em particular no que respeita à repartição de competências entre o Presidente da República e o Parlamento. O Chefe de Estado detém a preeminência em domínios militares e de segurança, sendo também responsável por designar o Primeiro-Ministro. A condução política é executada pelo Chefe do Governo, mas este responde perante o Parlamento que possui largas prerrogativas em matéria legislativa e orçamental. Esta repartição coloca problemas complexos, quando o Presidente não possui uma maioria estável no Parlamento (bloqueio institucional). As forças políticas taiwanesas apresentam visões diferentes no âmbito da política externa, sendo usual delegações partidárias reunirem-se com autoridades americanas e chinesas no sentido de tratarem assuntos de carácter nacional.

Vem-se assistindo ao crescimento da identidade taiwanesa²⁵, mas paradoxalmente com o evoluir da democratização do regime acentua-se o espírito de enfraquecimento do compromisso de resistência, ou seja, uma certa vulnerabilidade da sociedade taiwanesa face ao nacionalismo e ao irredentismo chinês, que leva a considerar como de grande incógnita a reacção do povo taiwanês caso seja declarado um conflito armado. Pela análise das sondagens²⁶ julgamos que a atitude de diversos segmentos da sociedade dependerá da circunstância da origem das hostilidades. Caso seja declarada a independência, muitos opor-se-ão à guerra a favor de negociações com Pequim, mas se a China invadir é provável uma união identitária taiwanesa em defesa do seu território. O isolamento diplomático de Taiwan leva-a a não poder ser ouvida nos *fora* de política e segurança internacionais.

²⁵ Anexo H - Identidade Taiwanesa/Chinesa

²⁶ Anexo I - Sondagem de opinião pública

Deslocalizou um certo número de actividades industriais para regiões da Ásia oriental onde a mão-de-obra é mais barata, levando assim capitais próprios para fora do território. As relações económicas com a China têm vindo a expandir-se em grande escala, sendo hoje em dia o seu primeiro parceiro comercial. Ao não possuir matérias-primas é fortemente dependente do exterior.

g. Síntese Conclusiva

A posição geográfica de Taiwan é o aspecto fulcral da rivalidade geoestratégica naquela zona. Taiwan é hoje em dia um país rico e desenvolvido com uma boa taxa de crescimento, sendo a quarta sociedade mais desenvolvida da Ásia depois do Japão, Hong-Kong e Singapura.

Em importantes domínios de actividade continua a prosperar (petroquímica, actividades portuárias e serviços) e, ainda, em sectores de ponta tais como electrónica, informática e biotecnologias.

Em recursos energéticos e alimentares continua a depender bastante das suas importações, através das linhas de comunicação marítima do mar da China Meridional.

A política de Defesa de Taiwan tem como prioridade a ameaça que a China constitui. A transferência tecnológica militar entre os EUA e Taiwan contribui para ser detentora de um elevado grau de domínio na investigação e desenvolvimento de equipamentos mais sensíveis de defesa. Actualmente 1,3% da população são militares, número muito superior ao de outras Nações ditas democráticas (EUA 0,5%, Japão 0,2%), situação que poderá levantar, na opinião pública, um conjunto de questões como sejam, a existência de meios para tal número e se são necessários tantos efectivos. Por outro lado, pode-se questionar, se face à inexperiência de guerra decorrente de um período de paz prolongado, a Instituição Militar estará preparada para o combate.

Com a democratização do regime os taiwaneses estão imbuídos de um nacionalismo novo, ambíguo e incerto que enfraquece a sua capacidade de resistência face à pressão do nacionalismo racial, cultural e ideológico chinês. São maioritariamente a favor da situação actual, não à independência não à reunificação.

A sua relação com a China é ambígua, pois, através de uma forte interligação, é hoje o seu primeiro parceiro comercial e por outro lado, em termos diplomáticos assiste-se a uma pressão chinesa no sentido de não a deixar ser ouvida em *fora* de política e segurança internacionais.

3. Importância de Taiwan para a China

Tendo em linha de conta a sistematização elaborada, anteriormente, em que se procurou evidenciar os factores de poder e vulnerabilidades para Taiwan, vamos de seguida operacionalizar os relevantes para a China.

Ao longo dos últimos vinte anos, a RPC tem modificado de uma maneira acentuada a sua política interna e externa, através de reformas económicas e integração no mercado regional e mundial, procurando também, com uma política de manutenção da sua integridade e unidade territorial, ser uma potência estabilizada. Os seus objectivos estratégicos são o desenvolvimento da economia do país, a reunificação total da China e a salvaguarda da paz mundial. É membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

A questão Taiwan é *“nos planos interno e externo, sem dúvida um permanente factor de tensão e uma questão vital para a China constituindo a sua internacionalização um problema magno para a liderança de Pequim”* (Romana, 2005: 239).

a. Relações políticas entre Taiwan e a China

Desde 1949 as intenções da RPC são de reunificar Taiwan ao Continente por qualquer meio. Ao longo dos anos têm ocorrido várias crises²⁷, provocando momentos de alta tensão. A política dos dirigentes de Taiwan até 1990 ia no sentido de se considerarem como os únicos representantes do povo chinês. O governo da RPC não tinha necessidade de se preocupar, pois, Taiwan não tentava ser independente e também não tinha capacidade militar para conquistar o Continente. Após aquela data os dirigentes taiwaneses apresentaram uma visão nova do princípio de “Uma China”²⁸, suportados no aumento da sua influência no comércio internacional, na perda de prestígio da China ocasionada quer pelos incidentes da Praça de Tiananmen, em 1989, quer pelas subseqüentes violações dos direitos humanos. Esta posição de afastamento da reunificação trouxe forte preocupação à China através de diversas manifestações de emprego de força e, em contrapartida, um maior apoio americano com o fornecimento de equipamento militar sofisticado. Desde meados dos anos 90, a China tem progressivamente aumentado o potencial bélico junto ao Estreito, levando a crer estar mais inclinada a abandonar a via pacífica e a enveredar por uma solução militar, se Taiwan continuar a promover o seu estatuto internacional e a tentar seguir o seu próprio destino, isto é, a defender a independência.

²⁷ Apêndice 5 - Crises entre Taiwan e a China

²⁸ Significava que a reunificação poderia ser alcançada desde que a China reconhecesse que através do Estreito havia “duas entidades políticas” distintas com possibilidade de unidade política desde que em bases de paridade e reciprocidade e após a democratização da RPC.

As eleições legislativas no final de 2004 deram a vitória à coligação “Pan Azul” adversária do Partido Democrático Progressista (PDP), onde milita o Presidente Chen defensor de uma estratégia no sentido da independência. Uma das consequências políticas deste escrutínio eleitoral foi a inviabilização de algumas tentativas de Chen para introduzir emendas à Constituição, pois, o Parlamento apresentava uma maioria oposta à linha política do Presidente. Também é possível tirar como ilação que os taiwaneses não querem comprometer o seu modo de vida a favor de algum confronto bélico. Face a este desfecho legislativo o governo chinês, adoptando uma política de *Soft Power*²⁹, numa acção de cativação da opinião pública taiwanesa, começou por facilitar voos de acesso ao Continente, diminuiu taxas de importação de alguns produtos e reduziu custos para os estudantes de Taiwan que estudam no Continente.

Em Março de 2005 foi aprovado pela Assembleia Popular da China a Lei Anti-Secessão (TSR, 2007) que refere em traços gerais o recurso a meios não pacíficos em caso de realização de um referendo ou da declaração de independência por parte das autoridades de Taiwan. Esta é uma tomada de posição idêntica às anteriores, diferindo apenas no facto de estar formalizada por escrito sob a forma de lei.

O grau de intimidação tem passado por vários patamares, estando hoje em dia, oficialmente, o recurso à força equacionado num dos seguintes casos: 1) se Taiwan declarar a independência; 2) se houver ingerência estrangeira; 3) se se mantiver indefinidamente o impasse nas negociações com vista à reunificação. O Livro Branco de Defesa da China de 2006³⁰ considera como princípio básico “um país, dois sistemas”.

É importante tentar distinguir entre ameaças militares tornadas públicas pela China, em função das circunstâncias ou em reacção a declarações políticas Taiwanesas, das suas intenções a longo prazo. Parece por vezes que Pequim privilegia a guerra psicológica como factor primordial.

b. Parâmetros para a importância de Taiwan

Podemos de uma forma sintética referir que os contornos da importância de Taiwan para a China passam por três princípios: o nacionalismo chinês e a legitimidade do regime; a justificação para o Exército Popular de Libertação (EPL) projectar forte presença militar no Estreito; as suas ambições regionais e internacionais.

²⁹ Apêndice 1 - Corpo de Conceitos

³⁰ Disponível em: <http://www.china.org.cn/e-white/index.htm> (2 Fevereiro 07)

(1) Nacionalismo

A Administração chinesa, seja ela qual for, considera como um objectivo essencial a reunificação de Taiwan ao Continente. A separação actual no conceito dos chineses é de carácter injusto ou anormal. Do mesmo modo acham que o futuro de Taiwan não deve ser discutido apenas pela população insular, vinte e três milhões de habitantes, mas sim pelo conjunto da população chinesa. Prevê-se que até 2025 a população chinesa seja de 1.462.058.000 habitantes³¹. Por outro lado consideram que após a guerra civil de 1949 a República da China deu lugar à República Popular da China pelo que só existe um Estado chinês soberano. Se a China reconhecesse Taiwan poderia prejudicar não só o nacionalismo mas também a legitimidade revolucionária de 1949, bem como o regime comunista e sobretudo a autoridade do Continente. A não independência de Taiwan e a sua posterior reunificação funcionam também como vantagem para a segurança interna, limitando assim qualquer tentativa separatista por parte das regiões autónomas de Xinjiang e Tibete.

(2) A modernização do Exército Popular de Libertação

Na região Ásia Pacífico os EUA, como potência regional dominante, estabeleceram um conjunto de alianças e acordos de segurança. A rivalidade ideológica entre um Estado comunista e uma democracia ocidental levaram a que Taiwan fosse protegida. O objectivo futuro do EPL é o de fazer face à ameaça americana, ou seja, encontrar meios para reduzir o seu diferencial de potencial estratégico. A China considera Taiwan como uma base que os EUA poderão usar para a conter. O esforço de modernização das FA taiwanesas é visto pelos chineses não como um meio de preservar o equilíbrio no Estreito, mas como uma estratégia americana destinada a manter o seu domínio na zona e dificultar a reunificação pacífica. Para fazer face a tal vem-se assistindo a um progressivo melhoramento das capacidades das FA chinesas. A reunificação tem sido um catalisador do programa de modernização do EPL. O falhanço em atingir este objectivo desmoralizaria as estruturas militares e retardaria o seu desenvolvimento.

(3) As suas ambições regionais e internacionais

Na perspectiva chinesa, Taiwan é uma zona de confluência de linhas de comunicação do Oeste do Pacífico, de tal forma que permite o controlo do Estreito de Lução a Sul, bloqueia as linhas de comunicação a Norte e protege a China continental a Este.

³¹Disponível em http://www.photius.com/rankings/world2050_rank.html (2 Fevereiro 07)

Desta forma a sua posse pode afectar as linhas de comunicação marítima para o Japão, dificultar os movimentos à Marinha russa do Pacífico, e por outro lado limitar a potencialidade dos EUA poderem projectar Forças. A existência de um Estado de facto independente dificultará, não só a sua projecção de Forças navais no Pacífico, mas também a sua possível intenção de se tornar potência dominante na região. Por outro lado há muito que a China manifesta uma vontade expansionista marítima no sentido de melhor assegurar alguns recursos energéticos e alimentares. Pretende assim, englobar nas suas águas territoriais a maior parte do Mar da China Meridional. Esta área geográfica representa uma situação geoestratégica de grande importância internacional, uma vez que contém as linhas de navegação por onde passam grande parte do tráfego marítimo com recursos vitais à subsistência de diversos países na região.

Estima-se que a China, segundo maior importador mundial de petróleo, deva importar em 2010 mais de 8,8 milhões de barris por dia³². Acresce ainda que mais de 80% do seu comércio externo é feito por via marítima.

Assim Taiwan fragiliza a segurança das suas linhas marítimas de comunicação e é um obstáculo à tentativa de expansão da sua zona económica exclusiva para as 200 milhas.

c. Aspectos do factor militar chinês conjugados com a realidade de Taiwan

A China vê a ilha como seu território possuindo motivações nacionalistas e de segurança para a prossecução da reunificação. Associa instrumentos de persuasão e de coerção políticos, económicos, diplomáticos e militares, no sentido de evitar qualquer tentativa independentista.

Tem vindo a reorganizar o EPL e a acelerar a aquisição de armamento moderno, salientando-se ainda uma gradual redução dos seus efectivos. Paralelamente acentua-se um aumento do Orçamento de Defesa³³ que continuará a crescer nos próximos anos, com especial incidência em Forças de Reacção Rápida capazes de conduzir “combates rápidos e decisivos”, na periferia da China, tanto no âmbito do Exército como no da Marinha. A sua Força de Mísseis Estratégicos tem vindo a melhorar os seus vectores operativos³⁴ (sistemas de comando, controlo e capacidade de contra-ataque) e o conceito doutrinar. O acesso a equipamento militar estrangeiro, especialmente da Rússia³⁵, acompanhado de transferência

³² Disponível em <http://www.eia.doe.gov/oiaf/ieo/world.html> (25 Janeiro 07)

³³ Anexo J - Estimativa do Orçamento de Defesa Chinesa

³⁴ Disponível <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2006/2006-prc-military-power.htm> (5 Dez 06)

³⁵ Anexo K - Venda de equipamento militar da Rússia à China

de tecnologia e assistência técnica, tem permitido melhorar significativamente as capacidades militares do EPL.

As estimativas quanto ao número de ogivas nucleares detidas por Pequim variam entre 700 e 900 (IISS, 2005). Os líderes chineses consideram deter uma capacidade nuclear limitada e subdesenvolvida, comparativamente com tecnologias mais evoluídas empregues por outros países, embora detentora de um potencial de mísseis balísticos assinalável³⁶. Actualmente o EPL tem dois tipos de mísseis balísticos de curto alcance Short-Range Ballistic Missile (SRBM) e uma primeira geração do Land-Attack Cruise Missile (LACM), destinados ao teatro de Taiwan cujo objectivo de emprego se centrará sobre infra-estruturas essenciais. Uma análise comparativa do poder militar convencional entre a China e Taiwan³⁷ revela uma diferença em termos quantitativos desproporcionada face ao diferencial tecnológico.

A forte dependência exterior em matéria de armamento e tecnologia moderna contribuirá para alguns problemas na formação, na logística e na coordenação entre o Exército, Marinha e Força Aérea que tornam por enquanto difícil a sua capacidade de projectar Forças a certas distâncias da costa. Por outro lado a presença de Forças americanas na zona e sobretudo próximo de Taiwan tornam o equilíbrio de poder na zona, desfavorável à China³⁸. Embora ainda não detenha capacidade militar elevada pelo modo como o seu esforço no investimento para a Defesa está a ser efectuado, prevê-se que dentro de poucos anos seja já possuidora de uma componente militar tecnologicamente moderna.

d. Aspectos do factor económico chinês conjugados com a realidade de Taiwan

A economia da China continua com uma elevada taxa de crescimento, apresentando também uma procura interna bastante dinâmica em que os consumos privados têm registado ritmos de crescimento anuais sempre acima dos 5%. Salienta-se que os investimentos directos estrangeiros (IDE) têm subido bastante, tornando-os de grande importância.

Pensa-se que até 2020-25 a dependência chinesa das importações de petróleo atinja 70 a 80%. Sendo também Taiwan um forte dependente deste recurso energético, julga-se ser de grande importância para ambos manter a segurança e a estabilidade na área. Apesar da intimidação e desconfiança, os negócios³⁹ entre os dois lados do Estreito aumentaram.

³⁶ Anexo L – Potencial de mísseis balísticos da China

³⁷ Anexo M – Equilíbrio militar quantitativo convencional das Forças em 2005

³⁸ <http://www.fas.org/nuke/guide/china/dod-2006.pdf>

³⁹ Anexo N - Transacções comerciais entre Taiwan e a China

Taiwan investe na China mais do que qualquer outro país e a China é o primeiro importador de produtos taiwaneses⁴⁰. À medida que as ligações com a economia e sociedade taiwanesa se fortalecem, as questões de soberania nacional e integridade territorial perdem pouco a pouco a sua centralidade.

A contribuição real dos taiwaneses não é só as exportações, mas também o desenvolvimento e o enriquecimento da China em particular das suas regiões costeiras.

e. Síntese conclusiva

A localização de Taiwan entre o Noroeste e Sudoeste da Ásia-Pacífico, bem como, a “barreira” que a separa do Pacífico Oeste leva a China a considerar esta zona como de grande interesse estratégico.

Enquanto a sua economia se desenvolve e o seu aparelho militar se moderniza rapidamente, pressente que um dia só ela poderá potencialmente rivalizar com os EUA, pelo que não pode aceitar a sua incapacidade de unificar Taiwan ao Continente. A existência de um estado independente taiwanês dificulta não só a projecção das suas Forças navais no Pacífico, mas também o seu poder no conjunto da região Ásia Pacífico.

A instrumentalização do nacionalismo, em teoria, pode funcionar como um motivo da classe dirigente, que se confronta com rápidas mudanças sociais e com uma incapacidade em corresponder às necessidades da população em geral, tornando-se um aglutinador que limita as fracturas entre as elites e a população descontente.

O dinamismo democrático de Taiwan representa uma situação prometedora para o próprio regime de Pequim, que pode assim chegar aos seus propósitos últimos se evoluir suavemente para uma maior liberdade económica e depois política.

A interdependência económica pode levar a uma maior influência da China na relação com Taiwan. Atraindo empresários taiwaneses, para além da dependência económica que ocorre, a China procura objectivos políticos, dado que estes empreendedores podem contribuir como grupo de pressão junto do poder político de Taiwan no sentido de travar a corrente independentista e favorecer a reunificação.

O enorme potencial que a China tem hoje e o que pode vir a ter no futuro, conjugado com a sua atitude no âmbito das relações internacionais, no sentido de pressionar os outros Estados ao isolamento diplomático de Taiwan, leva-nos a considerá-la como uma ameaça para Taiwan. Relacionando os assuntos citados no capítulo 2 com os agora tratados, considera-se validada a Hipótese 2.

⁴⁰ Anexo O- Principais parceiros comerciais de Taiwan

4. Importância de Taiwan na estratégia americana para a região

Tendo presente o estudo dos factores de poder e vulnerabilidades identificados para Taiwan, vamos agora contextualizar em que medida os EUA como actor interventivo na região se enquadra naquelas dinâmicas geopolíticas e geoestratégicas.

A região Ásia-Pacífico é uma área densamente povoada com muitos países ricos em recursos naturais e minerais onde se encontram a Rússia, a China, a Austrália, a Índia, a Indonésia e outros, com grande desenvolvimento industrial e tecnológico, como o Japão, a Coreia do Sul, Taiwan e Singapura. As suas economias são cada vez mais importantes, tornando-os mais poderosos e influentes.

O crescimento económico também contribui para o relançamento de programas de modernização militar, aumentando o seu potencial bélico, note-se que estamos em presença de cinco Estados com capacidade nuclear. Relevam-se ainda rivalidades antigas, que podem aumentar a probabilidade de conflito e instabilidade na região.

Com a globalização e posterior entrada da China para Organização Mundial do Comércio (OMC), a região Ásia-Pacífico caminha rapidamente para se tornar fortemente influente na estratégia a nível global. *“Quem tem riqueza possui poder, e a utilização do poder próprio em relação ao poder alheio pertence ao domínio mais apurado da estratégia.”* (Santos, 2006: 79).

Os asiáticos tornam cada vez mais presente os seus valores e instituições e a superioridade das suas culturas quando comparadas com o Ocidente. Os americanos por seu lado, tendem a assumir que os seus valores e organizações são universalmente relevantes, podendo ainda definir as políticas externas e internas das sociedades asiáticas, embora cada vez mais dependente das trocas comerciais e investimentos nesses países.

A China e a Rússia desenvolveram uma nova aliança regional, através da Organização de Cooperação de Xangai (SCO)⁴¹, que se prefigura como o primeiro bloco político e militar de contraposição ao Ocidente, particularmente aos EUA. Uma das prioridades do projecto é o controlo da Ásia Central, que está a emergir como uma das maiores fontes mundiais de petróleo e gás natural, e pretende constituir-se como um centro de poder que permita à Eurásia defender os seus interesses sem interferências externas.

⁴¹ Criada na cidade de Xangai, em 1995, como “Grupo dos Cinco de Xangai”, passando a denominar-se em 2001 “Organização de Cooperação de Xangai”, sendo composta pela Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Urbequistão. Em 2004 a Índia, Irão, Mongólia e Paquistão adquiriram estatuto de observadores. Na última cimeira participou o Irão.

Tal facto poderá materializar-se num cenário de hegemonia do triângulo euro-asiático Rússia, China e Irão.

É neste ambiente que os EUA pretendem continuar a manter a sua presença e ser a potência regional dominante “*um bloco asiático hostil, que combinasse os países mais populosos e de mais vastos recursos do mundo com alguns dos povos mais industrializados do planeta, seria incompatível com os interesses nacionais americanos*” (Kissinger, 2003:103).

a. Estratégia americana na região

A estratégia americana norteia-se por considerar os seus interesses como o farol que deve orientar toda a condução da sua política. A metodologia para a alcançar, difere consoante a Administração que está a governar, Republicana ou Democrática, e em função das características do espaço regional. Os EUA ao considerarem, como essencial para a região Ásia-Pacífico a segurança, a prosperidade e a democracia agem no sentido de:

- “*Manter uma forte capacidade de intervenção militar e em simultâneo, promover medidas de cooperação na segurança nacional;*
- *Promover a abertura e dar impulso ao crescimento da economia global;*
- *Promover os princípios da democracia e dos direitos humanos*” (Romana, 2005: 310).

O dinamismo económico da região deu uma importância particular à sua recuperação estrutural. A contingência de uma Rússia um pouco debilitada, de um Japão mais ambicioso, de uma China cada vez mais poderosa com pretensões a potência regional dominante e com uma visão muito distinta em matéria de direitos humanos, proliferação nuclear, venda de armas e democracia política, leva os EUA a adoptar uma política que permita impedir a redistribuição do poder no sentido da multipolaridade, procurando manter o *statu quo* que lhe garante a hegemonia.

A estratégia americana assenta numa política de presença orientada segundo dois vectores, a proximidade e a dissuasão⁴². A proximidade desenvolve-se através da manutenção de um diálogo permanente que dificulte potenciais desentendimentos relativos à política externa dos Estados. A dissuasão estabelece-se pela adopção de um forte dispositivo militar nesta área do globo através do seu Comando do Pacífico⁴³ com tropas no Japão, Coreia do Sul e Filipinas. Funcionam também como um elemento estabilizador

⁴² Apêndice 1 – Corpo de Conceitos

⁴³ Ver referência 15.

da região, promovendo contactos ao nível das estruturas militares com a condução de exercícios combinados e conjuntos entre Forças Armadas.

A estratégia militar inserida na revisão quadrienal da Defesa de 2006⁴⁴, aponta objectivos distribuídos por um largo espectro de hipóteses de conflito em previsíveis cenários sobre a evolução do mundo. Relativamente à área geográfica que nos interessa, o documento apresenta uma dupla visão sobre a China, considerando-a como um poder que pode entrar em competição militar com os EUA e, de outro modo faz alusão à necessidade de construir uma cooperação responsável. Esta colaboração é assente em diferentes domínios, mas não no militar. Permite também constatar que a Marinha americana deve colocar cerca de 60% dos seus meios no Pacífico, justificado com o aumento do comércio na zona. Faz ainda referência a uma parceria estratégica com a Índia.

A estabilidade e prosperidade da região dependem da sua sustentação e envolvimento através da manutenção de fortes ligações de parceria. *“Os Americanos têm capacidade de fazer. Capacidade de evitar que outros façam tem a China, Rússia, Índia”*⁴⁵. Os EUA pretendem: em conjunto com a Rússia, potência influente na Europa e na Ásia, contribuir para a liberdade e democratização da região e tentar conter a expansão chinesa; com o Japão procurar que continue a ter um papel de liderança económica regional; em parceria com a Austrália resolver problemas regionais e globais; com a Coreia do Sul manter a vigilância em relação ao Norte e fomentar a democracia à unidade da península; através de uma forte parceria com a Índia desenvolver mecanismos no sentido de democratizar, prosperar e criar paz na Ásia Central; relacionar-se com a China no sentido de encorajar as suas reformas, desenvolvimento económico, liberdade do povo, estabilidade e prosperidade, mas fazendo sentir a sua crescente expansão militar, e salienta que Pequim e Taipé deverão resolver o seu diferendo pacificamente, sem coacção⁴⁶ e sem acções unilaterais⁴⁷.

b. A relação entre Taiwan e Estados Unidos da América

Após o fim da segunda Guerra Mundial e até 1971, os EUA mantiveram relações oficiais com Taiwan, pois consideravam-no como único governo da China.

Em 1971 a RC perdeu o seu assento na ONU, sendo substituída pela RPC. Este desfecho foi resultado da nova política americana.

⁴⁴ Disponível em <http://www.comw.org/qdr/qdr2006.pdf> (28 Dezembro 06)

⁴⁵ Senhor General Loureiro dos Santos, entrevista em 23 de Novembro de 2006

⁴⁶ Apêndice 1 - Corpo de Conceitos

⁴⁷ NSS dos EUA em: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html> (30 Dezembro 06)

Em Fevereiro de 1972 e Janeiro de 79 são divulgados dois Comunicados Conjuntos sino-americanos, que marcam a aceitação dos EUA por uma política de “uma China”⁴⁸ e o reconhecimento da RCP como única e legítima governante do povo chinês. Mas mantiveram relações culturais, comerciais e outras não oficiais com o povo de Taiwan. O Congresso americano em Abril de 1979 aprova o Taiwan Relations Act⁴⁹ (TRA) que estabeleceu em particular: 1) que consideravam uma ameaça à paz, à segurança do Pacífico Ocidental e grave preocupação sua, qualquer tentativa visando determinar o futuro de Taiwan por meios não pacíficos, incluindo boicotes ou embargos; 2) fornecer a Taiwan armas de carácter defensivo e manter a capacidade dos EUA resistirem a qualquer recurso à força ou outras formas de coerção que possam pôr em risco a segurança do povo taiwanês. Esta posição americana permite uma leitura do seu envolvimento de forma particularmente forte na segurança de Taiwan e da manutenção do *statu quo* no Estreito.

Face ao descontentamento manifestado e à pressão exercida pela China em Agosto de 1982, fazem um terceiro Comunicado Conjunto em que a Casa Branca se comprometia a uma redução progressiva e regular da venda de armas a Taiwan, desde que Pequim tomasse medidas favoráveis a uma resolução pacífica da disputa. Devido aos acontecimentos de Tiananmen, ao desmoronamento do bloco soviético, à crescente modernização e pressão militar do EPL, os EUA alteram a sua política em relação a Taiwan e em 1992 vendem-lhe 150 aviões F-16, contrariando o Comunicado de 1982.

Ao longo dos anos 90, o crescimento da China e do seu aparelho militar foram fazendo esquecer a Administração americana do compromisso do terceiro Comunicado, que a crise dos mísseis em 1995-1996 fez volatilizar completamente. De facto após 1996, o Departamento de Estado deixou de publicar as transacções efectuadas e até 2000 os contratos e vendas de armamento americano a Taiwan cresceram (mísseis Patriot, mísseis ar-ar, e radares de longo alcance).

Depois da passagem da Sétima Esquadra pelo Estreito em 1996, o que não era feito desde 1979, a Administração americana esforçou-se por estabelecer uma certa dose de ambiguidade com a afirmação do seu Presidente, em 1998, de: “ *Não à independência de Taiwan; Não a uma China uma Taiwan ou duas China; Não à entrada de Taiwan em organizações internacionais onde o estatuto de Estado é necessário*”. Tentou assim manter uma certa capacidade de pressão sobre as autoridades taiwanesas quanto às suas ambições

⁴⁸ É importante notar que os EUA não disseram, em 1972, que havia somente uma China da qual Taiwan era uma parte, sustentaram apenas que havia um governo chinês.

⁴⁹ Disponível em: http://usinfo.state.gov/eap/Archive_Index/Taiwan_Relations_Act.html (28 de Dez 06)

independentistas. Esta atitude poder-se-á dizer que teve duas consequências. Por um lado alterou o cálculo estratégico da RPC deixando-a menos inclinada a recorrer à força para resolver a questão de Taiwan, salvo no caso de uma declaração da independência. De outro modo os EUA conseguiram demonstrar aos aliados asiáticos que o seu compromisso com a estabilidade da região não era um objectivo prescindível, reforçou a sua credibilidade e ainda fortaleceu a sua presença militar no Leste asiático.

Já no século XXI com outra Administração americana e em resultado do incidente com o avião EP-3⁵⁰, é anunciada, em 2001, a maior oferta de venda de armamento a Taiwan. Esta disposição contemplava não só armamento defensivo mas também material claramente ofensivo (4 Destroyers da classe-kidd e 8 submarinos diesel).

Em Dezembro de 2001 os EUA abandonam o tratado Anti-Ballistic Missile (ABM) assinado em 1972 com a União Soviética, no sentido de implementar dois sistemas anti-mísseis balísticos, sendo um destinado ao território Norte-americano, National Missile Defense (NMD) e outro para proteger o território dos seus aliados no Pacífico, Theater Missile Defense (TMD).

Com a Administração Republicana verificou-se um maior empenho na intenção de fornecer armamento, bem como um aumento de parcerias de formação e aconselhamento operacional às FA taiwanesas. Paralelamente assistiu-se a uma maior cooperação e coordenação ao nível dos domínios C4ISR. Face a esta tomada de posição, esperam que o governo de Taiwan faça um esforço financeiro no sentido de melhorar as capacidades de defesa da ilha. Por vezes parece ser maior o interesse americano na defesa da ilha do que o empenho de Taiwan em auto defender-se⁵¹. Toda esta actuação americana denota uma importância crescente dada a Taiwan, não só no sentido da sua segurança mas também do aumento da sua responsabilidade.

Após a proclamação da lei anti-secessão, por parte de Pequim, verificou-se uma tomada de posição do Parlamento Europeu contra o levantamento do embargo de armas à RPC que veio fortalecer a imagem de Taiwan, perante a comunidade internacional e sustentar a posição dos EUA, de que o equilíbrio de poder na região não deve ser alterado.

Os americanos cooperam com Taiwan através de actividades de Signals Intelligence (SIGINT) e de Electronic Intelligence (ELINT), no sentido de monitorizar os

⁵⁰ Em Abril de 2001 um avião de vigilância norte-americano EP-3 que invadiu espaço aéreo chinês, segundo a China, foi forçado a aterrar em Hainan, tendo morrido nesta acção um dos dois pilotos dos aviões interceptores J-8.

⁵¹ Disponível em: <http://www.taiwansecurity.org/IS/2006/CRS-1006.pdf> (28 Dezembro 06)

desenvolvimentos tecnológicos da China. Aliando a localização da base com o conhecimento da língua, aspecto fundamental neste processo, onde os cidadãos de Taiwan são os mais qualificados para a tarefa, é possível uma grande recolha de informação sobre a RPC. Neste domínio existe uma estreita ligação entre o National Security Bureau (NSB) taiwanês e a National Security Agency (NSA) americana, considerando assim, Taiwan de grande importância estratégica para os EUA.

c. Síntese Conclusiva

A organização fundamental da política dos EUA em relação à ilha foi estabelecida há décadas, mas as evoluções económicas e políticas que a China e Taiwan vêm sofrendo colocam novos desafios à condução americana em relação a ambos os governos. Taiwan vem desde 2000 aprimorando o seu sistema político democrático, funcionando no conceito da Administração americana como um forte contributo para o desenvolvimento da democracia na Ásia que deve ser preservado e acarinhado.

Taiwan é um tradicional aliado americano comprador de armamento e parceiro de negócios, onde as empresas globais americanas detêm avultados investimentos. A sua localização, bem como o conhecimento da língua e cultura, são aspectos fundamentais na recolha de informação e monitorização de acções que decorram na RPC. Mas levanta também por vezes algumas dificuldades aos EUA face ao conceito de “*statu quo*” no Estreito. Para estes significa que o estatuto político de Taiwan permanece por resolver, dependendo a sua resolução de uma solução mútua entre os dois lados do Estreito. Para a Administração de Taiwan significa que já é um Estado independente soberano.

Graças ao quadro jurídico contido no TRA, existe uma relação estratégica e militar informal, muito forte, que parece difícil a qualquer Administração americana colocá-la em causa. Taiwan tem um grande valor geoestratégico para os EUA, pois, se a China obtiver a reunificação, a sua capacidade de projectar poder marítimo e aéreo será consideravelmente aumentada, passando ainda a controlar o Mar da China Meridional e Oriental, assim como, deter o domínio das principais ligações marítimas entre o Oceano Índico e Pacífico.

De outro modo a política americana não pode ser entendida aos olhos dos seus aliados na região como acomodada a uma anexação de Taiwan, sob pena de ser considerada menos credível do que no passado, podendo estes vir a ponderar os seus alinhamentos políticos e económicos para a esfera de influências chinesa.

Os EUA constituem-se assim como a potência regional dominante a curto e médio prazo, sendo essenciais para o equilíbrio da região. Considera-se validada a Hipótese 3.

5. Cenários prospectivos de evolução na relação Taiwan / China / EUA

Em nome dos princípios da “China Una” e da soberania, Pequim opõe-se à participação de Taiwan não só nas organizações internacionais onde a qualidade de Estado é requisitada mas também em *fora* oficiais onde questões políticas e militares são debatidas. Esta atitude tem como objectivo dificultar todo o diálogo bilateral ou multilateral oficial, evitando colocar simultaneamente aos representantes dos governos chinês e taiwanês, temas sobre problemas estratégicos e evidentemente sobre a tensão militar no Estreito. É uma política que interdita a abertura de todo o diálogo militar e com mais razão o estabelecimento de medidas de confiança e de segurança entre Taipé e Pequim. Paradoxalmente a China contribui assim para tornar mais importante o papel de intermediário dos americanos, ficando estes como único país capaz de reunir os especialistas militares dos dois lados.

O 11 de Setembro de 2001 funcionou como uma ameaça terrorista comum para Washington e Pequim, o que levou ambos os países a reconhecerem, ter de deixar de lado as diferenças bilaterais sobre o comércio, os direitos humanos, Taiwan e preocuparam-se prioritariamente, em cooperarem na luta antiterrorista. Contactos sobre assuntos militares foram efectuados, encontrando-se a relação entre os EUA e a China num bom momento. Embora esta convivência seja uma realidade, nada no seu funcionamento modificou as relações estratégicas sino-americanas. Ainda que tenham alterado algumas prioridades, nenhum dos dois governos elaborou uma agenda comum a longo prazo, pelo que a cooperação em matéria de segurança regional e internacional se limita e baseia em considerações realistas que ambos os países fazem dos seus próprios interesses.

A luta contra o terrorismo contribuiu para os EUA cimentarem antigas alianças, alargar coligações e parcerias, bem como, reforçar significativamente a sua presença militar na região. A política chinesa de modernização das suas forças convencionais e nucleares, de tentar reforçar a sua segurança estratégica ao redireccionar-se para os espaços marítimos do Sul sobre os mares da China contribui para uma ampla preocupação americana de que os chineses não são só uma ameaça para os seus interesses, mas também para os dos seus aliados na região. A Administração americana também tomou medidas destinadas a reduzir a possibilidade de um conflito no Estreito, manifestando publicamente o seu desacordo sobre afirmações independentistas do líder de Taiwan, destinada a alterar o *statu quo*, algo a que os EUA se opõem. Curiosamente a China encontra-se na posição de defender os EUA sobre qualquer atitude provocatória por parte de Taiwan.

Mas em caso de conflito com a China quais os apoios militares e políticos com que Taiwan poderia contar? Há três factores essenciais que são determinantes na atitude a ter por países terceiros face a um conflito no Estreito:

1. O carácter democrático, ou não, do seu regime político;
2. As relações de segurança que estes países têm com EUA;
3. A política desse Estado em matéria de venda de armas a Taiwan.

Pensamos que os EUA e a UE tentarão a instrumentalização ideológica de todo o conflito armado no Estreito, como um combate entre a democracia e o autoritarismo, servindo esta motivação para apoio e defesa de Taiwan antes de outras considerações e posições. Por outro lado, a maioria dos países terceiros e em particular daqueles que estão situados na região da Ásia-Pacífico, aguardarão a reacção militar americana, ficando o seu grau de empenhamento dependente do tipo de envolvimento de segurança que têm com os EUA.

Dois países da zona são particularmente afectados por qualquer confronto armado no Estreito: o Japão e noutra dimensão a Austrália. Mas outros aliados de Washington na região (Coreia do Sul, Filipinas, Tailândia, Singapura) serão igualmente afectados, embora a um nível diferente.

O Japão encontra-se numa posição pelo menos paradoxal e ambígua, relativamente a Taiwan e à sua separação da China. Actualmente as suas relações políticas e económicas com a China são boas, mas o crescimento económico chinês e as ambições regionais crescentes de Pequim só podem reforçar o interesse do Japão em manter a divisão da China em dois territórios rivais, continuando a cultivar o desenvolvimento cultural e económico de Taiwan. A terciarização da sua economia exige uma grande necessidade de exportar os seus produtos, que aliada à sua forte dependência energética e agro-alimentar fazem com que a segurança das linhas de comunicação e dos mares, ditos da China, ditem a problemática existente na sua política de defesa. Tenta alterar a sua posição geoestratégica assistindo-se, hoje, a uma política no sentido de voltar à cena internacional enquanto actor estratégico. Nesta perspectiva o seu livro Branco da Defesa de 2005⁵² reflecte um realismo novo, levando em conta as seguintes ameaças: a modernização do EPL, as ameaças balísticas e Nucleares Biológicas Químicas (NBQ), a necessidade de incluir Taiwan e a península da Coreia no perímetro de segurança japonês e o terrorismo. Deste modo a estabilidade regional afigura-se como preocupação maior.

⁵² <http://www.mofa.go.jp/policy/oda/white/2005/ODA2005/html/honpen/index.htm> (28 de Dezembro de 06)

Após a crise dos mísseis 1995-96 reforçaram com os EUA a cooperação bilateral em caso de conflito na região, especialmente no apoio logístico que não se confina a um espaço específico, mas a toda a área que, de algum modo, ponha em causa a paz e segurança do Japão. Depois da lei anti-secessão declarada pela China, houve uma posição conjunta americana-japonesa de condenação. Em caso de conflito armado no Estreito arriscamos a dizer que será difícil, ao Japão, não ter uma política muito próxima da estratégia de Washington.

A atitude da Austrália em caso de conflito militar no Estreito deverá ser provavelmente muito próxima da pró-americana e activa, embora as suas actuais boas relações para com a China. Ligada aos EUA pelo tratado de defesa ANZUS é cada vez mais um actor estratégico regional e em caso de conflito deverá colocar os seus interesses de segurança acima das suas preocupações diplomáticas e dos seus interesses comerciais. Em diferentes situações como a crise dos mísseis 1995-96 entre China-Taiwan-EUA, e em 2003 com a sua posição favorável a ataques preemptivos⁵³ contra o terrorismo, tem tomado uma posição concordante com a americana. Do mesmo modo está disposta a dar o seu apoio ao projecto americano de TMD.

A Coreia do Sul há muito aliada dos EUA encontra-se numa situação complexa face à China. Por um lado tem presentemente 37.500 soldados americanos no seu território que em caso de conflito sobre o Estreito entrariam em acção. De outro modo acelera o desenvolvimento de uma defesa autónoma, tentando emancipar o seu país da influência americana. Também não apoiou e vê com reserva o projecto americano de TMD. O seu relacionamento com a China, após a normalização das suas relações em 1992, melhorou tornando-se num dos principais parceiros económicos, vendo o mercado chinês como prioritário para os seus produtos. Mantém relações políticas estáveis, esperando que a China pressione a Coreia do Norte no sentido de abertura económica e desmilitarização do regime. Os actuais governantes preconizam uma aliança militar com Pequim e o Tóquio para a estabilidade da região. Uma parte da população sul coreana considera, actualmente, ser a China um aliado de aproximação à Coreia do Norte e os EUA um obstáculo a esse processo. Aquando da crise dos mísseis 1995-96 a Coreia do Sul exprimiu a sua preocupação, relativamente à China, mas foi muito mais reservada que os seus vizinhos asiáticos. Face aos ensaios nucleares efectuados pela Coreia do Norte ponderará dotar-se de meios complementares de defesa e assim, julga-se, ser admissível não modificar a sua

⁵³ Apêndice 1 - Corpo de Conceitos

aliança com EUA⁵⁴. Portanto em caso de conflito no Estreito não se afigura que a Coreia do Sul se limite apenas a apoiar diplomaticamente o envolvimento militar americano.

Os países do Sudoeste Asiático desenvolvem boas relações com a China⁵⁵, embora alguns tenham disputas pela posse de algumas ilhas no Mar da China do Sul (Vietname, Filipinas, Malásia, Brunei). Outros estão ligados por acordos de segurança aos EUA, caso das Filipinas e Tailândia. Também existem ligações através do acordo de defesa das cinco potências (Reino Unido, Austrália, Singapura, Nova Zelândia e Malásia). Singapura é favorável a uma forte presença americana na região no sentido de garantir a liberdade de navegação no Estreito de Malaca. Os países do Sudoeste reconhecem que o seu crescimento económico também se deve ao “papel estabilizador” dos EUA na região enquanto que a China considera ser este facto como um domínio estratégico americano. Face à atitude chinesa de tentar expandir a sua zona económica marítima, conjugada com o seu crescimento, económico, militar e aumento de exercícios militares, leva a que alguns destes países considerem este comportamento preocupante e de alguma reserva. Neste contexto, caso deflagre um conflito entre os EUA e a China no Estreito de Taiwan, será muito difícil não darem todo o apoio às FA americanas.

A UE não tem qualquer verdadeira responsabilidade de segurança na região, mas pelas suas novas ambições na Ásia⁵⁶ e face à evolução da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ela não poderá, provavelmente, limitar-se a um apoio político à democracia de Taiwan. As características autoritárias do regime de Pequim, tenderão para uma análise sobre o diferendo entre a China e o Taiwan segundo uma perspectiva dos valores democráticos, dos direitos humanos e do direito à auto determinação, isto é, a não democratização do regime chinês pesa na opinião pública europeia. Pelo exposto parecem-nos que a UE apoiaria os EUA em caso de conflito, podendo esse apoio chegar ao envolvimento militar de alguns países europeus se a situação se agravar.

A Rússia está ligada à China desde 1996 através de um acordo “partenariado estratégico” e mais tarde em 2001 pelo “Tratado de Amizade e Cooperação”. Este entendimento está materializado por vários acordos bilaterais de comércio, posições comuns sobre assuntos internacionais (Kosovo em 1999, Tratado ABM), uma nova cooperação na Ásia Central através da SCO e uma forte cooperação militar.

⁵⁴ Chong, Chin-Hwang, (2006) *Courrier International* nº 80 13 a 19 Out

⁵⁵ Através da ASEAN+3, reúne os líderes dos países da ASEAN e homólogos da China, Japão e Coreia do Sul.

⁵⁶ ASEM, fórum entre a UE e 13 países da Ásia-Pacífico

Em Março de 2006 foram assinados diversos acordos de cooperação energética, incluindo a construção de um gasoduto da Sibéria à costa chinesa⁵⁷. No passado, durante a guerra dos mísseis 1995-96, o governo russo declarou que a questão de Taiwan era um problema interno chinês, mas após a nova relação OTAN-Rússia, julga-se que a reacção russa, no futuro, será diferente. Poderá passar por uma intervenção diplomática forte e independente no sentido de ser olhada como actor influente na segurança regional. Sendo o armamento chinês de tecnologia maioritariamente russa, em caso de conflito, a China precisará de apoio técnico e logístico. Nesta situação a Rússia com grandes relações políticas e económicas com os EUA, a UE e o Japão, será confrontada com pressão destes países para a não venda e apoio de armamento. Por consequência, em caso de guerra no Estreito, a atitude de Moscovo será difícil de prever. É possível que se coloque numa posição neutral com o objectivo de poder influenciar a solução do problema e tornar-se assim um actor mais importante na região. O seu envolvimento, ao lado do EPL, parece ser difícil, face à relação com o Ocidente (UE-OTAN).

Para melhor materializar a problemática do relacionamento entre EUA, China e Taiwan, levantamos três cenários e abordamos de forma sintética as consequências dos mesmos.

Cenário 1 - Podemos levantar a hipótese da China tentar a reunificação pela força. As causas das guerras são múltiplas e complexas. Consideramos para este cenário as seguintes causas: na visão chinesa o impasse criado para a reunificação pacífica da “questão de Taiwan” prolonga-se há demasiado tempo; uma avaliação errada por parte da China das capacidades de defesa taiwanesa; por razões de crise interna, Pequim provoca o conflito; a ocorrência dum acidente armado não planeado que origina uma deflagração generalizada das hostilidades, por falta de comunicação e desconfiança das duas partes. Numa atitude de ataque provocada por Pequim, este teria de contar com a natural reacção dos EUA e com um potencial confronto, que em última análise poderia levar à nuclearização do conflito armado. Esta reacção teria certamente como objectivo o estabilizar da situação e dar cumprimento à sua declaração de princípios em relação à questão de Taiwan. Os países da região que têm relações de cooperação militar com EUA, acabariam também por se envolver. A atitude chinesa poderia ser entendida pelos países vizinhos e parceiros como uma tentativa de materialização das suas ambições de domínio sobre o mar da China Meridional, fragilizando assim as suas relações e talvez, adoptando

⁵⁷ http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20060328120737.pdf (13 de Nov de 06)

uma postura estratégica a favor de Taiwan. Por outro lado a reacção da comunidade internacional seria volátil, mas pensamos que os grandes actores da cena internacional adoptariam no mínimo fortes sanções económicas em relação à China e aceitariam, provavelmente, fornecer armamento, equipamento militar, dar apoio técnico e logístico se necessário.

Todo este cenário teria graves consequências para a segurança da região e especialmente para a China. A sua crescente dependência em relação às ligações financeiras e comerciais a nível mundial, onde a interdependência está associada ao processo de globalização, vulnerabilizaria todas as potências. Poderia dividir a região, pôr em causa não só o seu crescimento económico e o capital político acumulado, mas também ao assumir o ónus do conflito, proporcionar às outras potências e países que a envolvem, a criação de uma coligação e estratégia de contenção ou mesmo de confrontação futura. Seria um cenário de elevado risco que poderia contribuir para uma grande destabilização do equilíbrio de poderes na região e de consequências imprevisíveis caso o conflito se generalizasse.

Cenário 2 – De lado diametralmente oposto, podemos levantar o cenário de Taiwan tentar a independência. Nesta situação poderemos pensar que, face à sua orientação política, a China deverá reagir, por não poder aceitar que oficialmente houvesse uma separação e uma ruptura de todas as ligações que a unem a Taiwan, declarando assim a guerra e invadindo a ilha. Uma decisão neste sentido, por parte de Taiwan, julga-se ter de passar primeiro por uma consulta directa ao povo, independentemente da Administração que o governasse. Com efeito, na sociedade taiwanesa só uma minoria, e partidariamente apenas uma força política são claramente a favor da independência, pelo que uma maioria com sentido independentista será impossível de reunir. Assim, uma declaração de independência apenas como vontade da Administração julga-se ser um “suicídio” político. Por outro lado a segurança de Taiwan repousa bastante no comportamento dos EUA. Como já vimos através dos Comunicados efectuados, os EUA não são favoráveis a esta tomada de posição, pelo que não a acompanhariam. Em tal caso Taiwan arriscar-se-ia a ficar isolada, politicamente, na região e, portanto, criar graves consequências para a sua integridade territorial. Um contexto com estes contornos, de uma declaração de independência, acarretaria o mais que provável ataque da China, uma não interferência directa dos EUA e países vizinhos, logo um claro perdedor, que seria Taiwan, pelo que julgamos ser um cenário extremo e que Taiwan não quererá assumir.

Cenário 3 – Por último pode avançar-se com um cenário mais realista, que consiste em manter a actual situação, ou seja, o “*statu quo*”. O crescimento do poder militar e económico por parte da China, não tem sido acompanhado de um aumento da sua propensão conflitual, pelo que poderá considerar-se que o comportamento estratégico chinês não será necessariamente agressivo, desde que não sejam postas em causa questões de soberania territorial. E nesses casos dá particular importância à resolução do problema, numa primeira fase, por processos diplomáticos. É possível alguma ameaça de emprego de força, mas isso não é mais do que uma atitude de dissuasão com vista a Taipé não tentar enveredar por uma linha independentista que configure uma situação de não retorno sem conflito armado. Taiwan é uma potência económica de nível mundial pelo que o seu considerável valor deverá ser mantido e não reduzido devido a um conflito que causará danos sem vantagens para qualquer das partes. Possui um sistema político no seu conjunto estável, democrático e consensual com uma situação internacional particular. Oficialmente não é um Estado, mas na prática é quase tratado como tal nas suas relações com o Continente, com a comunidade internacional e com o seu “protector” EUA. Tudo são dados a ter em conta por parte dos taiwaneses no sentido de não pretenderem uma alteração da situação. É um dos maiores investidores na China e vê o mercado chinês como um forte aliado para o seu desenvolvimento económico. Deverá continuar a tentar estabilizar o ambiente regional e internacional que garanta boas condições para a sua integridade territorial. É evidente que à medida que a China se desenvolve o seu poderio tornar-se-á um desafio mais significativo. Os EUA dispõem de vantagens diplomáticas, políticas, estratégicas, económicas e militares de que não quererão abdicar, por isso pretenderão manter uma estratégia de continuar a garantir a sua hegemonia. Apesar de valores, de instituições, de culturas diferentes e de interesses geopolíticos e geoestratégicos diversos, o confronto entre a China e os EUA será o último recurso, pois, criará uma situação na qual ambos perdem. Este cenário é aquele que julgamos poder continuar a manter a estabilidade e o equilíbrio de poderes na região, mesmo com uma maior presença militar chinesa, continuando os EUA o fiel da balança dos complexos equilíbrios regionais.

É nesta vontade de reencontro do seu estatuto de Estado de direito internacional com a reivindicação identitária que Taiwan deverá moldar o seu papel político, por forma a que o equilíbrio de forças no Estreito entre a China e os EUA não penda para sentido contrário aos seus interesses. Considera-se validada a Hipótese 4.

Conclusões

O trabalho que agora termina procurou dar resposta à questão central enunciada, bem como às questões dela derivadas que para efeito de análise foram levantadas.

As considerações de ordem geopolítica, geoestratégica e em certa medida, geoeconómica que vertemos ao longo de estudo permitem afirmar que a Ásia-Pacífico é uma região complexa pelas suas dinâmicas estratégicas regionais e internacionais, e com uma posição de crescente económico e inovação. A sua massa demográfica e as perturbações sociais resultantes das transformações da sociedade ou ligadas ao envelhecimento das populações também não podem ser ignoradas. Actualmente as potências do Pacífico estão mais preocupadas em organizar a sua própria defesa e em criar vantagens estratégicas do que em cooperar para promover e desenvolver a Segurança.

O equilíbrio de poderes na região é feito de grande diversidade: os EUA, Rússia, Índia e China são potências nucleares; os americanos com interesse à escala mundial, estão a transferir para a região poder de forma a acautelar proveitos próprios e limitar a afirmação do poder chinês e sua influência em toda a Ásia; a Rússia, apesar da dificuldade político-económica verificada, mantém muito do seu potencial e efectua uma aproximação política e económica à China e Índia; o Japão, ciente da superioridade económica apresenta sintomas de se querer fortalecer no plano estratégico; os países da ASEAN onde a diplomacia é fundada sobre a constante procura de seguranças e contra seguranças, vêem as suas escolhas em matéria de parceiros alargarem-se sob forma de coligações de interesses acompanhadas de contrapartidas.

O problema de Taiwan coloca-se desde a fundação da RPC em 1949, quando dois milhões de partidários de Chiang Kai-shek se refugiaram na ilha após serem derrotados pelas forças de Mao Zedong. Em Taipé foi, provisoriamente, estabelecida a capital da RC considerada no plano internacional, e na ONU até 1971, como o legítimo Estado chinês.

Os EUA forneceram a Taiwan a sua protecção militar e uma importante ajuda financeira, possibilitando que este território, actualmente com cerca de 23 milhões de habitantes, tenha conhecido um forte desenvolvimento económico. Taiwan é uma economia e uma sociedade muito importante e fortemente voltada para o exterior não experimentando um verdadeiro sentimento de isolamento.

As ligações comerciais, humanas e intelectuais estabelecidas pelos taiwaneses em particular com os americanos são de tal intensidade que poucos outros povos as igualam ou superam.

As autoridades de Taiwan têm mantido ligações oficiais com a maior parte dos governos estrangeiros, e estes que se desenvolveram e multiplicaram a favor da democratização do país, tendo muitos Estados importantes colocado em Taipé missões quase diplomáticas (Institutos) que possuem na realidade atribuições próximas de chancelarias. Taiwan é um território democrático praticante do multipartidarismo e com eleições livres. A posição geográfica de Taiwan é o aspecto fulcral da rivalidade geoestratégica naquela zona.

Para a China, presentemente, Taiwan é, no plano interno e externo, um factor de tensão e de questão vital, constituindo a sua internacionalização um problema magno para a sua liderança, pois, no seu entender existe apenas uma China e Taiwan é parte dela, condição prévia para qualquer diálogo político. As actividades separatistas daqueles que preconizam a independência de ilha constituem a maior ameaça que pesa sobre a soberania e integridade territorial da China, assim como, contribuem para a instabilidade dos dois lados do Estreito. O governo chinês continua a seguir o princípio da “reunificação pacífica, um Estado, dois sistemas”, desenvolvendo relações entre os dois lados e promovendo o processo de reunificação pacífica da pátria, opondo-se firmemente a toda a actividade separatista ou intervenção estrangeira qualquer que ela seja. Taiwan representa uma perfeita justificação para o EPL projectar uma forte presença militar no Estreito, pois, no parecer dos seus decisores, só quando a China ultrapassar a capacidade tecnológica militar taiwanesa é que estará em condições de contrariar qualquer objectivo independentista. A importância de Taiwan reside, também no seu posicionamento estratégico como um espaço que separa a China do Oeste do Pacífico.

Intimamente associado à questão de Taiwan, os EUA, potência regional dominante, têm como principal objectivo a manutenção do *statu quo*, opondo-se a qualquer alteração unilateral da situação e apoiando a negociação para uma resolução pacífica. Além disso, Taiwan tem um grande valor geoestratégico para os americanos, porque se a China obtiver a reunificação a sua capacidade de projectar o poder marítimo e aéreo será consideravelmente aumentada. Por outro lado mantendo-se a actual situação podem sempre com custos mais reduzidos conhecer os desenvolvimentos tecnológicos que se processam do lado continental. Paralelamente vão mantendo a sua credibilidade e evitando que os seus aliados adoptem alinhamentos políticos dentro da esfera da influência da China. Por isso ao mesmo tempo que reafirma a política de “uma China” e que tenta moderar as ambições taiwanesas, Washington continua a vender armamento a Taiwan e a manifestar o seu apoio em caso de agressão de acordo com o TRA de 1979.

De alguma forma a normalização das relações entre a China e os EUA, a partir de 1972, criou condições para uma maior proximidade entre os poderes dos dois territórios sínicos. Também o desenvolvimento económico tem contribuído para a quebra de barreiras com os investidores a estimularem as economias de um e do outro lado do Mar da China. Embora esta interdependência económica seja uma realidade, a unificação de Taiwan à China Continental carece de um aprofundamento das relações ao nível político. A perspectiva de Taiwan aponta nesse sentido, advogando que a integração só poderá acontecer após a ocorrência de mudanças no regime político do Continente. Por tudo isto podemos dizer que o que separa as “duas Chinas” não é a geografia nem a economia mas a política.

Por último fizemos um exercício prospectivo, tendo sempre em conta a particularidade desta posição face ao dinamismo que caracteriza a região. Levantámos três cenários para um possível conflito entre a China e Taiwan, analisámos quais os prováveis graus de empenhamento que os diferentes actores da cena internacional teriam e elegemos como o mais provável aquele que considera a manutenção do *statu quo*.

Face ao aumento da pressão militar do EPL sobre a ilha, ao crescimento do poder estratégico chinês e ao seu conceito de nacionalismo, só a manutenção de um equilíbrio de forças na zona, assegurado por uma política de defesa credível, por parte de Taiwan e envolvimento estratégico claro por parte dos EUA, a favor do *statu quo* pode dissuadir os responsáveis chineses de se lançarem numa aventura guerreira, sobre Taipé. De outro modo se as autoridades e a sociedade taiwanesa baixarem a vigilância e sobretudo se os americanos decidirem descurar o seu dispositivo de segurança na Ásia-Pacífico ou limitar a interpretação do TRA, os riscos de conflito aumentarão. É importante que as capacidades de defesa das Forças Armadas taiwanesas e a vontade dos cidadãos da RC defenderem a sua Nação, seja real, pois, um Estado militarmente mais fraco pode garantir a sua sobrevivência sobre outro mais forte, se mantiver uma capacidade de dissuasão credível.

Contudo, irremediavelmente a segurança e sobrevivência de Taiwan dependerá sempre dos interesses geopolíticos e geoestratégicos dos Estados Unidos da América.

Bibliografia

Livros

ADLER, Alexandre (2006). O relatório da CIA: Como será o mundo em 2020? Lisboa: Editorial Bizâncio.

ALMEIDA, Políbio Valente (1990). Do Poder do Pequeno Estado. Lisboa: ISCSP.

BADIE, e at (2006). L'état du monde: Annuaire économique géopolitique mondial 2007. Paris: La Découverte.

BONIFACE, Pascal (2000a)). Dicionário de Relações Internacionais. Lisboa: Edições Plátano.

BONIFACE, Pascal (2005b)). Atlas de Relações Internacionais. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

BRZEZINSKI, Zbigniew (1997). Le grand Échiquier : L'Amérique et le reste du monde. [S.I.]: Hachette Littératures.

CABESTAN, Jean-Pierre (2003). Chine-Taiwan la guerre est-elle concevable?. Paris: Economica.

CARRIÇO, Alexandre (2006). De cima da grande muralha: política e estratégia de defesa territorial da República Popular da China, 1949-2010. Lisboa: Prefácio.

COHEN, Saul Bernard (1980). Geografia Y politica en un mundo dividido. Madrid: Ediciones Ejercito.

CORREIA, Pedro Pezarat (2002). Manual de Geopolítica e Geoestratégia. VoL I. Coimbra: Quarteto.

COUTO, Abel Cabral (1988). Elementos de estratégia: Apontamentos para um curso. Volume I. Lisboa: IAEM.

COUTO, Abel Cabral (1988). Elementos de estratégia: Apontamentos para um curso. Volume II. Lisboa: IAEM.

DEFARGES, Philippe Moreau (2003). Introdução à Geopolítica. Lisboa: Gradiva.

HUNTINGTON, Samuel (2001). O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial. 2e ed. Lisboa: Gradiva.

IAEM (1993). Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégica. ME 71-00-08, Pedrouços.

IAEM (2000). Geografia, Geopolítica e Geoestratégia: Realidade Geopolítica. NC 71-00-15. Pedrouços.

IAEM (2003-2005). Análise Geopolítica/Geoestratégica dos Estados Unidos da América. TIG CEM. Lisboa.

KISSINGER, Henry (2003). Precisar a América de uma política externa? Para uma Diplomacia. Lisboa: Gradiva.

LACOSTE, Yves (2006). Géopolitique: La longue histoire d'aujourd'hui. Espagne: Larousse.

MEDEIROS, Eduardo Raposo de (1998). Blocos Regionais de Integração Económica no Mundo. Lisboa: ISCSP.

MENDES, Nuno Canas (1997). Segurança e Desenvolvimento Económico na Região Ásia-Pacífico. Lisboa: ISCSP.

NYE JR, Joseph (2002). Compreender os Conflitos Internacionais. Lisboa: Gradiva.

ROMANA, Heitor Barras (2005). República Popular da China: A sede de poder estratégico. Coimbra: Almedina.

SANTOS, General Loureiro dos (2000a)). Reflexões sobre estratégia: temas de segurança e defesa. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.

SANTOS, General Loureiro dos (2003b)). A idade imperial: reflexões sobre estratégia III. 4th ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.

SANTOS, General Loureiro dos (2006c)). O império debaixo de fogo: ofensiva contra a ordem internacional unipolar. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.

SOUSA, Fernando A. Pereira (2005). Dicionário relações internacionais. Porto: Edições Afrontamento.

TERTRAIS, Bruno (2006). Dictionnaire des enjeux internationaux. Paris: Autrement.

TOMÉ, Luís Leitão (2000a)). A segurança e a estabilidade no Noroeste da Bacia do Pacífico. Lisboa: Edial.

TOMÉ, Luís Leitão (2004b)). Novo Recorte Geopolítica Mundial. Lisboa: Edial.

Monografias

JUNIOR, Artur C. Dornelles (2006). A questão de Taiwan: suas implicações políticas e militares para a relação entre os EUA-Taiwan-China (1991-2004). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LAMPTON, David M, TANNER, Travis (2005). Taiwan's elections, direct flights, and China's line in the sand. Washington: Nixon Center [em linha] [Referência de 3 Novembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.nixoncenter.org/index.cfm?action=showpage&page=Taiwan's%20Elections,%20Direct%20Flights,%20and%20China's%20Line%20in%20the%20Sand>>

Publicações em série

Atlas Universal Expresso (2005). Ásia e Oceânia. Lisboa: Editorial Sol90.

Daxiyanguo (2006). Revista portuguesa de estudos asiáticos. Nº9. Lisboa ISCSP.

Défense Nationale et sécurité collective (2006). Paris: École Militaire.

ESTRATÉGIA (2005). Vol XV. Lisboa: IPCE.

IISS (2005). The Military Balance 2005-2006. Londres: Oxford University Press.

Information Office of the State Council of the People's Republic of China. (2006). China's National Defense in 2006. Beijing: Foreign Language Press.

JANUS (2004a)). Anuário de relações exteriores. Lisboa: UAL.

JANUS (2005b)). Anuário de relações exteriores. Lisboa: UAL.

JANUS (2006c)). Anuário de relações exteriores. Lisboa: UAL.

Nação e Defesa (2005). Nº110. Lisboa: IDN.

Política Internacional (2006) Nº30, II série. Lisboa: IPRIS.

Relações Internacionais (2006) Nº10. Lisboa: IPRI.

Revista Militar (2002) Nº 2/3. Lisboa.

SCOBELL, Andrew, WORTZEL, Larry M. (2005a)). Chinese national security: decisionmaking under stress. USA: SSI, US Army War College.

SCOBELL, Andrew, WORTZEL, Larry M. (2006b)). Shaping China's security environment: the role of the people's liberation army. USA: SSI Army War College.

Artigos de publicações em série

BOLT, Paul J. (2001). Economic ties across the Taiwan Strait: Buying time for compromise. Issues & Studies Vol.37 nº2 p. 80-105 IIR, NCCU.

BROWN, David G. (2006). China-Taiwan Relations: More small steps. [referência de 22 de Outubro de 2006] Disponível na Internet em: <http://www.csis.org/media/csis/pubs/0603qchina_taiwan.pdf>

CHUNG, Chien-Peng (2000). The PRC's changing moral and realist perceptions toward territorial disputes. Issues & Studies Vol.36 nº5 p. 177-195 IIR, NCCU.

DUMBAUGH, Kerry (2006). Taiwan: Recent developments and US policy choices. CRS Report of Congress. RL 33510.

DUMBAUGH, Kerry (2006). Taiwan-US. Political relations: New Strains and changes. CRS Report of Congress. RL 33684 [referência de 18 de Novembro de 2006] Disponível na Internet em: <<http://www.taiwansecurity.org/IS/2006/CRS-1006.pdf>>

GARCIA, Francisco Proença, SARAIVA Maria Francisca (2006). A geopolítica da SIDA. Política Internacional, nº 30 série II. Lisboa. IPRIS.

GRAÇA, Pedro Borges (2004a)). A espionagem chinesa. Revista Sábado 28 de Outubro 2004. Lisboa: Presslivre.

GRAÇA, Pedro Borges (2005b)). Jogos chineses. Revista Sábado 7 de Abril de 2005. Lisboa: Presslivre.

GRAÇA, Pedro Borges (2005c)). O papel estratégico de Taiwan. Revista Sábado 21 de Abril de 2005. Lisboa: Presslivre.

GRAÇA, Pedro Borges (2005d)). A turbulência geopolítica no continente asiático. Revista Sábado 15 de Setembro de 2005. Lisboa: Presslivre.

GRAÇA, Pedro Borges (2006e)). A geopolítica da China. Revista Sábado 7 de Dezembro de 2006. Lisboa: Presslivre.

LAMBALLE, Alain (2006). L'Inde, un acteur international majeur. Défense National et sécurité collective, janvier 2006, p. 25-36.

LIN, Jih-wen (2006). The politics of reform in Japan and Taiwan. Journal of democracy Vol. 17, nº2.

LIU, Alan P.L. (2000). A convenient crisis: looking behind Beijing's Treats against Taiwan. Issues & Studies Vol.36 nº5 p.83-121 IIR, NCCU.

MORAIS, Henrique (2006). A china no dealbar do novo milénio. Política internacional. II série, nº 30, p.38-51.

PHILLIPS, Steven E. (2006). Identity and Security in Taiwan. Journal of democracy Vol. 17, nº3.

PINTO, Paulo A. Pereira (2004). Taiwan: um futuro formoso para a ilha? Aspectos de segurança e políticos. RBPI, vol. 47, nº 002, p. 59-99. Brasília. [em linha] [Referencia de 4 de Novembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/358/35847203.pdf>>

SACCHETTI, António Emílio (1995). Geoestratégia do Pacífico, in Anais do Instituto Superior Naval de Guerra, nº 9. Lisboa, p. 21-53.

YANG, Philip (2006). Doubly Dualistic Dilemma: US strategies towards China and Taiwan. International Relations of the Asia Pacific Vol.6 nº2: Oxford University Press. [referência de 11 de Novembro de 2006] Disponível na Internet em: <http://taiwansecurity.org/IS/2006/Yang_DDD.pdf>

Sítios da Internet

<http://community.middlebury.edu/~scs/>

http://encarta.msn.com/artcenter_0/Encyclopedia_Articles.html#ttsel

<http://encarta.msn.com/encnet/features/mapcenter/map.aspx>

http://go.hrw.com/atlas/norm_hm/world.htm

<http://mapas.geographicguide.net/pacifico.htm>

<http://report.mnd.gov.tw/>

<http://world.maporama.com/idl/maporama/>

http://www.10emtudo.com.br/demo/geografia/a_republica_popular_da_china/index_1.html

<http://www.answers.com/topic/pacific-ocean>

<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/awc-thry.htm>

<http://www.china.org.cn/english/index.htm>

<http://www.chinataiwan.org/web/webportal/W5023216/index.html>

<http://www.chinatoday.com/arm/>

<http://www.chinaview.cn/>

<http://www.comw.org/cmp/fulltext/strategissu.html>

<http://www.comw.org/cmp/index.html>

<http://www.csis.org/pacfor/ccejournal.html>

<http://www.defenselink.mil/pubs/>

<http://www.eia.doe.gov/oiaf/ieo/world.html>

<http://www.exploringabroad.com/regions/asia.htm>

<http://www.fas.org/main/home.jsp>

<http://www.fmprc.gov.cn/eng/default.htm>

<http://www.globalsecurity.org/>

<http://www.infoguerre.com/>

<http://www.infoplease.com/atlas/>

<http://www.jdcc-strategictrends.org/>

<http://www.leavenworth.army.mil/>

<http://www.lib.utexas.edu/maps/asia.html>

<http://www.mofa.go.jp/>

<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/>

<http://www.nationalreview.com/>

<http://www.news-of-russia.info/russia/02.htm>

<http://www.nri.co.jp/english/opinion/papers>

http://www.photius.com/wfb2000/countries/pacific_ocean/pacific_ocean_geography.html

[http://www.pucminas.br/conjuntura/destaque_conjuntura.php?&pagina=1181&menu=922
&cabecalho=29&lateral=6](http://www.pucminas.br/conjuntura/destaque_conjuntura.php?&pagina=1181&menu=922&cabecalho=29&lateral=6)

<http://www.rand.org/>

<http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal>

<http://www.siis.org.cn/>

<http://www.state.gov/p/eap/>

<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/>

<http://www.stratisc.org/>

<http://www.top100military.com/www.iiss.org.html>

<http://www.un.org/english/>

www.geocities.com/sobreojapao

www.news-of-russia.info/russia

ASEAN [em linha] [referência de 23 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.aseansec.org>>

ASEM [em linha]. [Referência de 20 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <http://ec.europa.eu/comm/external_relations/asem/intro/index.htm>

ASPI [em linha]. [Referência de 20 de Novembro de 2006]. Disponível na Internet em <<http://www.aspi.org.au/publications/publicationlist.aspx?pubtype=9>>

CIA – The World Factbook. [em linha]. [Referência de 20 de Novembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/countrylisting.html>>

Country Ranks 2006 [em linha] [referência de 15 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.photius.com/rankings/index.html#MILITARY>>

CSIS - [em linha] [Referência de 28 de Outubro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.csis.org/pacfor/ccejournal.html>>

Defence Capability Plan 2004-2014 [em linha]. [Referência de 10 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: < <http://www.defence.gov.au/dmo/id/dcp/dcp.cfm>>

Elements of Australian Foreign Policy [em linha]. [Referência de 10 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: < <http://www.australianpolitics.com/foreign/elements/>>

FMI [em linha] [Referência de 20 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.imf.org/>>

FRS [em linha] [referência de 12 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.frstrategie.org/barreCompetences/prolifDissuasionDefenses/20060403.pdf>>

GIO [em linha] [referência de 5 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.gio.gov.tw/taiwan-website/aboutroc/index.htm>>

Guia Geográfico: mapas da Oceânia [em linha]. [Referência de 14 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em < <http://www.oceania-turismo.com/mapas/asia-oceania.htm>>

MAC [em linha] [referência de 6 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.mac.gov.tw/english/index1-e.htm>>

National Chengchi University. Taiwanese/Chinese identity [em linha] [referência de 28 de Janeiro 2007]. Disponível na Internet em: <<http://esc.nccu.edu.tw/eng/data/data03-2.htm>>

National Statistic Taiwan [em linha] [referência de 28 de Janeiro 2007]. Disponível na Internet em: <<http://eng.stat.gov.tw/mp.asp?mp=5>>

New Zealand Ministry of Foreign Affairs and Trade. [em linha]. [Referência de 14 de Novembro de 2006]. Disponível na Internet em: < <http://www.mfat.govt.nz/about/oppu/role.html>>

North East Asia vital to US Regional and Global Interests [em linha]. [Referência de 17 de Novembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://usinfo.state.gov/eap/>>

OECD Factbook [em linha]. [Referência de 20 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <: <http://www.oecd.org/>>

OMC [em linha] [referência de 15 de Dezembro de 2006]. Disponível na Internet em: <<http://www.wto.org>>

PACOM [em linha] [referência de 15 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.pacom.mil>>

SIPRI [em linha] [referência de 6 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://www.sipri.org/contents/armstrad/access.html#twenty>>

TSR [em linha] [referência de 20 de Janeiro de 2007]. Disponível na Internet em: <<http://taiwansecurity.org/>>

Apêndice 1 – Corpo de Conceitos

Acção Preemptiva⁵⁸ – Acção habitualmente ligada a um quadro de legítima defesa, para designar um acto militar antecipatório perante uma ameaça directa e iminente, em que se ataca o agressor quando este se prepara para nos atacar (Israel, em 1967, na iminência de um ataque dos vizinhos árabes). Na interpretação dos EUA, expressa na National Security Strategy, a acção preemptiva com o uso letal da força, justifica-se ainda que a incerteza subsista sobre a iminência de um ataque do adversário (basta a suspeita). Na interpretação Francesa, por exemplo, a acção preemptiva está dependente da constatação e reconhecimento de uma evidente ameaça directa e iminente.

Acção Preventiva⁵⁹ – No contexto estratégico, faz referência ou à gestão de crises e conflitos ou ao pré-posicionamento de forças perante uma eventual ameaça. Assim, a acção preventiva será desencadeada para evitar que se confirme uma agressão ou a ameaça que, posteriormente, obrigaria ao uso da força maior.

Ameaça⁶⁰ – qualquer acontecimento ou acção que contraria a consecução de um objectivo e que, normalmente, é causadora de danos materiais ou morais. É o produto de uma possibilidade por uma intenção.

Coacção⁶¹ – emprego ou ameaça de emprego da força de forma a obrigar o adversário a aceitar os nossos pontos de vista.

Conflito⁶² – Oposição de interesses que não se traduz, forçosamente pelo emprego de força armada. Quando o confronto degenera em conflito armado, confunde-se com guerra.

Crise⁶³ – Situação de âmbito nacional ou internacional que configura uma ameaça aos valores interesses ou objectivos das partes envolvidas.

Dissuasão⁶⁴ – Modo de gerar, organizar e preparar para empregar a força com a finalidade de impedir o adversário de usar certos meios e/ou adoptar certos comportamentos (concretizar as ameaças).

⁵⁸ Luís L. Tomé, Novo Recorte Geopolítico Mundial, EDIUAL, 2004, Pag 206/207

⁵⁹ Idem

⁶⁰ Couto, Cabral (1988). Elementos de Estratégia, p. 329

⁶¹ Couto, Cabral (1988). Elementos de Estratégia, p. 81

⁶² Boniface, Pascal (2001). Dicionário de Relações Internacionais. Lisboa: Edições Plátano

⁶³ Idem

⁶⁴ Santos, J. Loureiro dos (1983). Incursões no domínio da estratégia. Fundação C. Gulbenkian p.327

Força - potencial resultante do somatório de factores morais e materiais de que um actor pode dispor. Estará associado tanto à posse de recursos que poderão ser naturais, humanos, económicos, militares, etc, como à eficácia das suas estruturas políticas, sociais, económicas, militares, etc.

Poder⁶⁵ - Poder é a capacidade de atingirmos os nossos objectivos ou fins. O dicionário diz-nos que é a capacidade de fazer coisas e de controlar outros. Robert Dahal, um cientista político de Yale, define poder como a capacidade de levar outros a fazer o que eles de outra forma não fariam.

Potência Global⁶⁶ - Existem quatro domínios decisivos numa potência global: Poder militar com um alcance à escala global; ser o motor do crescimento económico à escala mundial; tecnologicamente, manter a liderança geral em sectores de ponta na área da inovação; e culturalmente constituir um apelo sem rival. A combinação destes quatro domínios faz de um estado uma potência global, capaz de projectar poder e influência para o exterior das suas fronteiras à escala mundial. (Brzezinski – 1997, Pag 19/20 e 44).

Potência hegemónica⁶⁷ – O poder hegemónico refere-se à capacidade de um estado agir como uma força de domínio nas relações internacionais. Denota predominância de um estado sobre todos os outros. Geralmente esta capacidade para dominar os assuntos mundiais deriva de outros meios para além do mero exercício da força bruta. A política interna de uma Potência Hegemónica tem igualmente uma influência dominante nas políticas adoptadas pelos outros estados.

Potência Mundial ou Superpotência⁶⁸ - São os Estados que têm capacidade e o interesse em agir de modo universal e nenhuma questão importante de ordem internacional poderá ser resolvida sem o seu acordo.

Potência Regional – conceito que remete para uma esfera de capacidade e de influência baseada numa lógica de proximidade. Estas potências são muito diversificadas de acordo com as suas capacidades; faltam-lhes alguns elementos essenciais à potência, em particular no domínio da economia dispondo, no entanto, de uma influência predominante nos problemas regionais.

⁶⁵ Nye Jr, Joseph (2002). Compreender os conflitos internacionais. Lisboa: Gradiva. p.70.

⁶⁶ Brzezinski, Zbigniew (1997). “The Grand Chessboard”, HarperCollins Publishers, Nova Iorque

⁶⁷ <http://ace.acadiau.ca/polisci/aa/digagora/Glossary/glossaryhtml/hpower.html>

⁶⁸ Boniface, Pascal (2001). Dicionário de Relações Internacionais. Lisboa: Edições Plátano

Soft Power⁶⁹ – A capacidade de um actor das relações internacionais obter o que deseja através da atracção e não pela coacção – aplica-se através de relações com aliados, auxílio económico e intercâmbio cultural com outros actores, projectando um percepção de comportamento coerente com a retórica em apoio da democracia e os direitos humanos, e mais genericamente, mantendo uma opinião pública favorável e um credibilidade fora das suas fronteiras.

Segurança nacional⁷⁰ – Consiste num estado ou uma situação a atingir, abrangendo também o conjunto de actividades para alcançar esses estado ou situação, actividades de vária natureza, correspondentes aos diversos sectores das estratégias gerais (económico financeiras, politica externa, politica interna, cultura, transportes, comunicações, energia, etc, e militar)

⁶⁹ Joseph S. Nye, Foreign Policy Association, March 16, 2004, Site Internet: <http://www.fpa.org/index.htm>

⁷⁰ Santos, General Loureiro dos (2000). Reflexões sobre estratégia, Publicações Europa América, p. 86

Apêndice 2 – Comando Militar Regional Americano da Ásia - Pacífico (PACOM)

O PACOM é responsável por uma área com mais de 50 por cento da superfície da terra, aproximadamente 169 milhões km². Estende-se desde a costa Ocidental dos Estados Unidos à costa do Leste de África (excluindo as águas a Norte do paralelo 5° S e a Oeste do meridiano 68° E). Vai do Ártico ao Antártico. Inclui o Estado de Havai e as Forças do Alasca. Atravessa 16 fusos horários. O seu Estado- Maior está situado no Havai.

Militares presentes em países e bases EUA na área Ásia - Pacífico

Nº de efectivos	Países / territórios
41.360	Coreia do Sul
40.680	Japão
4.490	Guam
1.100	Filipinas
668	Diego Garcia
151	Singapura
110	Austrália
69	Tailândia



Área a vermelho – área de responsabilidade

<http://www.pacom.mil/staff/jiatfwest/images/map1.jpg>

Apêndice 3 – Breve resenha histórica de Taiwan

Os aborígenes Taiwaneses são originários do sudeste de China e da Austranésia tendo chegado à ilha há cerca de 15000 a 12000 anos. Nos anais da história da China refere-se que em 603 ocorreu uma expedição realizada pela China à ilha de Taiwan.

Crê-se que um grupo de japoneses conquistou parte da ilha no século XII e que até ao século XV considerou a parte oriental como sua possessão.

Em 1590, os Portugueses foram os primeiros europeus a chegar à ilha, tendo-a chamado de Formosa. Vários povos tentaram estabelecer-se na ilha (Espanhóis, Japoneses e Chineses) mas foram os Holandeses que no século XVII a colonizaram durante um período de 37 anos (1624-1661).

Com a invasão da China pelos Manchus é derrubada a dinastia Ming, tendo um dos seus seguidores Chen Cheu-kung (conhecido por Koxinga) refugiado na Formosa, expulso os Holandeses e restabelecido o residual da dinastia Ming. Nos finais do século XVII os descendentes da dinastia Ming capitularam e ilha passou a fazer parte do império Chinês, controlado pela dinastia Ching durante os dois séculos seguintes. O governo Ching tentou reduzir a pirataria na área, emitindo também vários decretos para o controlo da imigração e respeito dos direitos da terra por parte dos aborígenes.

Pelo tratado de Shimonoseki de 1895 que pôs fim à guerra sino-japonesa, a China foi forçada a ceder Taiwan e as ilhas Pescadores ao Japão. Os habitantes de Taiwan negaram-se a cumprir as condições do tratado, tendo sofrido uma forte repressão por parte dos Japoneses através de uma dura ocupação e uma japonização a nível cultural, durante meio século. Embora exercendo um forte poder colonial, foram decisivos na industrialização e melhoria de condições básicas na ilha. Em 1939 os japoneses reforçaram o controlo da ilha e convertem-na em parte do Império.

No Continente, em 1927, Chiang Kai-shek conseguiu a Unificação Nacional, após derrotar os líderes militares regionais, facto conseguido graças à aliança entre o Partido Nacionalista (Kuomintang-KMT) e o Partido Comunista fundado em 1921.

Com o fim da segunda Guerra Mundial em 1945, e de acordo com os termos do tratado de rendição do Japão, a ilha de Taiwan foi transferida para o domínio Chinês. A administração Chinesa comandada por Chen Yi foi repressiva e corrupta, originando forte descontentamento entre os autóctones. O ambiente de desconfiança fazia-se sentir devido às diferenças culturais entre os nativos e os recém-chegados, o que rapidamente se

transformou na perda de apoio popular da administração e num grave incidente que culminou no massacre de 30.000 cidadãos, pelas forças governamentais.

No continente decorria um conflito (guerra-civil) entre as Forças Nacionais (Kuomintang - Partido Nacionalista ou KMT) chefiadas por Chiang Kai-shek e as Forças Comunistas (Partido Comunista Chinês - PCC) comandadas por Mao Zedong. Este conflito teve o seu epílogo em 1949 com a vitória das forças comunistas e a fundação da República Popular da China (RPC), bem como, com a fuga de Chiang Kai-shek para Taiwan e o êxodo de aproximadamente 2 milhões de refugiados vindos da China continental. Chiang Kai-shek, então Presidente da China, estabeleceu uma capital “provisora” em Taipé, reorganizou as suas tropas e instituiu reformas político-administrativas, tendo continuado a prometer a reconquista da China continental.

Em 1950 os comunistas tentaram invadir Taiwan, tendo os seus planos sido abortados pelos Estados Unidos da América (EUA) que enviaram forças navais para defender a ilha. Em 1951, foi enviado pelos americanos pessoal militar a Taiwan para preparar e treinar o exército nacionalista. A década de 50 decorreu com a protecção eficaz da Sétima Esquadra americana a potenciais tentativas de invasão por parte do regime comunista de Pequim. Em Março de 1954 Chiang Kai-shek é eleito de novo Presidente da República da China, nome com que se passou a designar a si mesmo o governo de Taiwan. Nesse mesmo ano foi firmado um tratado de defesa mútua, entre o governo Nacionalista e os EUA no qual estes se comprometiam a defender Taiwan em caso de ataque por parte do regime comunista da China continental.

A década de 60 decorreu com o envio de forte ajuda económica e militar ao regime de Taiwan o que lhe permitiu uma grande produção nacional, excelente exportação, convertendo-se numa moderna economia com um índice de crescimento muito acima dos outros territórios asiáticos. Neste período a Assembleia Nacional elegeu Chiang Kai-shek para o seu terceiro e quarto mandatos presidenciais em 1960 e 1966. O regime gozava de um amplo reconhecimento diplomático a nível mundial e o seu comércio internacional encontrava-se no auge. Nenhum dos dois governos Chineses tinha relações diplomáticas com alguma nação que reconhecesse o outro governo.

No início da década de 70 a situação alterou-se após os EUA terem estabelecido contactos com RPC e apoiado a sua admissão no seio das Nações Unidas, o que conduziu, em 1971, ao reconhecimento da República Popular da China como representante do povo chinês, substituindo Taiwan.

Como consequência deste desenlace muitas nações retiraram o seu reconhecimento diplomático a Taiwan embora continuassem as relações comerciais e comunicações não oficiais. Chiang Kai-shek permanece Presidente até ao fim da sua vida em 1975. Durante cerca de 3 anos assumiu esta função o vice presidente de então Yen Chia-Kan, tendo em 1978 Chaing Ching-Kuo filho de Chaing Kai-shek sido eleito Presidente.

Na década de 80 a economia de Taiwan continuou a crescer e foram incrementados os contactos comerciais com a Europa Ocidental. Quaisquer tentativas de reconciliação com a República Popular da China eram recusadas. Em 1987 foi suprimida a lei Marcial, vigente desde 1949. Por morte do então Presidente em 1988 sucedeu o vice-presidente Lee Teng-hui, que gradualmente liberalizou e democratizou o sistema, tendo sido o primeiro nativo de Taiwan a assumir a Presidência. Em Março de 1990 foi eleito por um período de 6 anos.

Em Dezembro de 1991 decorreram eleições para a assembleia legislativa Yuan em que participaram pela primeira vez os partidos da oposição, tendo sido ganhas pelo KMT com 71% dos votos, ficando em segundo lugar o Partido Democrático Progressista (PDP) que advogava a independência de Taiwan. Em 1993 reuniram-se pela primeira vez, desde 1949, representantes ao mais alto nível da RPC e Taiwan no sentido de discutirem assunto referentes às relações entre os dois territórios.

Em 1995 decorreram eleições para a assembleia legislativa tendo ganho o KMT e ocorrido ainda um crescimento do PDP, obtendo uma maior representatividade parlamentar.

Em 1996 Lee Teng-hui foi reeleito Presidente nas primeiras eleições directas para a Presidência, por um período de 4 anos.

Em 2000 ocorreram novas eleições presidenciais que foram ganhas por Chen Shui-bian partidário do PDP. Esta vitória representou a primeira verdadeira mudança de política ocorrida em Taiwan no quadro do segundo sistema democrático já implantado.

Apêndice 4 - Factores geopolíticos e geoestratégicos sobre Taiwan

1. Factor Físico

Superfície:

Total: 35.980 km²

Terrestre: 32.260 km²

Marítima: 3.720 km²

Nota: inclui os arquipélagos:

Penghu (Pescadores), Matsu e Kinmen (Quemoy)

Fronteiras Terrestres:

Total: 0 Km

Linha costeira: 1.566 km

Disputas marítimas:

Direito marítimo: 12 Milhas náuticas

Zona Económica Exclusiva: 200

Milhas náuticas

Clima: Tropical; marítimo,

época de chuvas durante a monção de sudoeste (Junho até Agosto); nublado durante o resto do ano.

Terreno: dois terços da zona Este é maioritariamente montanhosa, enquanto a zona Oeste apresenta planícies.

Elevações extremas:

Ponto mais baixo: Mar Sul da China – 0 m

Ponto mais elevado: Yu Shan – 3.952 m

Recursos naturais: Pequenos depósitos de carvão, gás natural, pedra calcária, mármore e amianto

Aproveitamento dos terrenos:

Terreno arável: 24%

Cultivo permanente: 1%

Outros: 75%

Fenómenos Naturais: terremotos e tufões



Fonte:

<https://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/tw.html>

(27 Janeiro 07)

Problemas relativos ao ambiente: poluição do ar, água poluída devido às emissões industriais, contaminação das fontes de água, comércio de espécies em vias de extinção, produção de lixo com baixo nível de radioatividade.

Acordos internacionais relativos ao ambiente:

Assinados, mas não verificados: nenhum, devido ao estado internacional do Taiwan.

Taiwan é uma ilha acidentada em forma de folha de tabaco, localizada a oeste da costa Asiática, com o Japão a Norte e as Filipinas a Sul. Estrategicamente localizada entre os estreitos Taiwan e Luzon está separada da República Popular da China pelo estreito de Taiwan, cerca de 220 km do ponto mais afastado e 130 km do mais próximo. Apresenta uma área total de 35.980 km² com 144 km de largura e 394 km de comprimento. A sua linha de costa tem uma extensão de 1556 km. O país inclui também três grupos de arquipélagos: Penghu (Pescadores) constituído por 64 ilhas com uma área de 127 km², situa-se a Sudoeste de Taiwan; Kinmen (Quemoy) constituído por 12 ilhas, cobrindo uma área de 150 km² encontra-se a 82 milhas náuticas a Oeste de Pescadores, onde a mais curta distância da ilha principal à costa da província Chinesa de Fujian é de 2 km; Matsu constituído por variadas ilhas situa-se a 114 milhas náuticas a Noroeste de Taiwan, ficando a mais próxima a 10 km da costa chinesa. Reclama direitos sobre os arquipélagos de Dongsh (Pratas), Nansha (Spratly), Sisha (Paracel) e Jhongsha (Macclesfield) no mar da China meridional, e ainda as ilhas Didiaoyutai a 75 milhas náuticas para Nordeste.

2. Factor Humano

População: 22 876 527 (Dezembro de 2006)

Estrutura etária:

0-14 Anos: 19.4% (masculino 2 330 951; feminino 2 140 965)

15-64 Anos: 70.8% (masculino 8 269 421; feminino 8 040 169)

Acima dos 65 Anos: 9.8% (masculino 1 123 429; feminino 1 131 152)

Média etária:

Total: 34.6 anos

Homens: 34.1 anos

Mulheres: 35 anos (2004 est.).

Ritmo de crescimento da população: 0.61%

Taxa de nascimento: 12,56 nascimentos por cada 1000 pessoas

Taxa de mortalidade: 6,48 mortes por cada 1000 pessoas

Taxa de mortalidade infantil:

Total: 6,29 mortes por cada 1000 nado vivos

Homens: 6,97 mortes por cada 1000 nado vivos

Mulheres: 5,55 mortes por cada 1000 nado vivos

Esperança de vida à nascença:

Total da população: 77,43

Homens: 74,67

Mulheres: 80,47

Grupos étnicos: 84% taiwaneses (incluindo Hakka), 14% chineses, 2% aborígenes

Religiões: 93% mistura entre Budismo, Confucionismo e Taoísmo, 14% Cristianismo, 2.5% outros

Línguas: Mandarim Chinês (oficial), Taiwanes, Hakka dialectos

Literacia:

Definição: a partir dos 15anos sabe ler e escrever

Total da população: 96.1%

3. Factor Estruturas

Tipo de governo: Democracia multipartidária

Capital:

Nome: Taipei

Coordenadas geográficas: 25 03 N, 121 30 E

Diferença horária: UTC+8 (13 horas mais cedo de Washington DC)

Poder Executivo:

Chefe de Estado: Presidente CHEN Shui-bian (desde 20 Maio de 2000) e vice-presidente Annette LU (LU Hsiu-lien) (desde 20 Maio de 2000)

Chefe de Governo: Primeiro-ministro (presidente do executivo Yuan) SU Tseng-chang (desde 25 de Janeiro de 2006) vice-primeiro-ministro (Vice Presidente do executivo Yuan) TSAI Ing-wen (desde 25 de Janeiro de 2006)

Gabinete: Executivo Yuan nomeado pelo Presidente

Eleições: Presidente e vice-presidente eleitos ao mesmo tempo pela população para um mandato de 4 anos; o primeiro-ministro é nomeado pelo Presidente e o vice-primeiro-ministro é designado pelo Primeiro-ministro, mas nomeado pelo Presidente. As eleições foram efectuadas a 20 de Maio de 2004 (as próximas serão em Março de 2008).

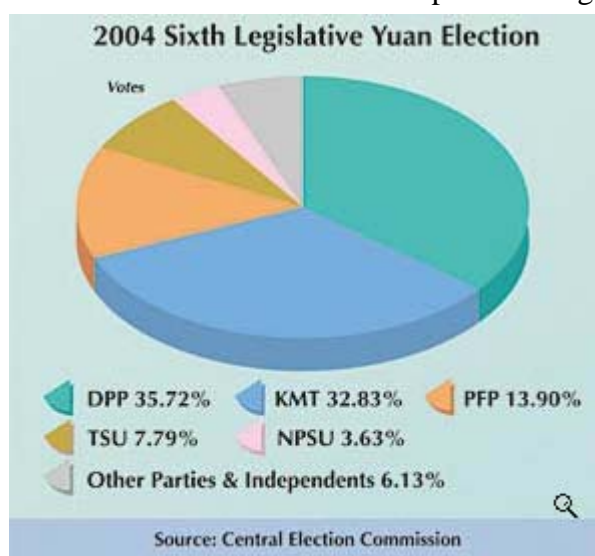
Resultado das eleições: CHEN Shui-bian foi reeleito Presidente (DPP) 50.1%; LIEN Chan (KMT) com 49.9% foi o candidato derrotado.

Poder Legislativo: Assembleia Yuan tem 225 lugares; a Assembleia Nacional tem 300.

Nota: Como resultado da alteração constitucional aprovada pela Assembleia Nacional em Junho de 2005, o número de lugares no Parlamento será reduzido de 225 para 113 lugares, a partir das eleições de 2007.

Com a alteração constitucional a Assembleia Nacional foi dissolvida em Junho de 2005, dando lugar a uma única Câmara Legislativa.

Eleições: Legislativas Yuan - última eleição (11 de Dezembro de 2004). Próximas eleições serão em Dezembro de 2007.



Resultados das eleições: Legislativas Yuan – (percentagem por partido) – PDP 36%, KMT 33%, PRP 14%, UST 8%, outros partidos e partidos independentes 9%; lugares por partido: PDP 89, KMT 79, PPP 34, UST 12, outros partidos 7, independentes 4.

Para a Assembleia Nacional – (percentagem de votos por partido) – PDP 42.5%, KMT 38.9%, UST 7%, PPP 6%, outros 6.6%; lugares por partido: PDP 127, KMT 117, UST 21, PPP 18, outros 17%. (2005)

Poder Judicial: Judicial Yuan (membros constituintes são nomeados pelo Presidente com o consentimento da Assembleia Yuan.)

Principais Partidos Políticos: Partido Democrático Progressivo (PDP); Partido Nacionalista, Kuomintang (KMT); Partido Primeiro o Povo (PPP); União Solidária de Taiwan (UST); e outros partidos menores entre eles o Novo Partido (NP).

Grupo de pressão e seus líderes: O Movimento Independente de Taiwan, vários grupos de negócios e ambientais.

Nota: tem havido várias disputas entre partidos, nomeadamente entre o movimento independentista e o da reunificação, pois, enquanto uns desejam a independência outros pretendem a junção de Taiwan com a China.

Participação em organizações internacionais: APEC, AsDB, ICC, ICFTU, ICRM, IFRC, IOC, WCL, WTO.

Fonte: <http://www.gio.gov.tw/taiwan-website/5-gp/yearbook/05Democracy%20andtheElectoralSystem.htm#Elections>
(30 de Novembro 06)

(a) *Estruturas Económicas*

PIB (ppb): \$631.2 milhares de milhão (est.)

PIB – taxa de crescimento real: 3,8% (2005 est.)

PIB – per capita: \$27.600 (2005 est.)

PIB – distribuição por sector:

Agricultura: 1,8%

Industria: 25,9%

Serviços: 72,3% (2005 est.)

Investimento: 20,4% do PIB (est. 2005)

Taxa de população abaixo da linha de pobreza: 0,9% (2005)

Taxa de Inflação: 2,3% (2005 est.)

Força laboral: 10,6 milhões (2005 est.)

Força laboral por sectores:

Agricultura: 6%

Industria: 35,8%

Serviços: 58,2% (2005 est.)

Taxa de desemprego: 4,1%

Dívida pública: 33,6 % de PIB (2005 est.)

Produtos agrícolas: arroz, cereais, vegetais, fruta, chá, porcos, aves, carne, leite e peixe.

Indústrias: electrónica, refinaria petrolífera, armamento, química, têxtil, aço e ferro, maquinaria, cimento, alimentar, veículos, produtos de consumo e farmacêutica.

Taxa de crescimento industrial: 4,1% (2005 est.)

Petróleo – produção: 8.354 bbl/dia (2003 est.)

Petróleo – exportação: NA bbl/dia

Petróleo – reservas conhecidas: 2,9 milhões bbl/dia (2005 est.)

Gás natural – produção: 970 milhões m³ (2003 est.)

Gás natural – reservas conhecidas: 76,46 milhares de milhão m³ (2005)

Balança de pagamentos: \$16,22 milhares de milhão (2005)

Exportações: \$189,4 milhares de milhão f.o.b (2005)

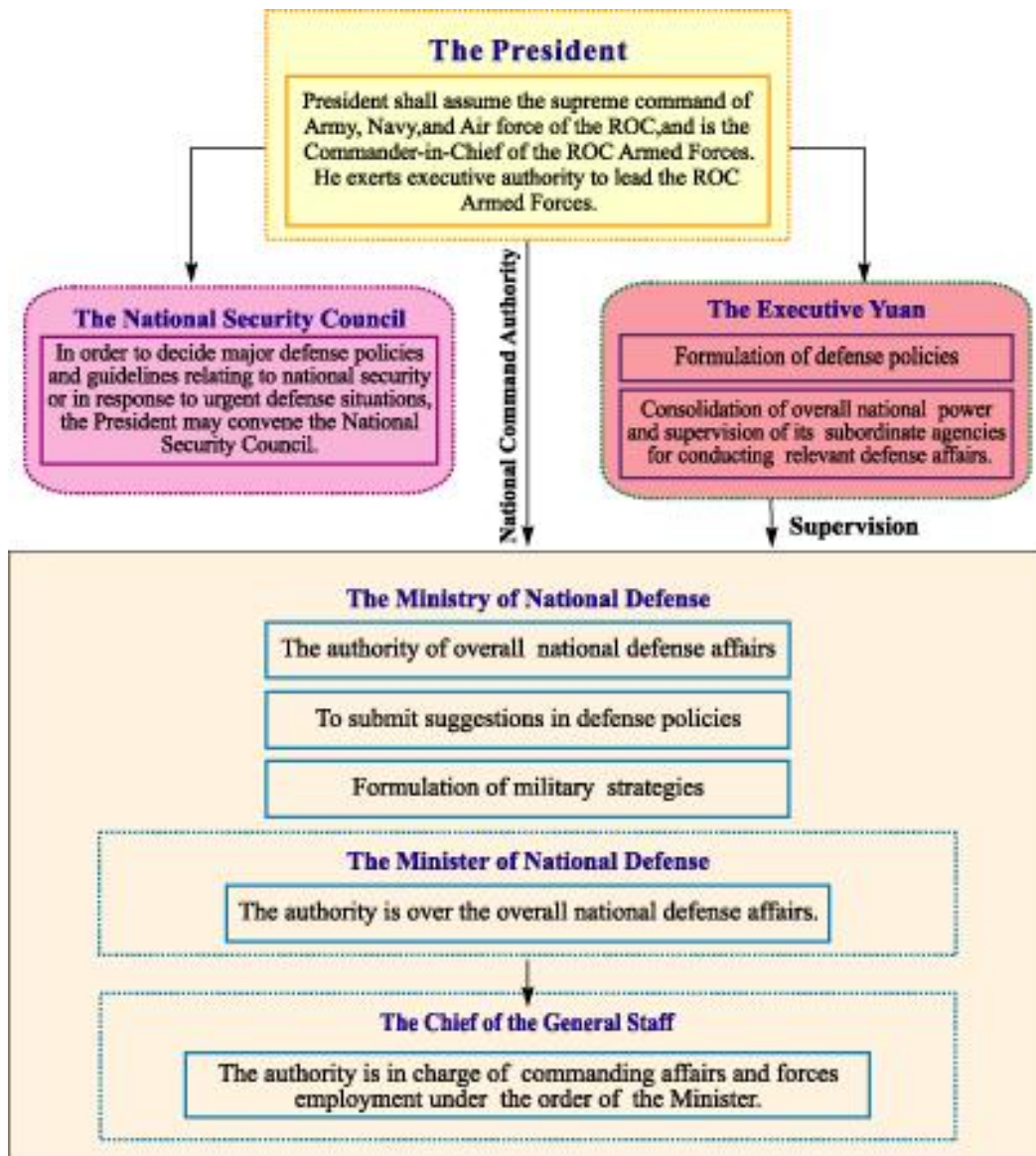
Principais exportações: equipamento eléctrico e mecânico 44.5%, mineral, instrumentos de precisão.

Dívida externa: \$87,5 milhares de milhão (2005)

(b) *Estruturas Militares*

• **Estrutura da Defesa Nacional de Taiwan**

As quatro Instituições de Defesa Nacional são: o Presidente, o Conselho Nacional de Segurança, o Yuan executivo (Governo) e o Ministro da Defesa, estando o Chefe do Estado-Maior-General das FA sob sua tutela.



Fonte: http://report.mnd.gov.tw/english/03_12_3.htm (17 Janeiro 2007)

- **Composição das Forças Armadas**

As Forças Armadas iniciaram em 1997 um ambicioso programa de reestruturação com o objectivo de passar de 450 mil militares a menos de 300 mil. De igual modo reduziram os reservistas a metade. Estima-se a que a capacidade de mobilização (idade entre 19-49 anos) seja de seis milhões de indivíduos.

O Exército está organizado em três Exércitos com 28 Brigadas de infantaria, cinco Brigadas blindadas, três Brigadas motorizadas, cinco Brigadas de Infantaria mecanizadas, um Comando de Artilharia Anti-Aérea e uma Brigada de Defesa de Costa. Nas fileiras o número estimado é de 200 mil militares.

A Marinha está organizada em três distritos navais, com cerca de 45 mil homens. Possui quatro submarinos e a principal força de combate de superfície inclui 11 Destroyers, 21 Fragatas, para patrulhar a costa 59 embarcações e 12 Draga-minas. Conta ainda com 18 navios anfíbios. Tem também um Corpo de “marines” composto por duas brigadas de fuzileiros com 15 mil homens. Existe aviação naval com 32 aeronaves de combate e 20 helicópteros de combate.

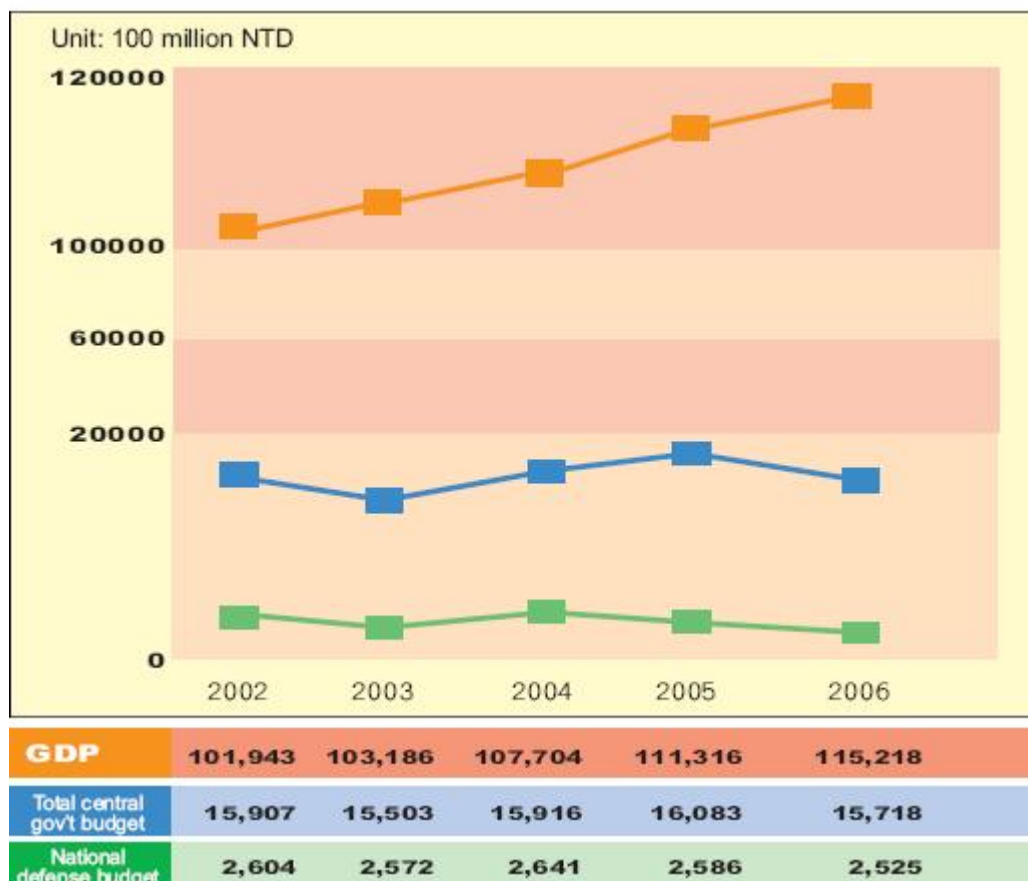
A Força Aérea com 45 mil homens possui 479 aeronaves, sendo aviões de combate 421 e 34 helicópteros.

Desde 2002 decorrem reformas na estrutura militar de Defesa com o objectivo de simplificar e clarificar a cadeia de comando entre o Estado-Maior-General das FA e o Ministério da Defesa. Por outro lado está em curso a reestruturação dos Ramos de modo a torná-los mais eficazes.

As propostas de investimento mais importantes na área de Defesa conforme o Relatório de Defesa Nacional 2006 serão em três sistemas de arma: submarino electro-diesel de tecnologia mais difícil de detectar, equipado com torpedos e mísseis Harpoon; aeronave de luta anti-submarina P-3C com capacidade de atacar alvos à superfície ou submersos que, combinado com destroyers de classe-Kidd, permite aumentar a capacidade de combate na terceira dimensão; sistema de míssil PAC-3 que melhora a capacidade actual de segurança anti-míssil dos mísseis PAC-2.

Em relação à política de aquisições de material militar Taiwan combina dois princípios: a prioridade nacional e a diversidade da fonte de aprisionamento.

- **Despesas militares – em percentagem do PIB:**



Fonte: <http://www.mnd.gov.tw/eng/discover/default.htm> (10 de Novembro 2006)

GDP ⇔ PIB

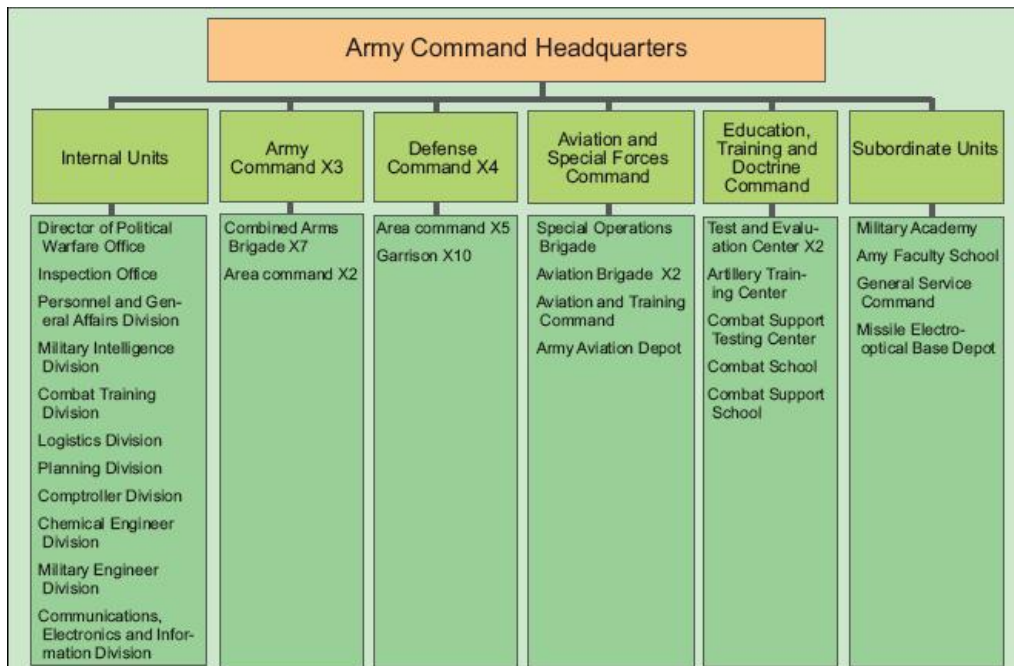
1 USD = 38.5 NTD

- **Estrutura das Forças Armadas de Taiwan**

As FA são compostas pelos três Ramos: Marinha (inclui o corpo de *Marine*), Exército e Força Aérea, um Comando Logístico Conjunto, Comando Reservista, Comando de Polícia Militar, Comando Mísseis e Comando de Guerra Electrónica e Comunicação e Informações.

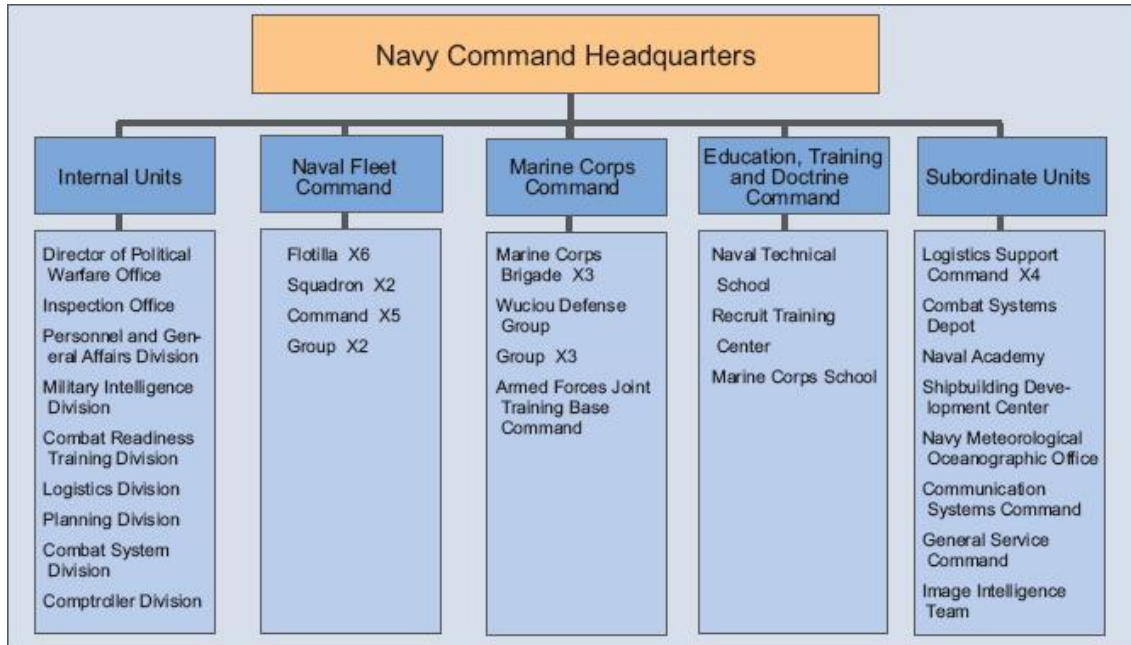
1. Exército

A reorganização do Exército vai no sentido de reforçar as capacidades de defesa e de contra ofensiva trocando efectivos por poder de fogo e rapidez de movimento, e estar preparado para opor-se a qualquer tentativa inimiga de lançar uma testa-de-ponte na ilha.



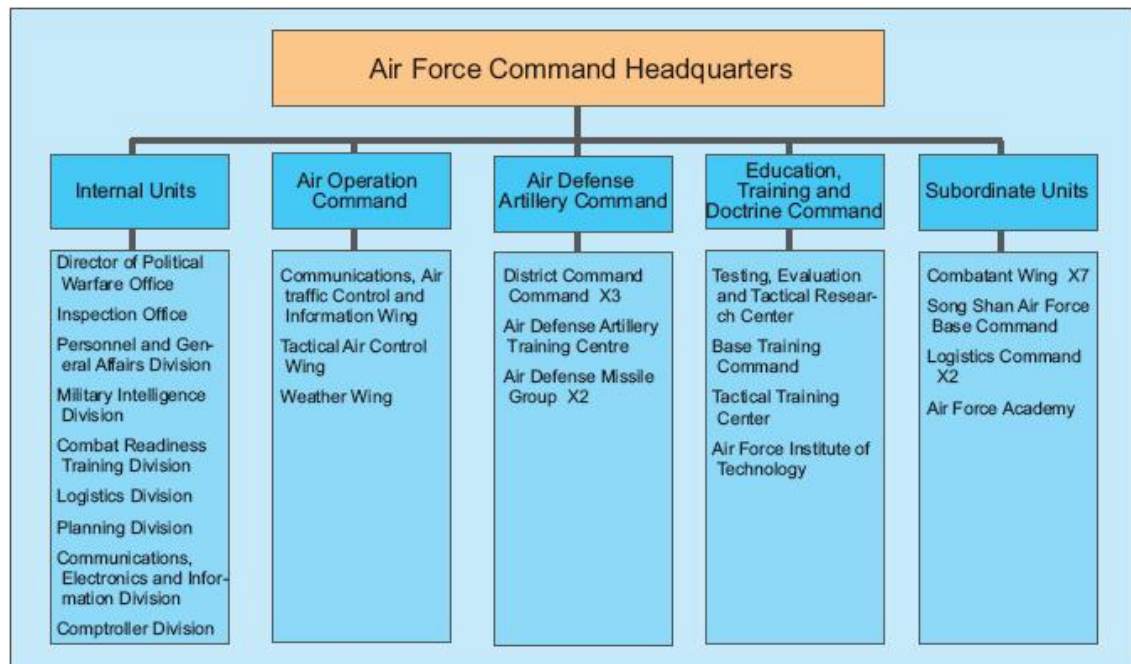
2. Marinha

A reorganização da Marinha leva a que continue a manter a segurança do espaço marítimo e ser capaz de retaliar em caso de invasão bem como com o seu corpo de “Marine” efectuar operações de infiltração no Continente.



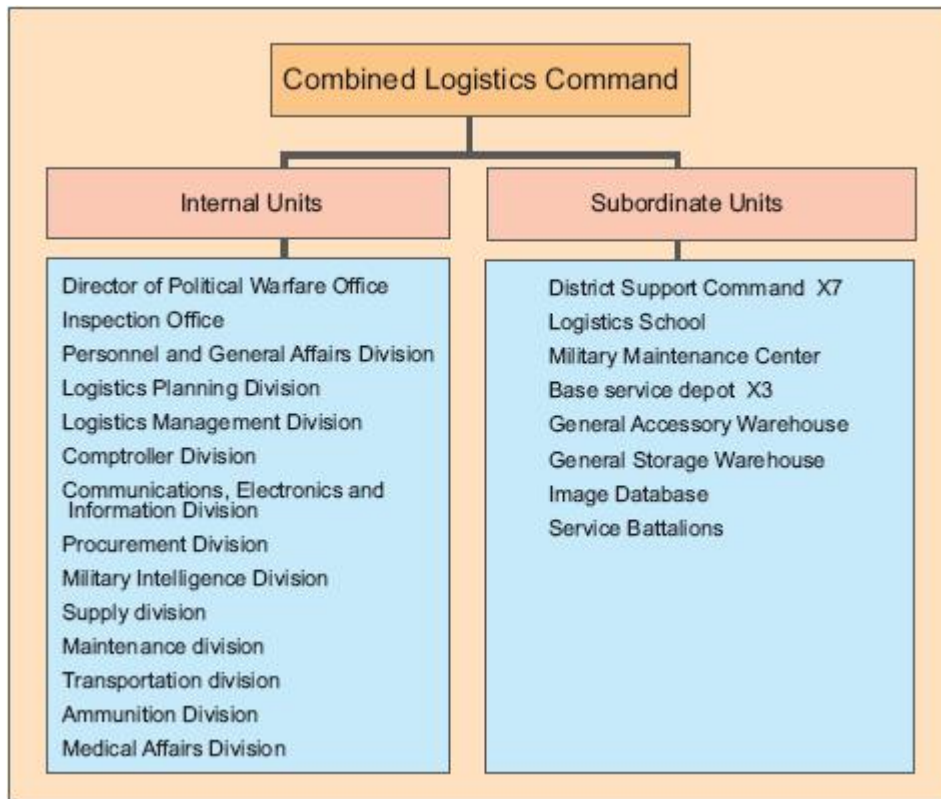
3. Força Aérea

A reorganização da Força Aérea deve possibilitar o patrulhamento e segurança do espaço aéreo e em caso de conflito com a Marinha executar operações conjuntas, bem como “ataque” a estruturas importantes do adversário.

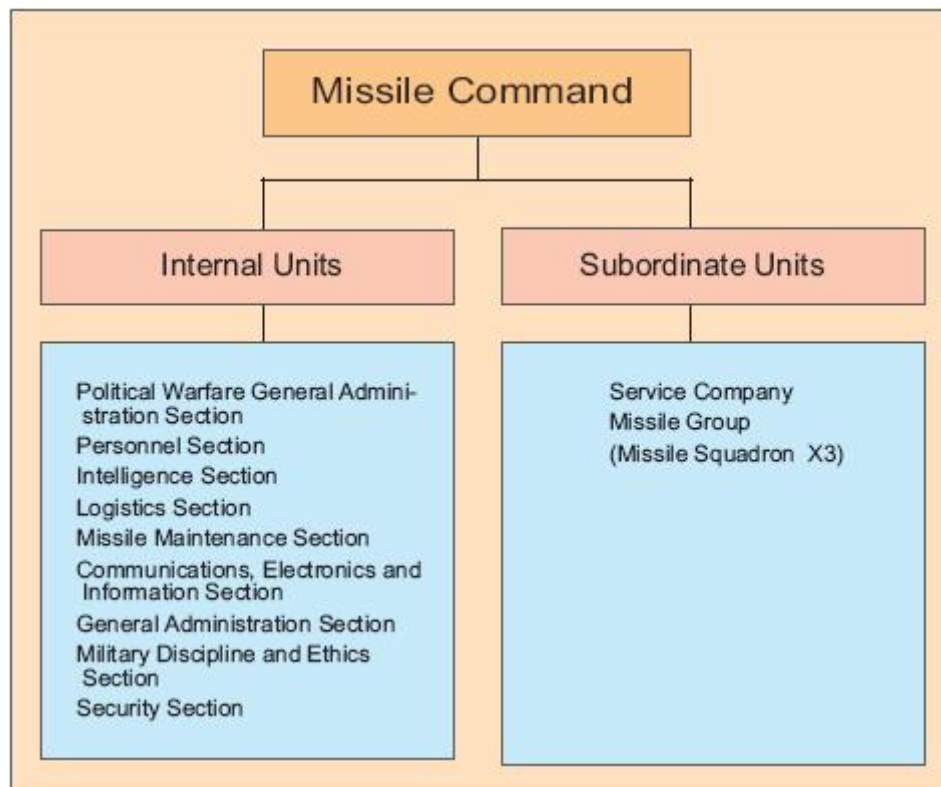


4. Comando Logístico Conjunto

O Comando Logístico Conjunto é responsável pelo apoio logístico às FA.



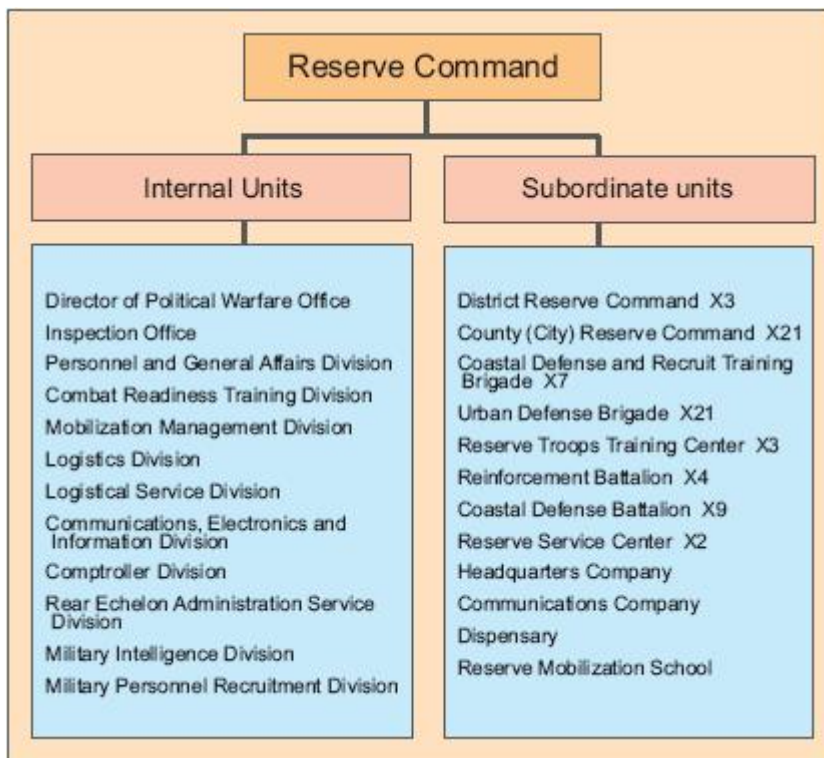
5. Comando de Mísseis



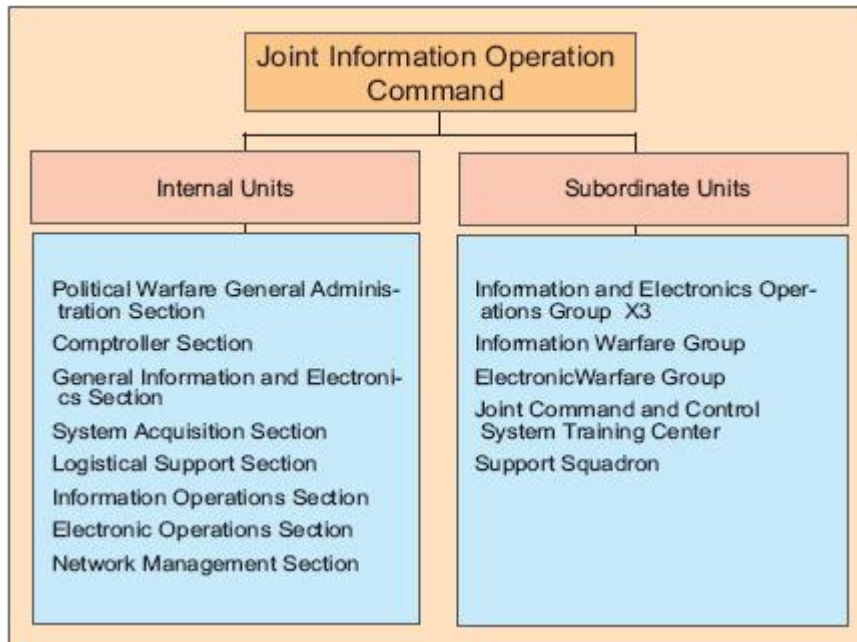
6. Comando de Polícia Militar



7. Comando da Reserva



8. Comando de Guerra Electrónica e Informações



Fonte: http://report.mnd.gov.tw/english/02_06_2.htm (10 de Novembro 2006)

- **Equipamentos militares do Exército**

SYSTEM			Source	INVENTORY		
				2005	2010	2015
ARMOR				1.831	1531	1156
M60A3		105mm gun, 60 tons	M60	376	376	376
M48H	CM11 / CM12	105mm gun, 54 tons	M48	450	450	450
M48A5		105mm gun, 52 tons	M48	100	100	100
M41D	Type 64	76mm gun, 24 tons	M41	675	375	---
M24		90mm gun, 20 tons	M24	--	--	--
ARMORED FIGHTING VEHICLES				1175	1475	1850
CM32		8x8 wheeled	??	(?) 5	(?) 300	(?) 675
CM31		6x6 wheeled	??	?	?	?
CM21		APC tracked w/20mm	M113	225	225	225
M113		APC tracked	M113	650	650	650
V-150		4x4 wheeled	LAV-150	300	300	300
Reconnaissance						
M8				--	--	--
ARTILLERY, SELF-PROPELLED				405	405	405
M110		203mm self-propelled howitzer	M110	60	60	60
	T69	155mm self-propelled howitzer	M109	20	20	20
M109		155mm self-propelled howitzer	M109	225	225	225
M44		155mm self-propelled howitzer	M44	+	+	+
M108		105mm self-propelled howitzer	M108	100	100	100
ARTILLERY, TOWED				1060	1060	1060
M115		203mm howitzer	M115	70	70	70
TRF1		155mm howitzer	TRF1	--	--	--
M114	T-65	155mm howitzer	M114	250	250	250
M59		155mm howitzer	M59	90	90	90
M101	T-64	105mm howitzer	M101	650	650	650
M116		75mm pack howitzer	M116	--	--	--
ARTILLERY ROCKETS						
	KF III/IV	126mm MRL		+	+	+
	KF VI	117mm MRL		+	+	+
Surface-to-Surface Missiles						
Hsiung Feng II				+	+	+
Anti-Tank Missiles				1000	1000	1000
TOW				1000	1000	1000
Recoilless Launchers				500	500	500
M40A1		106mm		500	500	500
Type 51		106mm		+	+	+
M67		90mm		+	+	+
Aviation				220	254	
O-1		Fixed-Wing		--	--	
AH-64D		Rotary		--	30	
AH-1W		Rotary		62	62	
CH-47SD		Rotary		9	18	
500D		Rotary		--	--	
KH-4 [Kawasaki]		Rotary	H-13	--	--	
OH-58D		Rotary		39	39	
TH-67		Rotary		30	30	
UH-1H		Rotary		80	40	
UH-60H		Rotary		--	35	
Mastiff III		UAV		+	+	

Fonte: <http://www.globalsecurity.org/military/world/taiwan/army-inventory.htm>

• Equipamentos militares da Marinha

	Type	Class	2005	2010	2015
Submarines			4	10	10
	Hai Lung II		--	8	8
	Hai Lung	Zwaardvis	2	2	2
	Hai Shih	GUPPY	2	--	--
Destroyers			7	9	9
	Chi Teh	Kidd	--	4	4
	Chao Yang	Gearing	7	5	5
	Heng Yang	Fletcher	--	--	--
Frigates			22	37	37
	Cheng Kung	Perry	8	8	8
	Chi Yang	Knox	8	8	8
	Kang Ding	La Fayette	6	6	6
	Kuang Hua-V		--	14	14
	Wen Shan	Crosley	--	--	--
Patrol Craft			58	83	83
	Ching Chiang		9	9	9
	Kuang Hua-VI		1	30	30
	Lung Chiang	PSMM MK5	2	2	2
	Hai Ou	Dvora	48	48	48
	Ping Jun	Auk	--	--	--
Mine Warfare			12	12	12
	Yung Yang	Aggressive	4	4	4
	Yung Feng		4	4	4
	Yung Chou	Adjutant	4	4	4
Amphibious			17	17	17
	Hsuhai	Anchorage	1	1	1
	Chung Ho	Newport	2	2	2
	Chung Hai	LST-1	10	10	10
	Mei Lo	LSM-1	4	4	4
	U/I LCU		20	20	20
	U/I LCM		205	205	205
	U/I LCVP		100	100	100
Support			19	19	19
	Wu Yi		1	1	1
	Yuen Feng		2	2	2
	Wu Kang		2	2	2
	Tankers		2	2	2
	Salvage		2	2	2
	Survey		1	1	1
	Transports		9	9	9
1st Aviation Group		Pingtung			
	133rd Sq.	Pingtung	S-2T	15	15
	134th Sq.	Pingtung	S-2T	15	--
			P-3 Orion	--	12
			MH-53H S	--	12
2nd Aviation Group		Tsoying			
	501st HSL	Tsoying	500MD/AS	12	12
	701st HSL	Hualien	S-70C(M)-	10	20
	702nd HSL	Tsoying	S-70C(M)-	11	11

• Equipamentos militares da Força Aérea

	Source	Armament	INVENTORY			
			2005	2010	2015	
FIGHTER			421+	421+	421+	
F-16	Falcon	USA	AIM-7 / AIM-9	146	146	146
Mirage 2000		France	MICA / MAGIC-II	57	57	57
IDF	<i>Ching-kuo</i>		Sky Sword-II	128	128	128
F-5		USA		90+	90+	90+
F-104		USA		--	--	--
F-100		USA		--	--	--
EARLY WARNING			4	4	4	
E-2T/K		USA		4	6	6
RECCE			8	8	8	
RF-5E		USA		8	--	--
RF-104G		USA		8	8	8
ACH-1		USA		--	--	--
ELECTRONIC WARFARE			5	5	5	
CC-47				2	2	2
C-130HE		USA		3	3	3
TRANSPORT			36	36	36	
Beech 1900				11	11	11
Boeing 707-720B		USA		--	--	--
Boeing 727-100		USA		--	--	--
Boeing 737-800		USA		1	1	1
C-47		USA		--	--	--
C-54		USA		--	--	--
C-118B		USA		--	--	--
C-119G		USA		--	--	--
C-123B/K		USA		--	--	--
C-130H		USA		20	20	20
DC-6B				--	--	--
Fokker F-50				3	3	3
HELICOPTERS			35	35	35	
CH-43		USA		--	--	--
CH-47		USA		3	3	3
HU-16B				--	--	--
S-62A (VIP)				1	1	1
S-70C-1				13	13	13
S-70C-6				4	4	4
UH-1H		USA		--	--	--
Training			78	78	78	
AT-3				36	36	36
T-28A				--	--	--
T-33A				--	--	--
T-34C		USA		42	42	42
T-38A		USA		--	--	--
T-CH-1				--	--	--
Bell 47G				--	--	--
Hughes 500				--	--	--

Fonte: <http://www.globalsecurity.org/military/world/taiwan/airforce.htm>

4. Factor circulação

Aeroportos: 42 (est. 2006)

Aeroportos – com pista asfaltada:

Total: 38

Acima de 3.047 m: 8

2.438 a 3.,047 m: 9

1.524 a 2.437 m: 11

914 a 1.523 m: 8

Inferior 914 m: 2 (2006)

Caminho-de-ferro:

Total: 2.497 km

Estradas:

Total: 37.299 km

Alcatroadas: 35.621 km

Pipelines:

Gás: 435 km; derivados de petróleo: 25 km

Portos: Chi-lung (Keelung), Hua-lien, Kao-hsiung, Su-ao, T'ai-chung

Marinha mercante:

Total: 123 navios (mais de 1000 toneladas brutas registadas) (GRT) 3.095.383GRT

Fonte – <https://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/tw.html> (5 de Novembro de 2006)

Apêndice 5 - Crises entre Taiwan e China

Ao longo da segunda metade do século XX várias situações de tensão foram criadas, com base na pretensão de reunificação por parte da República Popular da China ou na reivindicação da independência preconizada por Taiwan.

Após a segunda Guerra Mundial as superpotências EUA e URSS definiram as suas linhas de confrontação e esferas de influência. Neste espaço geográfico a Administração Truman considerou, a área a Oeste, de uma linha imaginária a meio do Mar do Japão, entrando pelo Continente ao longo do paralelo 38 na península da Coreia e passando entre a China e Taiwan, como sua zona de influência. Não ficou definido a posse dos arquipélagos mais importante Pescadores, Quemoy, Matsu, Dazhan e Pratos.

A primeira crise ocorreu em 1954-55 com o bombardeamento dos arquipélagos de Quemoy (Jinmen) e Matsu (Mazu), por parte do EPL, terminando com uma resolução pacífica, após um acordo com os EUA, embora estes só tenham prestado apoio logístico ao Exército nacionalista de Chiang Kai-shek. Como consequência foi assinado um acordo de defesa mútua entre o EUA e Taiwan.

Os EUA desde o fim da guerra da Coreia, 1949-53, passaram a considerar como sua esfera de influência o Nordeste asiático, ficando potenciada definitivamente a decisão chinesa de iniciar um programa autónomo de investigação nuclear.

A segunda crise ocorreu em 1958 com nova investida da RPC sobre as ilhas de Quemoy e Matsu. Esta acção materializou já a disputa EUA-URSS, pois, a China entendia que tinha a protecção dos soviéticos, caso o conflito se agravasse. Por outro lado os EUA interessados em não sair enfraquecidos na sua luta contra o comunismo, opuseram-se. Os russos não tomaram qualquer atitude, pois, apareciam já os primeiros indícios de clivagem entre Pequim e Moscovo devido à iniciativa independente, de investigação nuclear chinesa.

Durante a década de 70 verificou-se uma aproximação Sino-Americana, tendo a China abandonado a sua política de unificação de Taiwan pela força e formulado nova orientação de “reunificação pacífica”. Os EUA aceitaram o facto de existir apenas uma China, e que Taiwan fizesse parte dela, mas apoiando uma resolução pacífica do problema. Concorrentemente com este desenvolvimento das relações EUA-China, em Abril de 1979 é promulgado o Taiwan Relation Act (TRA) pela Administração americana, comprometendo-se a defender a ilha em caso de invasão, com o objectivo de promover a paz, segurança e estabilidade no Nordeste da Ásia-Pacífico.

Para os representantes de Taiwan ia sendo cada vez mais difícil o relacionamento diplomático com outros países, mas em contrapartida viam a sua economia florescer e até

estabelecer acordos comerciais com a China em que capitais taiwanesas participavam no programa de desenvolvimento de RPC.

A década de 80 decorreu de uma forma serena, sem atritos de maior.

Lee Teng-Hui, um nativo de Taiwan, “eleito” Presidente desde 1990, que não tinha relações pessoais com os dirigentes da República Popular da China, fortemente anticomunista, foi responsável pela alteração de relacionamento até então existente com o Continente através de um discurso inovador em que dizia que “através do Estreito existia na verdade uma China dois governos”. Os primeiros anos da década de 90 do século XX decorreram num clima de abertura e diálogo a nível comercial e social, mas acentuava-se a clivagem política com conceitos de mudança das questões de soberania e reunificação aliados a propostas em fórum internacional para que Taiwan tivesse assento na ONU.

Em 1995, ano anterior às eleições, ocorreram disputas, procura de protagonismo e por vezes discursos acalorados por parte dos candidatos que se começavam a perfilar. Numa jogada de antecipação e pretendendo manter a iniciativa no processo de negociação com Taiwan o Presidente chinês Jiang Zemin apresenta uma proposta, com oito pontos, destinadas à reunificação. Essa acção em Abril sofreu uma recusa e uma contra proposta em seis pontos por parte do Presidente Lee Teng-Hui. As propostas eram moderadas enfatizando a necessidade de contactos bilaterais, mas possuíam três diferenças acentuadas: “Para Jiang, Taiwan tinha de aceitar um estatuto subordinado enquanto Lee defendia uma igualdade; Jiang exigia a suspensão das ofensivas diplomáticas de Taiwan, enquanto que Lee argumentava com a cessação da oposição por parte de Pequim à sua expansão no campo da política internacional; por fim Jiang insistiu no direito de recurso à força contra Taiwan enquanto que Lee apelou à sua renúncia”. Durante o decurso das reflexões sobre as propostas apresentadas Lee Teng-Hui efectuou uma visita privada aos EUA em Maio de 1995 que foi entendido pela China como um potencial início de uma relação diplomática. Assistiu-se aqui a uma convivência de Washington, pois, até então políticos taiwaneses não tinham autorização de entrada nos Estados Unidos. Face a todas estas ocorrências a China numa manifestação de descontentamento e usando a diplomacia coerciva efectuou de Junho a Agosto vários disparos de mísseis para áreas perto de Taiwan, no âmbito de denominados exercícios anuais.

Em Março de 1996 e antes das eleições presidenciais em Taiwan, Pequim anunciou novo conjunto de exercícios aero-navais. Nesta sequência de manifestação de força os EUA fizeram avançar para a região dois grupos de combate com respectivos Porta-Aviões (o Independence e o Nimitz) e ainda três submarinos nucleares.

Poder-se-á concluir como resultado desta crise (94-96) que: a China pretendeu demonstrar não aceitar intenções independentistas; por outro lado foram reforçados os laços de aliança entre os EUA e o Japão passando este a providenciar apoio logístico directo às Forças americanas estacionadas na Ásia; o orçamento de Defesa de Taiwan sofreu um incremento; assistiu-se à interacção entre a diplomacia coerciva chinesa e a diplomacia de dissuasão dos Estados Unidos.

Após tais desenvolvimentos aumentou visivelmente a desconfiança entre os dois lados do estreito e arrefeceram as relações entre os Estados Unidos e a China.

No final do ano decorreram as eleições presidenciais em que concorreram quatro candidatos apoiados por diversos partidos tendo sido reeleito Lee Teng-Hui pelo partido Koumitang (KMT). Os resultados ficaram longe de representar uma vitória de Pequim.

O final da década de 90 caracterizou-se por um novo enquadramento da estrutura política de Taiwan quer a nível da Assembleia legislativa quer a nível da eleição presidencial que vai aprimorando o conceito de democracia e conseqüente aumento de dinâmica dos programas eleitorais dos líderes partidários no sentido de cativarem o eleitorado. Até então o partido político de referência era o Koumitang, começando a assistir-se ao crescimento do Partido Democrático Progressista (PDP), com um discurso político que considerava ser Taiwan uma entidade separada da China, em contraste com o KMT defensor de uma linha em que embora Taiwan e a China Continental estivessem divididas eram ambas parte de uma China. Em sentido lato poderia dizer-se que o Partido Democrático Progressista era pró-independista, enquanto o Koumintang era pró-reunificação. Estas posições são mais ou menos incisivas consoante os líderes dos dois partidos entendem ser necessário influenciar o eleitorado.

Em 1997 e 1998 decorreram encontros entre os presidentes dos EUA e da China em que mais uma vez os EUA consideraram a China como parceiro estratégico, atitude enfatizada por Washington através da declaração dos três “não”:

- Não à independência de Taiwan;
- Não a duas Chinas;
- Não à participação de Taiwan em organizações internacionais reservadas a Estados.

Continuou, assim, a assistir-se a duas formas de abordar o problema. Por parte de Taiwan defendia que devem ser reforçados os laços económicos e técnicos entre ambos os lados, por parte da China entendia que primeiro se trata das questões políticas e só depois das outras.

Entretanto o ano de 1998 anterior a eleições para a presidência é pródigo novamente em discursos e afirmações extremadas, onde Lee Teng-Hui, então Presidente, definiu as relações através do estreito como “entre dois países”, advogando ainda que Taiwan não necessitava de declarar a independência, pois a “Republica da China” já era um “país independente” desde a sua fundação em 1912. Esta tomada de posição teve muito mais a ver com uma disputa eleitoral interna do que uma posição oficial, pois o concorrente mais forte era Chen Shui-Bian do PDP considerado pró independentista. Esta declaração provocou a alteração do conceito no debate “um país, dois sistemas” para “uma Nação, dois Estados”.

No início de 2000 a RPC publica um novo “livro branco da Defesa” no qual como causa para uma acção militar chinesa contra a ilha bastava uma atitude sobre qualquer nome que permitisse separar Taiwan da China, quando do anterior apenas tal se verificaria se ocorresse um movimento independente ou uma invasão estrangeira.

Em Março de 2000 ocorrem eleições tendo sido eleito Presidente Chen Shui-Bian do partido PDP, e embora parecendo que a linha ideológica era pró independentista, na sua tomada de posse em 20 de Maio declarou que Taiwan não pretendia declarar a sua independência nem realizar qualquer referendo sobre a questão. Esta vitória representou a primeira verdadeira mudança de política ocorrida em Taiwan no quadro do sistema democrático já implantado.

Um outro momento de crise ocorre em Agosto de 2002 quando o presidente Chen Shui-Bian caracteriza a situação entre os dois lados do estreito como “um país de cada lado”.

Em Novembro de 2002 Jiang Zemin entrega o seu relatório político ao 16º congresso do Partido Comunista Chinês, descrevendo as futuras linhas de acção relativas a

Taiwan com uma estrutura de “um país, dois sistemas e reunificação pacífica”. Para além destas tomadas de posição a situação manteve-se calma, tendo havido um incremento no plano económico. Verificou-se, contudo um abaixamento de tom por parte de Pequim em resultado possivelmente dos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 e da actual forte dinâmica empresarial entre os dois lados do Estreito.

Em 2003 Hu Jintao assume a presidência Chinesa e o diferendo em relação a Taiwan parece ter saído da agenda do discurso político. A liderança Chinesa dá prioridade ao desenvolvimento económico e estreitamento de relações comerciais desde que Taiwan não efectue provocações independentistas.

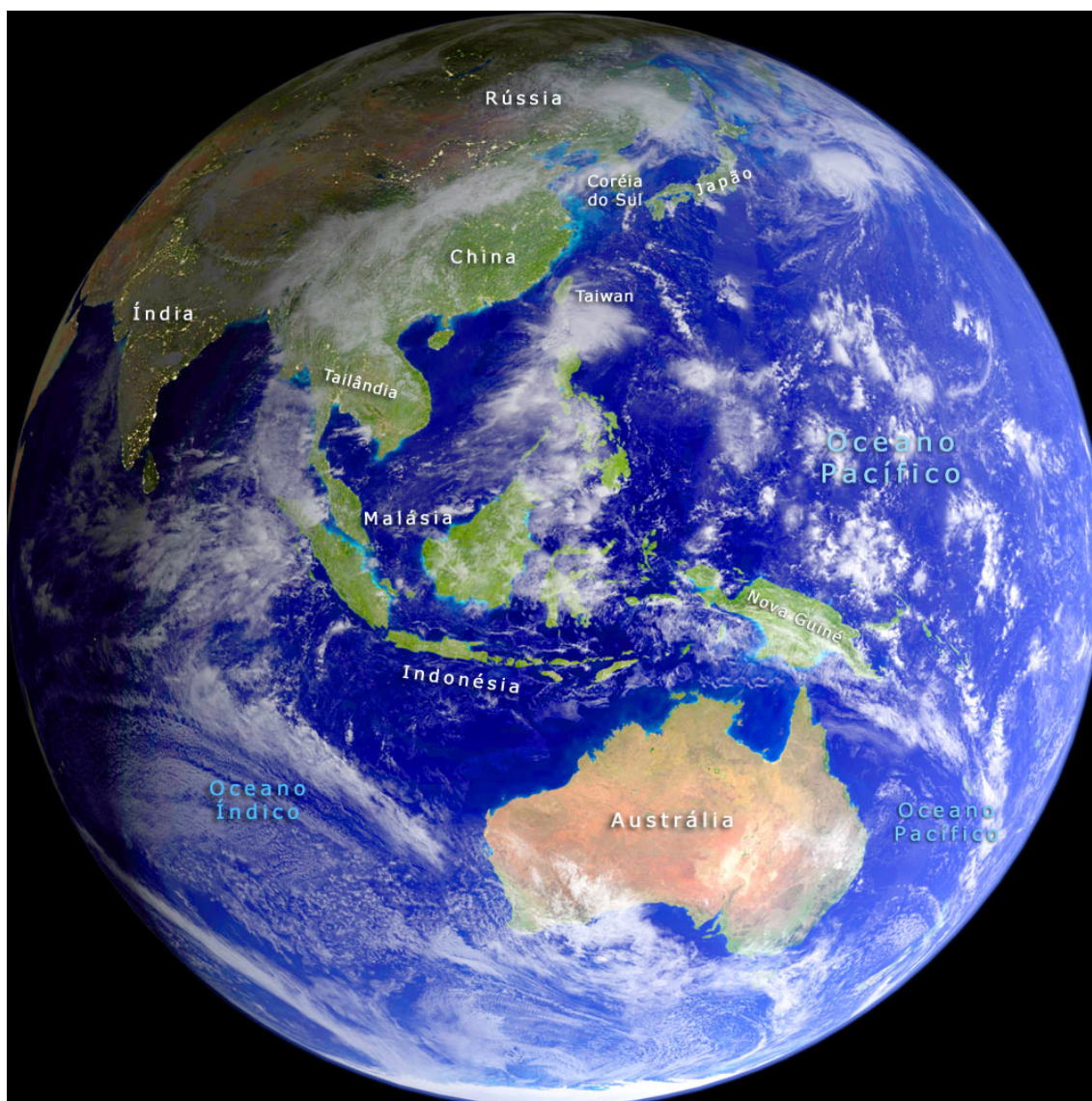
A disputa política, em Taiwan, começou a ganhar outros contornos com a democratização a acentuar-se. Embora, dois partidos KMT e PDP se destacassem, por si só, não são capazes de liderar a Assembleia Legislativa sem se coligarem com outros. Em Março de 2004 ocorreram eleições para a presidência tendo sido reeleito Chen Shui-Bian. Paralelamente foi efectuado um “referendo defensivo” proposto pelo Presidente que questionava se:

- Taiwan deveria adquirir sistemas anti-missil para aumentar a sua capacidade defensiva.
- Taiwan poderia entrar em conversações com a China para o estabelecimento “paz e estabilidade” como princípio de interações entre os dois lados do Estreito.

Ambos não obtiveram provimento pois foram registados menos de 50% de votantes.

Em Dezembro de 2004 tiveram ainda lugar as eleições para a Assembleia Legislativa onde a coligação opositora “Pan- Azul” formada pelos partidos KMT, PFP e NP obteve a maioria dos lugares em relação à coligação “Pan- Verde” formada pelo PDP e UST. Numa breve análise podemos dizer que embora o PDP fosse o partido maioritário e do qual era o Presidente partidário não detinha a maioria parlamentar. De outra forma pode-se interpretar que a população da ilha não se identificava com a “agenda independentista” do Presidente.

Anexo A – Região Ásia-Pacífico



Fonte: <http://www.oceania-turismo.com/mapas/asia-oceania.htm> (28 de Dezembro de 2006)

Anexo B – Região Noroeste da Ásia-Pacífico



Fonte: Atlas universal Expresso (2005). Ásia e Oceânia. Editorial Sol 90

Alguns dados referentes aos países da região

Países	Área* (km ²)	População*	Número de Militares**
Rússia	17.075.200	143.000.000	1.212.069
Coreia do Norte	120.000	23.000.000	1.600.000
Coreia do sul	98.000	48.000.000	687.000
Japão	377.835	127.463.611	260.250
China	9.596.960	1.300.000.000	2.225.000
Taiwan	360.000	23.000.000	290.000

*Fonte: CIA 2006

**Fonte: Military Balance 2005

Anexo C – Região Sudoeste da Ásia - Pacífico



Fonte: <http://worldatlas.com/webimage/countrys/as.htm> (30 Outubro 2007)

Dados referentes a alguns países da região

Países	Área* (km ²)	População*	Número de Militares **
Filipinas	289.000	87.857.000	106.000
Tailândia	511.770	65.444.000	300.000
Malásia	328.550	23.953.000	110.000
Indonésia	1.826.440	245.452.739	302.000
Singapura	683	4.492.150	7200

*Fonte: CIA 2006

**Fonte: Military Balance 2005

Anexo D – Região Sul da Ásia - Pacífico



Fonte: Atlas universal Expresso (2005). Ásia e Oceânia. Editorial Sol 90

Alguns dados sobre os países desta região

Países	Área* (km ²)	População*	Número de Militares **
Austrália	7.500.000	20.000.000	52.000
Nova Zelândia	269.000	4.000.000	8.500

*Fonte: CIA 2006

**Fonte: Military Balance 2005

Anexo E – Alguns dados sobre os EUA e a Índia

Países	Área* (km ²)	População*	Número de Militares**
EUA	9.631.418	300.000.000	1.433.699
Índia	3.287.509	1.195.351.985	1.350.000

*Fonte: CIA 2006

**Fonte: Military Balance 2005

Anexo F – Asia Pacific Economic Corporation (APEC)

Fórum de cooperação económica criado em 1989 por iniciativa dos EUA. Reúne 21 países da região Ásia-Pacífico, representando aproximadamente 50% do PIB e 60% do comércio mundial. Os “objectivos de Bogor” adaptados pelos países da APEC em 1994 prevêm a realização de uma zona de livre comércio em 2010 para os países industrializados, e em 2020 para os países em via de desenvolvimento.

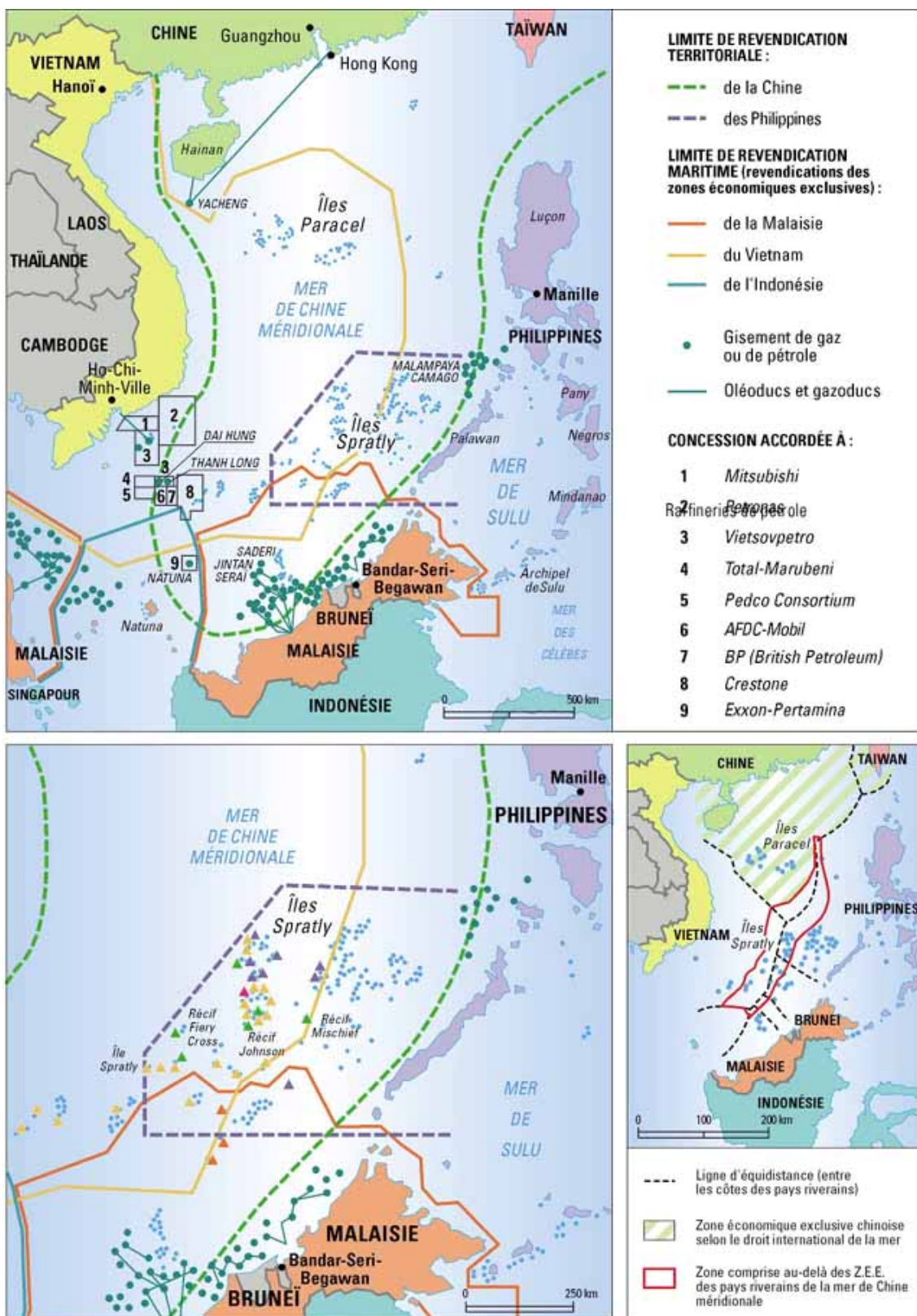
Os “três pilares” de actuação da APEC focalizam-se:

- Liberalização mútua do investimento e do comércio;
- Facilitar as trocas comerciais;
- Cooperar técnica e economicamente;

Os seus membros são: Austrália, Burnei, Canadá, Chile, República Popular da China, Hong-Kong, Indonésia, Japão, República de Coreia, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, Peru, República das Filipinas, Rússia, Singapura, Taiwan, Tailândia, Estados Unidos da América e Vietname.

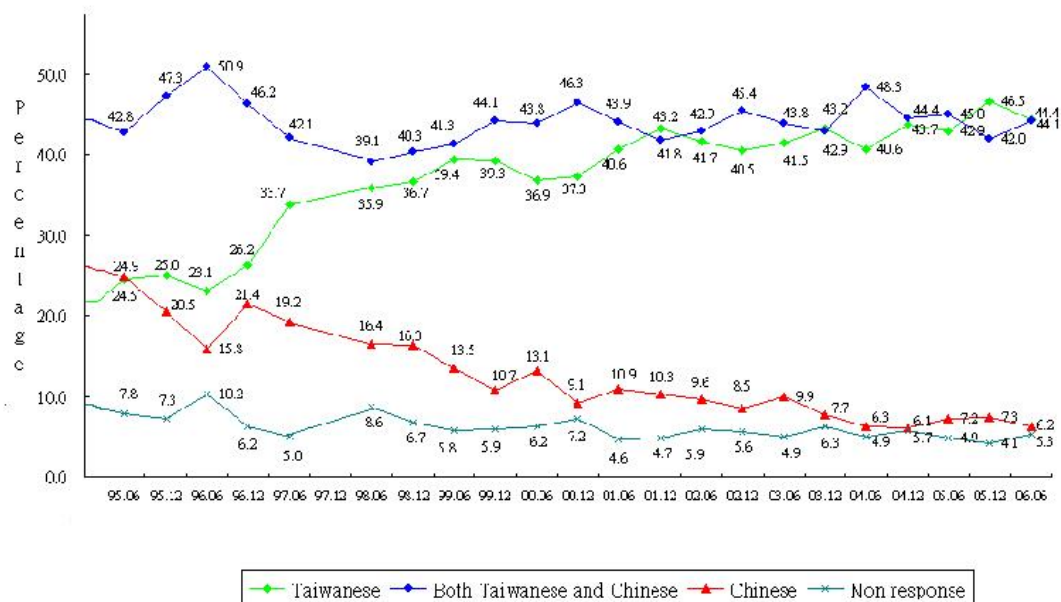
Fonte: <http://www.apecsec.org.sg/> (2 Novembro 2006)

Anexo G – Disputas territoriais



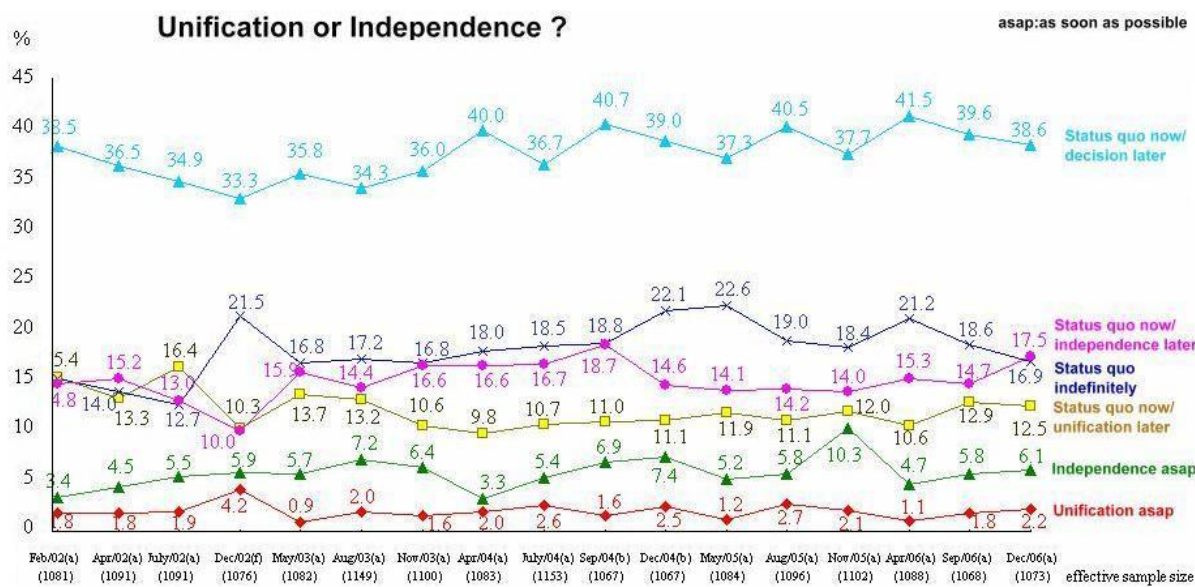
Fonte: <http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/spratlymdv1997> (19 de Dezembro de 2006)

Anexo H - Identidade taiwanesa / chinesa (1995-2006)



Fonte : <http://esc.nccu.edu.tw/eng/data/data03-2.htm> (15 de Janeiro 2007)

Anexo I – Sondagem de opinião Pública

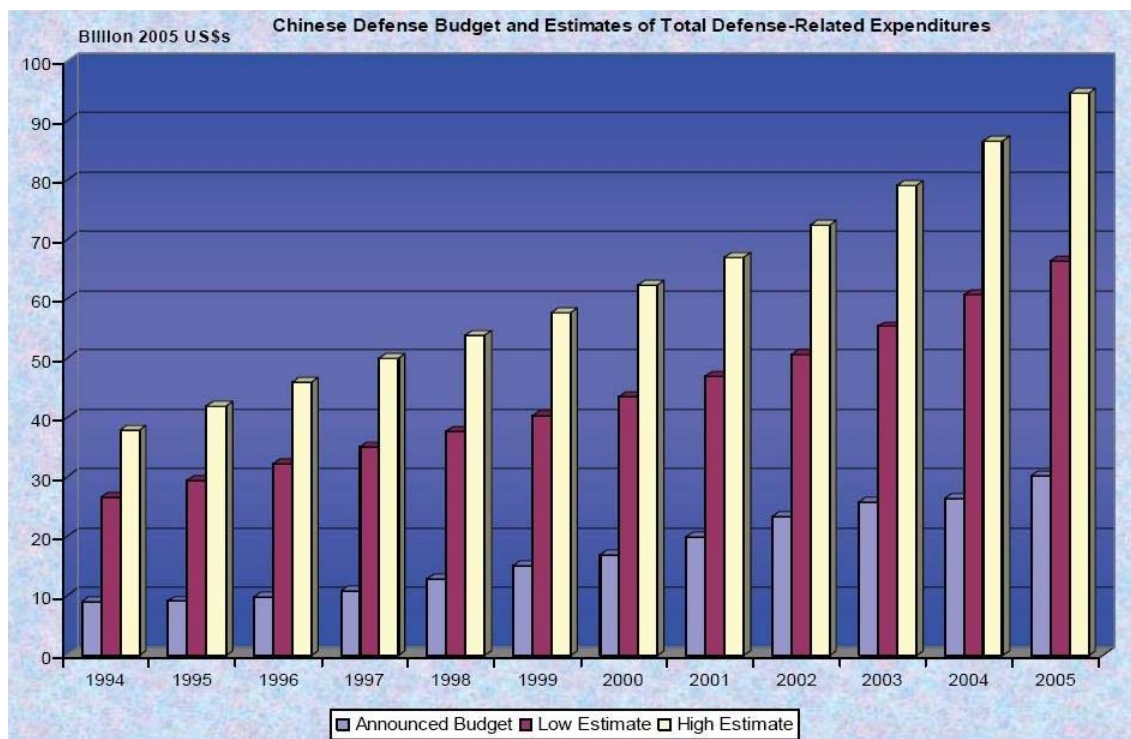


- (a) Election Study Center, National Chengchi University, Taipei (886-2-29387134)
- (b) Burke Marketing Research, Ltd., Taipei (886-2-25181088)
- (c) China Credit Information Service, Ltd., Taipei (886-2-87873266)
- (d) Center for Public Opinion and Election Studies, National Sun Yat-Sen University, Kaohsiung (886-7-5252000)
- (e) Survey and Opinion Research Group, Dept. of Political Science, National Chung-cheng University, Chiayi (886-5-2720411)
- (f) e-Society Research Group, Taipei (886-2-27213658)

Taiwanese adults aged 20-69 accessible to telephone interviewers

Fonte: <http://www.mac.gov.tw/english/index1-e.htm> (15 de Janeiro 2007)

Anexo J - Estimativa do Orçamento de Defesa Chinesa



Fonte: <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2006/2006-prc-military-power04.htm>

Anexo K – Venda de equipamento militar da Rússia à China

Equipment	Year	Quantity
Su-30MKK aircraft	2001	38
Kilo-class submarines	2002	up to 8
SOVREMENNYI II-class destroyers	2002	2
S-300PMU-1 surface-to-air missile system	2002	4 battalions
Su-30MK2 aircraft	2003	24
S-300PMU-2 surface-to-air missile system	2004	8 battalions
AL-31F aircraft engines for the F-10 fighter	2004	100
IL-76 transport aircraft	2004	10
RD-93 aircraft engines for the JF-17 fighter	2005	100
IL-76 transport aircraft	2005	40
IL-78 tanker aircraft	2005	8

Fonte: <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/2006/2006-prc-military-power04.htm> (3 Fevereiro 2007)

Anexo L – Potencial de mísseis balísticos da China

<i>Designação OTAN</i>	CSS-2	CSS-3	CSS-4	JL-1	CSS-5	CSS-6	CSS-X-7	CSS-7	CSS-8	DF-31	JL-2
<i>Designação Chinesa</i>	DF-3	DF-4	DF-5	JL-1	DF-21	DF-15	DF-11	DF-21 C	DF-25	DF-31	JL-2
<i>Alcance provável (em quilómetros)</i>	2800	5500	8500	1800	1700	600	300	1800	1700	8000 a 11270	9000
<i>Número de Mísseis*</i>	14 a 18	20 a 24	20	10 a 14	19 a 23	230 a 270	420 a 460	15	n.d.	n.d.	n.d.
<i>Número de Ogivas por Míssil</i>	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
<i>Erro Circular Provável (metros)</i>	1000	1370	500	?	300	300	?	?	?	?	?
<i>Peso da Ogiva (kg)</i>	2150	2200	3200	600	600	500	500	600	2000	700	700
<i>Tipo de Combustível Propulsor</i>	Líquido	Líquido	Líquido	Sólido	Sólido	Sólido	Sólido	Sólido	Sólido	Sólido	Sólido
<i>Estado</i>	Ao serviço	Ao serviço	Ao serviço	Ao serviço	Ao serviço	Ao de serviço	Em fase de introdução operacional	Ao	Testado e ao serviço entre 2008 e 2010	Ao serviço	Ao serviço entre 2008 e 2010

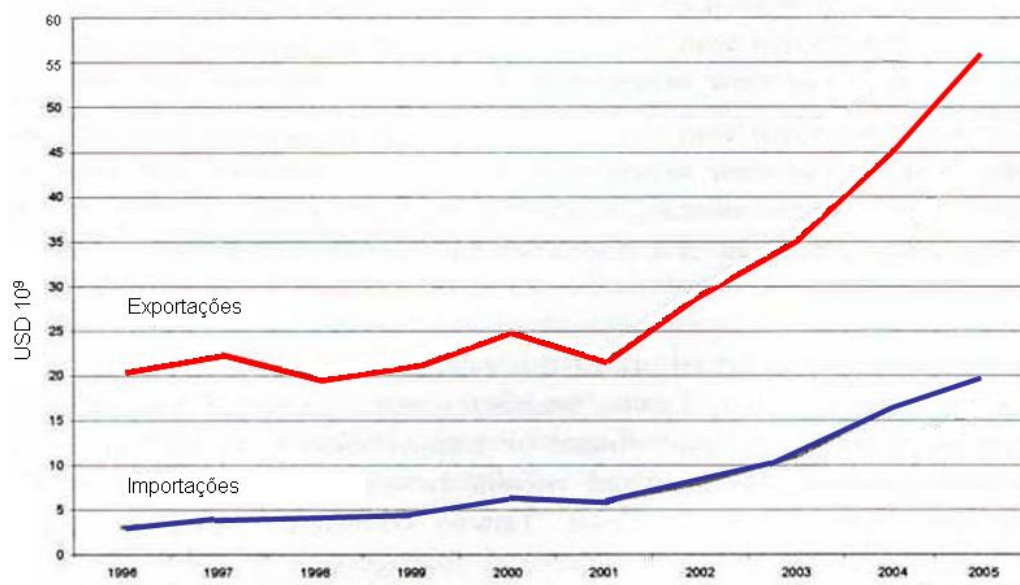
Fonte: Carriço, Alexandre (2006). De cima da grande muralha: Política e estratégia de defesa territorial da RPC, pág. 550

Anexo M – Quantitativo convencional das Forças de Taiwan e da China em 2005

Meios	China	Taiwan
Efectivos no Activo	1.600,000	200.000
Total de Reservistas	800,000 + 1.500,000 efectivos da Polícia Popular Armada + número indeterminado de civis militarizados (<i>wenzhi ganbu</i>)	1.700,000
Total de Forças Terrestres	1.870,000	240,000
Carros de Combate	Cerca 6,500 no total 6,000 T-59; 1,000 T-69; 500 T-80; 800 T-85; 1,200 T-63 (anfíbios); 800 T-62; reduzido número de T-90	Mais de 720 no total (100 M-48 A5; 450 M-48H; 169 M-60 A3; 230 M-24; 675 M-41/T-64)
Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP)	5,500	950
Artilharia de Campanha	14,500	4,400
Efectivos da Força Aérea (total)	420,000 + 100,000 nas forças estratégicas	65,000
Aviões de Combate (total)	3,483	598
Bombardeiros	320 (B-5 e B-6)	Nenhuns
Helicópteros	353 no total (33 de luta anti-submarina, 78 de transporte e 242 do Exército)	293 (244 do Exército, 20 da Força Aérea, 30 de luta anti-submarina)
Caças	3,163 no total (1500 J-6 obsoletos; 700 J-7; 250 J-8; 112 Su-27; 80 Su-30, 10 J-10; 200 J-11 (em fase de fabrico), 500 A-5)	622 no total (272 velhos F-5; 150 F-16 A/B; 60 Mirage 2000-5; 130 IDF; 200 F-7)
Aviões de Transporte	415 (20 IL-76, cerca de 50 Y-8; com o restante a ser composto por pequenos AN-24, AN-26 e Y-5)	45
Aviões de Vigilância Aérea	50 A-50	4 E-2T
Efectivos da Marinha (total)	230,000 (26,000 da Força Aérea Naval, 7,000 fuzileiros navais)	73,000 (1,700 da Força Aérea Naval; 30,000 fuzileiros navais; 16,000 Guardas Costeiros)
Principais Vasos de Guerra	20 <i>destroyers</i> (2 <i>Luhu</i> , 1 <i>Luda III</i> , 1 <i>Luda</i> , 14 <i>Luda</i> (tipo 051, 2 <i>Sovremenny</i>) 36 fragatas (4 <i>Jiangwei</i> , 30 <i>Jianghu</i> , 2 <i>Chengdu</i>) 2,700 embarcações de outros tipos	18 <i>destroyers</i> ¹⁴⁴¹ ; 21 fragatas
Submarinos	63 (1 estratégico (<i>GolfXia</i>), 62 tácticos (5 <i>Han</i> , 1 <i>Romeo</i> , 1 <i>Song</i> , 5 <i>Kilo</i> - EKM 877, 1 <i>Kilo</i> EKM 636, 13 <i>Ming</i> , 36 <i>Romeo</i>)	4 multi-missões
Draga-Minas	121	16
Patrulhas Costeiros	680	104
Navios Anfíbios	71 <i>Yukan</i> (200 homens, 10 CC), 13 <i>Shan</i> (150 homens, 16 CC), 5 <i>Yuting</i> , 31 <i>Yuliang</i> , 1 <i>Yuling</i> , 1 <i>Yudeng</i> (100 homens, 3 CC); 9 <i>Wuhu-A</i> (250 homens, 2 CC), 6 <i>Quonsha</i> (400 homens, 350 toneladas de carga)	18
Navios de Apoio Logístico e Mistos	165	22

Fonte: Carriço, Alexandre (2006). De cima da grande muralha: Política e estratégica de defesa territorial da RPC, pág. 548

Anexo N - Transacções comerciais entre Taiwan e a China



Fonte: <http://www.mac.gov.tw/big5/statistic/em/167/6.pdf> (3 de Fevereiro 2007)

Anexo O - Principais parceiros comerciais de Taiwan



Fonte: <http://www.gio.gov.tw/taiwan-website/5-gp/yearbook/09economy.htm> (5 Janeiro 2007)